FON
FON
ANNO XXIII — N.º 33
Rio, 17 de Agosto de 1929
Preço: 1$000

O Conto Brasileiro

EFFEITOS DE UM PRESENTE DESASTRADO...

Por Dante Angyone Costa

MARIA Luisa estava no seu "boudoir" rico de mulher de bom gosto. Uma luz roxa banhava aquelle luxo raro. Havia quadros, livros, espelhos e um Buddha, grande e ôco, que guardava no seu bojo o telephone branco, todo esmaltado.

Maria Luisa era linda. Linda e intelligente. E estava alli porque se casára com um cidadão de muito dinheiro, bojudo como o seu Buddha, e sem espiritualidade nenhuma no cerebro ôco. Casára quasi contra a vontade, depois de um romance de amor que terminou com a morte do primeiro noivo. Desde então, a sabedoria paterna começou a lhe procurar um outro marido. E o primeiro que appareceu foi o Manoel da Cruz, o abastado dono dos "Grandes Armazéns da Estrella". Um temperamento materialista, completamente differente da mulher que ella era. Um "nouveau-riche".

Com o casamento começou, então, para Maria Luisa, uma vida vazia de amor. Uma vida que não era vida de ninguem. Mas agora esse estado de coisas ia acabar.

Pelo menos, já tinha com quem trocar idéas, palestras, já tinha um companheiro para os seus longos passeios espirituaes. E' que, semanas atrás, na recepção de uma amiga, havia conhecido Sylvio Deborda, um literato joven.

Durante a festa, conversaram muito, dançaram e elle disse então para ella palavras amaveis, quasi amorosas, cheias de um encantamento muito suave.... Palavras que calaram profundamente no espirito moço e incomprehendido de Maria Luisa.

Desde então elle sempre lhe telephonava, interessando-se vivamente pela sua pessoa; e mantinham assim, pelo telephone, palestras enormes, agradabilissimas, nas quaes eram commentados os assumptos mais diversos.

Aquelle contacto quasi diario, e a affinidade de temperamento entre ambos, acabou creando entre elles um sentimento que era um pouco mais que amizade. Era amor.

E as palestras se foram repetindo e esse amor foi augmentando. Agora era paixão. Paixão enorme, dominante. E havia motivos para isso. Maria Luisa era alta, morena, de uma belleza quasi classica. E Sylvio era o literato Sylvio Deborda. Um corpo de athleta, encimado por uma cabeça de linhas perfeitas, mathematicas. Por uma cabeça como deveriam ser as cabeças de todos os Hoplitas poetas da Grecia antiga.

E' preciso dizer que essa paixão nunca havia passado de um platonismo absoluto.

Já eram sem conta as vezes que Deborda havia pedido uma entrevista onde pudessem estar a sós, discretamente.... Emfim, ella havia cedido. E amanhã, se ella lhe telephonasse, se encontrariam no appartamento delle, lá no Ipanema.

Maria Luisa estava visivelmente confusa e um pouco atordoada. Não sabia o que fizesse. Punha de cada lado os prós e os contras, analysava muito o que ia fazer.

De um lado via a sua figura exteriormente feliz, passeando nos salões a sua elegancia gabada; e lá dentro de si uma tristeza enorme, o supplicio grande de viver unida ao marido, que ella achava mais rude que todos os outros maridos.

No outro lado, via a alegria feliz das suas relações com Deborda, servindo de pasto á voragem dessa sociedade que fareja escandalos, á falta de outra occupação. Tudo isso pesava muito na sua consciencia.

A idéa do adulterio parecia-lhe quasi monstruosa. Fôra creada num ambiente honesto e repugnavam-lhe extraordinariamente estes amores clandestinos.

Emfim, decidiu-se. Não telephonaria. Punha, ali mesmo, ponto final á sua primeira aventura de amor. Não telephonaria para Deborda.

Depois dessas reflexões, Maria Luisa estirou-se mollemente numa "chaise-longue", para descansar o espirito e talvez o corpo. Aquella falta de animação e o mormaço da tarde quente lhe fizeram mal. E procurou um livro para ler. Um livro de Wilde.

E já estava penetrando no romance, quando a sua camareira a veiu interromper com uma caixa bonita, toda forrada de "lamé" dourado.

"Está aqui uma encommenda que o Correio trouxe; e lá em baixo tem uma caixa de conservas que o patrão mandou para a senhora. Mas era muito pesada e eu resolvi deixar lá mesmo, na cozinha."

Aquillo feriu-lhe o ouvido; uma caixa de conservas mandada pelo marido?... Mas, então, isso era presente que se mandasse para alguem? Ah!... mas **certamente** aquella caixa de "lamé", seria uma

(Continúa na pagina 76).

O COMMENTARIO

OS Estados Unidos acabam de dar uma grande prova de seu entranhado amor á personalidade e á obra de seus grandes homens. Realizou-se alli um rigoroso e originalissimo concurso, afim de se escolher um moço capaz de, pela sua intelligencia, amor ao estudo, preparo e outras qualidades, ser no futuro o successor do maior inventor deste seculo até agora e do que lhe antecedeu, Edison. E a laurea coube a um rapaz de dezeseis annos!

Imitamos os americanos em tanta coisa que os devíamos macaquear tambem nisso. Porque não trabalharmos para estimular individuos desse modo, escolhendo por meio de tests e provas de varias especies successores para os nossos grandes homens. Aquelle em quem uma nação deposita confiança de tal natureza tem sobre os hombros responsabilidade de tal monta e deve ao mesmo tempo sentir-se tão orgulhoso que ha de envidar os maiores esforços para ser digno da honra que a sorte lhe dispensou.

Com esse systema se póde crear uma escola de saber, de honestidade e de civismo que produzirá os melhores resultados. Poderiamos escolher os successores de Euclydes da Cunha, de Ruy Barbosa, de Santos Dumont. E seria de esperar que elles não deixassem cahir ao chão a magna herança.

Eis ahi uma bella e patriotica herança a tentar. De maior proveito do que occupar-se com successões dessa ordem alevantada e mais digna do que andar a sonhar com as successões governamentaes dos Estados e da Federação. Talvez, assim, se curasse um pouco o maldito vicio da politiquagem...

A MÃO NEGRA

J. CESANNE

— Gordon! Que é isto?

E Jim F. Star, o rei da sconservas, mostrava a seu secretario uma folha sem timbre que encontrára em sua correspondencia particular, e na qual figurava uma soberba mão negra, com esta inscripção: "Apenas dezeseis dias".

— Isso — respondeu Gordon — é "A mão negra".

Jim F. Star applicou um formidavel pontapé em seu collaborador, e disse:

— Si fosse só para saber que aqui havia uma mão negra, eu não me teria dado ao trabalho de perguntar-te nada, pedaço de asno!

— Tenha a bondade de perceber que eu não manifestei: "E uma mão negra", mas: "E' a mão negra".

Jim F. Star inclinou a cabeça, replicando:

— E' verdade. Foi isso o que disseste. Mas eu não noto a differença...

— Senhor Star: vejo que se esqueceu da terrivel associação de malfeitores que tem esse nome.

Um riso homerico, um riso inextinguivel acolheu taes palavras.

— Comprehendo, meu amigo: "A mão negra" annuncia-me que me tornei um indesejavel e que só viverei dezeseis dias...

Gordon fez um gesto com os hombros, emquanto que Star retorcia o papel e o atirava á cesta.

— Gordon — disse o millionario. — Parece-me que tens muita imaginação, como affeiçoado ao cinema.

No dia seguinte, Jim F. Star recebia uma nova mão negra, com a legenda: "Faltam quinze dias".

— Eu já o temia, senhor Star.

O millionario não fez nenhum observação. Mas, ao machucar o papel em seus dedos, o gesto foi menos vigoroso que o do dia anterior.

No dia seguinte e nos posteriores, o estranho caso se repetiu.

Certa manhã, Jim F. Star declarou, de uma insegura maneira:

— Gordon: é necessario considerar bem este caso. Não te parece que devo embarcar minha senhora e o menino para a Europa?

— E' uma idéa muito discreta.

— Dentro de duas horas, zarpará um vapor.

Quando poz sua familia ao abrigo de qualquer contratempo, o rei das conservas sentiu-se mais tranquillo. Considerava facil adoptar medidas proprias a garantir sua pessoa contra o perigo que o ameaçava.

Já a policia official tinha noticia do assumpto, e os mais famosos detectives particulares velavam pela vida do millionario.

— O senhor tem inimigos? — tinham-lhe perguntado.

Não. Elle não sabia que tivesse inimigos.

Pagava esplendidamente seus operarios, já que por dez dollares lhe faziam um trabalho de oito horas justas. Todos elles tinham automovel e casas muito elegantes, com quarto de banho e apparelhos electricos para todos os mistéres...

Quem poderia desejar sua morte?

"A mão negra" continuava, implacavelmente, visitando o gabinete do rei das conservas e gritando-lhe no seu mysterioso silencio:

"Só faltam sete dias".

Existem varios recursos para um homem armar-se de coragem, quando por acaso esta chega a desapparecer.

Um dos mais agradaveis consiste em forçar um pouco a dose das libações ás quaes tem direito um homem honrado que respeita todas as leis de seu paiz.

O rei das conservas começou a absorver um numero consideravel de "cocktails" variados, antes de se dirigir a uma mesa onde se erguiam dignamente as garrafas de "extra-dry" das mais reputadas marcas.

"Faltam apenas tres dias..."

"Faltam apenas dois dias..."

A phrase fatidica não cessava de repetir-se ante os olhos do millionario.

Gordon achára prudente permanecer encerrado em sua casa. Seu patrão embriagava-se e era elle quem ficava enfermo. Enfermo por medo de se encontrar a cada passo com um pedaço de bomba ou simplesmente com uma bala lastimavelmente perdida.

Entretanto, Jim F. Star não sahia de seu palacio da avenida 33, deante do qual forças de policia formavam um imponente murro.

Afinal, chegou o grande dia. E com elle o enveloppe tão conhecido de Jim F. Star, e cuja origem a policia não conseguira descobrir.

O rei das conservas se embriagara desde cêdo de uma horrorosa maneira, esperando sua ultima hora.

Cheio de espanto, tremulo e chorando tão copiosamente como havia bebido, abriu o enveloppe tremendo, esperando lêr sua sentença definitiva. Pela manhã já havia dictado suas disposições testamentarias e tudo se achava em ordem.

Como morreria? Espedaçado? Com uma bala no cerebro? Atravessado com um punhal de meio metro? Envenenado?

Oh, surpreza!... O enveloppe não encerrava mais do que uma folha de papel branco, na qual se podia lêr:

"Já não haverá mãos negras, porque William A. Broocklin inventou os deliciosos sabões naturaes... Não tereis o perdão de Deus, si, desde hoje mesmo, não usardes este maravilhoso producto..."

Uma gargalhada homerica, um riso inextinguivel exteriorizou a alegria de Jim F. Star, ao sentir-se seguro...

Depois, commovido de admiração pela maneira tão suggestiva de annunciar um artigo, prometteu construir uma ponte de ouro ao autor da publicidade desse condemnado Broocklin, que devia ser um homem de genio, para quem a arte subtil do reclamo não tinha segredos.

M. C.

— Que é isto Gordon?

"O SUPER-HOMEM"...

DE M. ROMERO DELGADO

QUANDO traçou a palavra *fim*, ao pé da ultima folha de papel, sentiu essa satisfação um pouco melancolica, do artista que vê terminada a sua obra.

Alli, deante de si, em um blóco de 460 paginas, estava a sua novella, a sua primeira novella, — a obra com que tanto havia sonhado e cuja realização lhe custára tantos momentos de angustia, tantos momentos de dôr.

Quasi lhe parecia um seculo aquillo tudo.

Rememorava os instantes em que traçára cada linha, cada palavra. As paginas escriptas com letra firme, limpas de emendas e rasuras, lhe traziam á memoria a exatação feliz da potencia, em que a penna escrava traduzia a idéa sem vacillação e conforme a sua vontade. Em outras paginas, as letras de traços inseguros, as palavras entrecortadas e as continuas correcções, lhe relembravam as horas de desesperação e mortal pessimismo.

Havia escripto um livro com toda sua alma.

"O super-homem" — que assim se intitulava — era uma synthese de todas as suas experiencias, de toda a sua sciencia. Era a sua vida significada pela fantasia e elevada á categoria de symbolo.

E contemplando o maço de folhas de papel, meditava: "A immortalidade de uma obra está em relação á quantidade de "humanidade" que o autor tenha posto dentro della. E' facil proval-o. Ahi está a "Odysséa". Ulysses, Telemaco, Penelope, em suas almas se parecem até confundir-se com muitos homens e mulheres do nosso tempo e de todos os tempos. Porque Homero sabia descobrir em seus personagens os caracteres mais essencialmente humanos e, portanto, menos expostos á transformação. De oonde conclue que a immortalidade de Homero durará emquanto não mude a natureza essencial dos homens. Mas eu não tenho a menor duvida de que em meu livro ha maior "quantidade" de "humanidade" do que na "Odysséa". Não o digo por vangloria: creio que assim é, firmemente. Não é em vão que têm transcorrido tantos seculos entre o florescimento de Homero e o meu. Quer isso dizer que a vida do meu livro durará muitos seculos..."

E refestelava-se na sua larga poltrona, sorrindo um tanto inconscientemente. Mas de repente uma reacção se produz no seu espirito: "Parece-me que, na realidade, o unico motivo sério que me levou a escrever esse livro é o prurido da eternidade. E' triste que a procuração intellectual tenha o mesmo fim que a procreação physiologica, a perpetuação do nosso proprio sêr. Temos uma sêde infinita de eternidade."

* * *

Essas coisas pensava-as o artista, deante da sua novella terminada. O gabinete em que se encontrava era confortavel. Nelle

havia ricos tapetes, excellentes reproducções de quadros celebres e mesinhas contendo multidões de preciosos objectos trazidos de suas viagens a terras longinquas e remotas.

A um canto, sobre um fogão de marmore, ardia um fogo alegre e crepitante. E o artista, olhando a chamma, sempre a mesma, e sempre differente, meditou que podia ser o symbolo do "phenomeno" da apparencia, que sempre muda e é sempre o mesmo.

E logo voltando ás suas reflexões anteriores: "Eu creio que a vida seria uma carga insupportavel, si não existisse a possibilidade de ser eterno.

E, no emtanto, a eternidade é uma illusão, um dos multiplos enganos, que rodeam, os homens com apparencia de verdade. O que descobre um desses enganos é um homem excepcional, um genio. E' o mesmo que aquelle que descobre uma verdade sob a fórma de um engano. Logo, eu sou um genio, porque descobri que a eternidade é um absurdo. A eternidade: muitos seculos, muitos seculos, infinidade de seculos; porque, emquanto tropeça com um limite, deixa de ser eternidade. E eu escrevi esse livro para perpetuar a minha memoria entre os homens. Viverá muitos annos esse livro. Cincoenta seculos... Oh! E que é isso, afinal? Nada! Não vale nada. Ainda que a vida do meu livro se apague com a vida do ultimo homem, isso nada representará. Quero mais, quero mais, quero a verdadeira eternidade."

* * *

E, por fim, mirando o blóco de papel que estava sobre a mesa, sentiu por elle um invencivel desprezo.

Subitamente, como si apanhasse uma coisa repulsiva, atirou á chamma do fogão, que ardia deante delle.

Uma fumaça espessa invadiu a sala toda, o cheiro acre, proprio da tinta de escrever, quando passa pelo fogo...

E, depois, quando desappareceram a fumaça e o olôr acre de tinta queimada, o homem viu sobre as brazas um montinho de cinza.

Eram as cinzas de "O Super-homem"...

LENA (E. do Rio) — Que? Um cartão? Que me dirá V. Ex.? Eis o que me escreve::

"Illm. sr. Yves — Saudações — Leio sempre com grande enthusiasmo a interessante secção "Saibam Todos" e deparando-me com grande numero de pedidos, para estudo de graphologia, tive o desejo de tambem lhe dirigir um.

Confiada unicamente na bondade, gentileza e delicadeza com que são attendidos os seus consulentes aguardo ansiosamente e o mais breve possivel seja satisfeito este meu desejo: saber o que denota minha letra pelo estudo da graphologia.

Peço-lhe ainda a gentileza de me responder dando o pseudonymo "Lena".

Antecipadamente a c c e i t e os meus mais vivos e sinceros agradecimentos."

Ahi está! E' graphologia o que me pede. Gostaria de attender o seu pedido. Mas V. Ex. escreveu n'um cartão, quando devia servir-se de um papel amplo, liso e de linho. Fica para outra vez.

MOSTAS SEVECHES (Portugal) — Todas as vezes que o correio me entrega uma carta, onde leio o carimbo da terra de Camões, meu coração palpita, e uma funda emoção me domina.

E' que Portugal é o bello paiz dos fados dolentes e das guitarras, que choram como si as suas cordas fossem de fibras do coração humano...

Guitarra, guitarra geme,
que o meu peito todo treme
ao cantar o teu amor...

Esse fado... Ah, que bôas recordações elle me traz! Fazem tantos annos... No emtanto, ainda revejo, na imaginação, nas suas linhas de belleza sadia e moça a silhueta loura daquella portuguezita, que me despertava, pela manhã, com a sua vibrante e cheia de matizes quentes:

Guitarra, guitarra geme...

A gente pode amar um paiz distante sómente porque amou uma mulher desse paiz. Adoro a Italia através a saudade de duas italianas formosas: uma veneziana e uma siciliana. Quero bem ao Uruguay porque, certo dia, uma formosa uruguaya, de olhos côr de folha secca...

Mas não! Fiquemos por aqui.

Basta que lhe affirme o seguinte: venero Portugal, esse bello Portugal, das minhotas formosas, porque aquella portuguezita loura, de olhos côr do céo, todas as manhãs passava a desenrolar com o seu fio de voz crystalina, a suave endeixa dos lindos fados lusitanos...

Agora, a sua carta me fez evocar todas essas melancolias do passado. E curioso é que o sr. é outro sentimental. O mal será dos portuguezes ou dos brasileiros? Portuguezes e brasileiros! Que differença póde haver entre essas almas irmãs?

Mas leiamos a sua carta:

Portugal 13-3-929.

Exmo. Sr. *Yves* — Leio sempre com bastante agrado e um mixto de curiosidade a secção que V. dirige. Qual a razão? Perguntará V.! — E' que eu tenho em S. Paulo "alguem" que muito me interessa, e que conheço pouco, e a sua secção presta-se admiravelmente a analizar o caracter e muitas vezes os sentimentos das raparigas brazileiras que lhe escrevem. E cheguei á seguinte conclusão: — Na totalidade a mulher brazileira é alegre, muito dáda, mas... pouco franca em questões d'amor! Talvez julgue muito arrojado êste meu modo de pensar! Mas... eu falo por experiencia propria! E senão veja!: — Escrevo-me com êsse alguem á quási um ano e em resposta ás minhas apaixonadas cartas, apenas algumas linhas frias como punhais! E no entanto... o que lhe irá na alma!...

Esquecia-me dizer-lhe que sou português.

Como vê, a sua fama chegou até êste cantinho do mundo! Nós, os portuguêses, temos a mania do sentimentalismo. Talvez ás brazileiras isso lhes não agrade! Olhe! Tenho aqui em cima da minha mesa um fragmento duma carta que ainda á poucos dias eu escrevi a êsse "alguem"! Passo a transcrever-lhe, para por êle vêr o meu estado d'alma, o que eu sôfro por êsse "alguem".

Escrevo-te num dia de inverno, dia triste, em que a chuva batendo de encontro á minha janela, me dá a impressão de estar chorando como eu laguem que muito quér! Está o céu carregado de nuvens! Chove menos! E um raio de sol dum amarelo palido, coando-se por entre as nuvens, vem beijar minhas faces orvalhadas pelas lagrimas [...]mo a dizer-me: — Anima-te, [...] sou o mensageiro da tua ama[...] Ela ama-te muito! Dentro em [...]ve tu dirá!... Levanta-se ven[...] As nuvens caminham com [...] velocidade fantastica que [...] mêdo. O sol desapareceu! E no[...]mente mergulhado em meus tri[...]tes pensamentos, ainda vejo co[...] em sonho, êsse desmaiado raio [...] sol, que veio mitigar um pouc[...] minha grande dôr!... A chu[...] minha companheira de amarg[...] assolada pela furia do vento [...] bater-me em ondas de revolta [...] encontro á vidraça! — E' êsse [...]rulho que me faz voltar á real[...]de, realidade que me faz sof[...] horrivelmente...

Desculpe caro Yves o bocado [...] tempo que lhe roubei.

Não quero terminar porém, [...] lhe pedir o favôr, de [...] qual a sua opinião a respeito [...] minha graphologia.

De V. me subsc. com toda [...] cons. — *Mostas Savechc.*

Meu caro, o sr. se queixa de [...] a brasileira é fria em materia [...] amor. Ess aopinião não se p[...] applicar á generalidade... As [...]lheres são iguaes. E' que, co[...] diz Suarés: "Les femmes viv[...] pour l'amour, la plupart sans [...] connaitre."

Todas as mulheres que am[...] são iguaes. Ellas só manifesta[...] frieza em relação áquelle que co[...]fessa amal-as, justamente qua[...] ellas não amam. E quando e[...] não amam é inutil insistir. Por[...] uma filha de Eva pode fingir u[...] opinião a nosso respeito: pode m[...]lhoral-a ou peoral-a. Um sentim[...]to — nunca. E nesse ponto e[...] é cruel.

Quanto á sua graphologia, nad[...] posso dizer.

Tenha paciencia.

FAUSTO (Capital) — Como [...] sr. me pede ser sincero, uma [...] que confia nos conhecimentos gr[...]phologicos do meu amadoris[...] vou dizer o que a sua letra me re[...]vela.

Antes de tudo: o sr. é de uma [...] vaidade excessiva, sob uma for[...] apparente de simplicidade e mode[...]tia. E' mesmo orgulhoso e altivo[...] Agitado, nervoso, irrequieto, é u[...] vibrátil, cuja vida introspect[...] é profundamente intensa. O s[...] apresenta uma dualidade curios[...] é um emotivo e um cerebral.

Não é um violento, mas é u[...] impulsivo, capaz de gestos brus[...] e attitudes despoticas.

Egoista. Muito egoista. Mas [...] sentido superior da palavra. Ma[...]terialmente falando, é prodigo. Pro[...]pende para a melancolia. E' um [...] temperamento esquisito. Intelle[...]ctualmente, revela uma certa cu[...]

tura, logica forte, e o seu espirito é corrosivo, sarcastico, ironico ferino, etc.

Moralmente, é autoritario, ordenado, até certo ponto, e de um grande equilibrio de actos.

Apesar de tudo isso, é um displicente, cujo scepticismo se manifesta, a cada passo, através das suas palavras e das suas attitudes. O seu riso não é facil. Ao contrario: é um riso doloroso, amargo e retardado. E' perseverante, tenaz resoluto.

Sentimental, até certo ponto.

E só.

JUVENCIO (S. Paulo) — Não ha duvida: é preciso louvar o seu esforço em busca de originalidade, — o que aliás conseguiu com o seu estylo modernista.

O sr. vae ter um logar em nossas paginas.

CYRENE CLE'O (Capital) — Hum! Aqui está a sua missiva azul-celeste, impregnada de um perfume de "élite".

Ora, eu tenho a convicção de que um excellente perfume revela um espirito fino.

E essa regra não falha. Ha duas categorias de mulheres que se distinguem pela essencia que usam: as mediocres e as superiores. As primeiras não vão além das essencias de rosa, de cravo e jasmin; as outras appellam para os perfumes synthéticos, de alto preço e que só se encontram nas perfumarias de luxo.

Mas logo que leio a sua carta fico trocando os olhos, atacado de um subito estrabismo, maldizendo a força da illusão e deixando que a minha sensibilidade se povôe de interrogações e reticencias, cómo esses letreiros luminosos que se vêem nas fachadas das casas commerciaes.

Aqui vae a maravilha da cartinha que a sua mão côr de rosa e cheia de anneis habilmente escreveu, aos impulsos da sua intelligencia surprehendente...

"Caro Yves — Muito triste fiquei lendo a secção Saibam todos de sabbado 27 onde dizes que estiveste doente, faço votos a Therezinha de Jesús pelo teu completo restabelecimento.

Yves dizes a um consulente que quando nos ausentamos de uma terra, e sentimos saudades não é da terra propriamente, e sim de uma mulher que se amou nesse logar. Desta resposta tirei a conclusão de tua amizade por São Paulo, tu o amas tanto pelas paulistas não é? Agora respondo com sinceridade. Se te ausentares do Rio as saudades serão muitas ou as cariocas não te interessam como as paulistas?. Yves, desconfio

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

que não gostas tanto das cariocas porque? que mal te fizeram ellas. Diz Cléia Maria tua admiradora que São Paulo é a tua paixão será? Mas, as tenções, era saber de tua saúde e fazer-te uma visitinha mas talvez esteja a cacetear-te, desculpa sim Yves e acceita forte aperto de mão da carioca sin... — Cyrene Cléo".

Adeante, V. Ex. declara: "Podes fazer o estudo de minha letra"...

De sorte que a resposta que lhe devo, vae aqui em paragraphos:

A) — Sou extremamente sensivel ás palavras gentis que teve para commigo, a proposito da minha enfermidade. Ainda mais porque recorreu á Santa Therezinha de Jesus, que está tão em moda. (Lembre-se, porém, de que ella gosta de velas e flores...).

B) — Realmente, tenho uma grande admiração pelas paulistas. Ellas são cultas, finas, distinctas e, sobretudo, resolutas.

Não é facil vel-as esposar uma causa ou manifestar um sentimento. Mas quando se decidem, podemos estar certos de que ellas saberão manter a sua palavra e respeitar as suas tradições de mulheres descendentes da estirpe valorosa dos bandeirantes.

A sympathia que tenho pelas paulistas é a mesma que sinto pelas gaúchas. Oh, as gaúchas são admiraveis!

Um pouco impulsivas, impetuosas, transbordantes como uma caudal, mas de alma clara, franca, aberta, como essa torrente... E como são cultas!

Gosto das cariocas, sim. Por que não? E si eu não gostasse, que perderiam ellas com isso?

C) — Agradeço-lhe, penhorado, a visitinha, muito carioca, que epistolarmente, me faz. Pode ficar na certeza de que V. Ex. não me caceteia. Si V. Ex. não é feita de pau... A prova é que me pede, no final da sua missiva, para acceitar um forte aperto de mão... Ora, uma mulher cacete pode nos rachar a cabeça, é bem certo; nunca nos aperta os dedos num amavel "Shake hand..." carioca!

E' verdade, senhorita, V. Ex. não concorda, com a gyria corrente, em que a "Vida é um buraco?"

Essa pergunta vae aqui á maneira de "hors doeuvre..." Significa, apenas, que, si a "Vida não fosse um buraco", eu faria o estudo de sua graphia...

DIXIE (Capital) — Agradeço muito, em nome do FON-FON, o offerecimento que nos faz da sua collaboração, para a nossa secção "Trepações". Mas devo informar ao illustre collega que essa secção é redigida unica e exclusivamente pelos redactores desta revista.

No emtanto, aqui fico a seu inteiro dispôr para o que dér e vier.

MARTHA (S. Paulo) — Foi com verdadeiro encanto que abri a sua cartinha perfumada, de letrinha fina e delicada. E' muito grata, para mim, a noticia que me dá. Assim, fico de sobreaviso, á espera do telephonema de S. Paulo, "para provar que as paulistas sabem collocar ninharias de dinheiro, abaixo dos seus pequenos caprichos."

Um pouco de bairrismo, Mlle?

E' linda a encadernação do Balzac. Que honra para a minha estante! Quanto ao Montesquieu, eu o admiro tanto quanto a Molière. E' difficil escolher. Fica tudo ao fino gosto da sua selecção de paulista de élite. Louvo, nesse particular, as suas predilecções literarias! Como é agradavel essa identidade de espiritos... Sim, porque é tão difficil encontrar quem nos comprehenda.

Agora, é a nota dolorosa do caso. Apezar de tantas gentilezas, sou forçado a negar o seu pedido. Não propriamente porque não haja detalhes bons na sua calligraphia, mas porque V. Ex. não me deu o seu nome verdadeiro e escreveu num papel estreito, insufficiente para a expansão calligraphica.

Farei a sua graphologia por occasião da visita que me promette. Não é bôa a suggestão? Dizem que as mulheres não mentem. A mentira é o nosso apanagio — dizem ellas.

Esperemos...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú,

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 17-8-929

Data da consulta ....

....

Nome do consultante ....

"A Linha que se desfez..."

"Albert-Jean"

FOI uma coisa nitida, fulminante, indiscutivel: as duas silhuetas apparecêram á guisa de sombras chinezas, sobre a vidraça polida. Dois braços viris enlaçaram uma figura leve, ágil, delicada, que se curvou, como um arco. E o sr. Davencourt, escondido no jardim, percebeu, daquelle modo, que a sua mulher Magdalena o enganava com Ricardo Escouvlez, o seu melhor amigo.

O seu primeiro impulso foi de atirar-se sobre a infiel e agarrar o cumplice pela gola do casaco. Mas a surpresa, a emoção e talvez tambem o grave perfume das rosas que exhalava nas sombras, o desorientaram de todo.

Deu alguns passos, tacteante, vacillando, incertamente; depois cahiu sobre os joelhos. E, durante alguns segundos, permaneceu abatido, naquelle desencorajamento, de mendicante e vencido.

Quando se levantou, a mão de um sêr invizivel havia apagado a luz electrica. A sombra invadiu o interior da casa; e o clarão da lua banhava a fachada da casa.

O sr. Davencourt arrastou-se até o pavilhão que havia accommodado ao seu uso exclusivo no fundo do jardim. E apenas levantou a porta do pequeno edificio de tecto abahulado, a que se sobrepunha uma bandeirola gemente e gyratoria, o odôr do asylo familiar o acolheu em reconfortou como uma presença humana.

Era naquelle aposento ladrilhado a mosaico que o sr. Davencourt preparava os seus papeis, nivelava os seus apparelhos de engenharia e fabricava as armadilhas, que deitava, á noite, aos roedores.

Lentamente, posadamente, com o espirito methodico, que o caracterizava, o marido ultrajado pôz em ordem as suas idéas.

Preferia o soffrimento, antes de tudo, pois que elle havia amado, apaixonadamente, a sua mulher, até áquelle dia...

Uma grande desillusão o desolava, porque, elle sempre havia confiado no seu amigo... Uma revolta, emfim, deante da injustiça da sorte. Não havia rompido com toda a sua familia, para esposar uma moça pobre? Acima de tudo, sentia um grande desejo de vingança.

O sr. Davencourt não era daquelles maridos faceis que se resignam ao inevitavel e dissimulam a sua fraqueza, sob a apparencia de perdão.

Dirigiu-se a uma antiga escrivaninha, da qual abriu, com uma chave de prata, uma das gavetas. E entre as reliquias que enchiam o movel — photographias envelhecidas, joias desmanteladas, *carnets* de baile, com subtis lapis pendentes — apanhou um frasco onde havia uma etiqueta vermelha, com uma caveira e duas tibias em cruz.

Arsenico! Sem tremer os labios, o sr. Davencourt articulou as quatro syllabas terriveis. E os seus dedos se contrahiram sobre o vidro justiceiro: Arsenico!

O homem enganado pensou nas raposas, que havia envenenado, em torno do seu poleiro, com o conteúdo daquelle frasco. E, no mesmo instante, evocou a imagem da mulher que tanto amára, e na qual, bruscamente, havia descoberto uma inimiga terrivel.

Magdalena tinha orgulho da sua belleza — e com razão. Mais ainda que o seu rosto oval, a sua bôcca sangrenta, o seus olhos côr do mar, a flexibilidade do seu corpo nervoso a enchia de uma justa vaidade.

Os braços nús até os hombros, e seio livre, no jersey de sêda, ella adorava a paizagem, o tennis e o salto, que punham relevo a perfeita harmonia das suas ancas estreitas das pernas bem feitas.

Ella dizia: "A minha linha." E ao avizinhar-se dos trinta annos, ainda não havia compromettido o contorno elegante da sua silhueta.

Durante longos annos, o sr. Davencourt tinha venerado a linha daquelle bello corpo. Mas n'aquella noite a imagem admiravel parecia desafial-o, emquanto o veneno tremia entre os seus grossos dedos na sua prisão de vidro.

A noite, que é bôa conselheira, fez dobrar a cabeça do sr. Davencourt, sobre o travesseiro; e a madrugada o encontrou na cozinha, com o frasco de veneno na mão, deante do vaso que continha o leite azulado destinado ao almoço de Magdalena.

* * *

Ricardo, que passou, pela manhã, para tomar a joven, por volta das dez horas, como de costume, cumprimentou-a pelo esplendor das suas pupillas.

— Estás hoje linda, declarou.

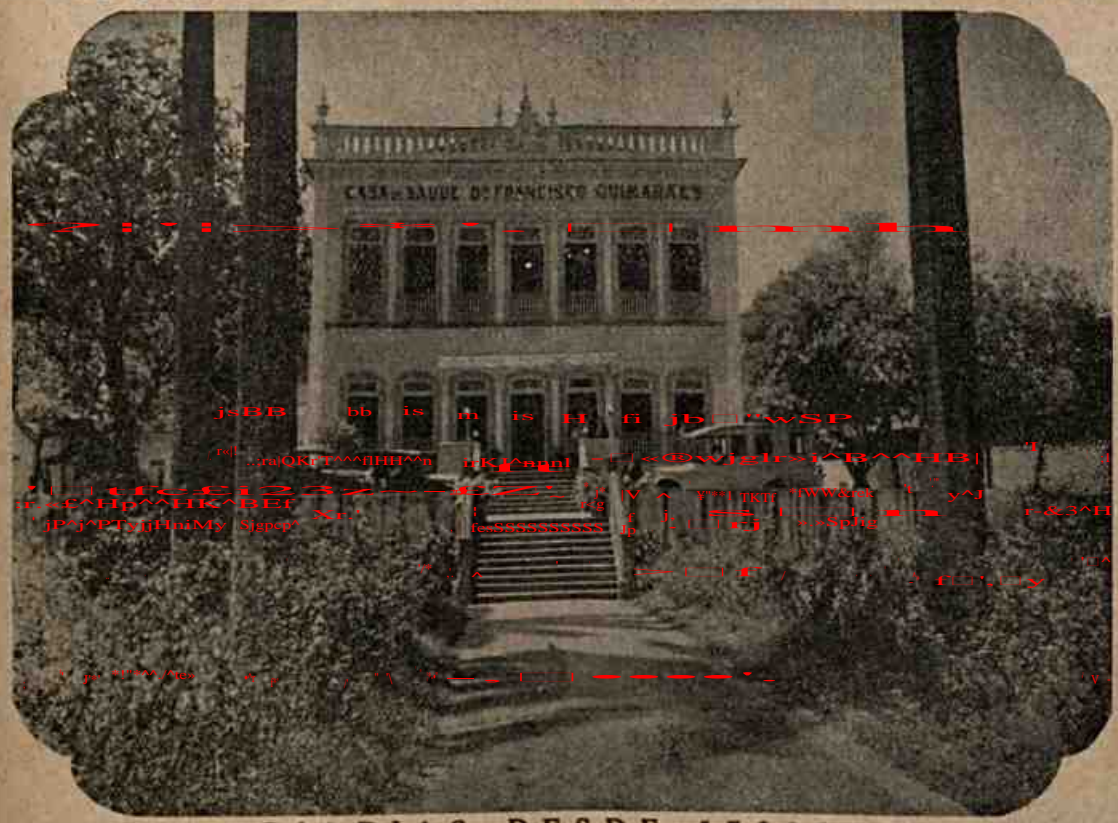
Passou-se uma semana. Passou-se outra.

Uma manhã, Magdalena perguntou ao seu marido:

— Não achas que estou engordando um pouco?

— Nem mesmo por sonho, replicou o sr. Davencourt, alçando os hombros.

Foi a partir daquella época que Magdalena começou, insensivelmente, a perder a sua linha. Pouco a pouco, o seu busto engrossava, o seu seio pesava no tecido da camiseta, o seu rosto se arredondava e ella toda adquiria aquillo que o sr. Davencourt chamava, graciosamente, "um bello *embonpoint*".

Primeiramente, ella procurou lutar. Jejuou, ingeriu infusões quentes, se constrangeu a exercicios que a prostravam.

A LINHA QUE SE DESFEZ...

(Conclusão)

O medico a quem ella consultou, respondeu: "Soffre de um excesso de saúde." E prescreveu-lhe um tratamento hydrotherapico.

Ella obedeceu, mas não obteve resultado.

Foi obrigada a renunciar ao tennis, mas descobriu a alegria suprema que uma causa suspeita, entre duas arvores frondosas, póde dispensar a uma gorda senhora que procura o ar.

Respirando com difficuldade, orvalhada de suor, não se atrevia mais ás longas caminhadas, pelas estradas cheias de sol; abandonou-se, sem temor, á gordura invasora.

Admirado com o espectaculo daquella incomprehensivel decadencia, Ricardo afastou-se da casa de Magdalena. E o sr. Davencourt deplorou, em altas vozes, a fuga do amigo.

— Que pena que não queiras mais jogar o tennis — declarou então, a Magdalena. Ricardo tinha continuado a vir aqui e tu, talvez, não tivesses perdido a tua linha.

Magdalena repetiu:

— A minha linha...

Um breve soluço deixou a phrase suspensa.

— Queria saber o que foi que me transformou assim — murmurou a joven, alguns instantes depois.

O sr. Davencourt curvou-se, então, sobre ella, e deitou um frasco vazio, no seu collo.

— Eis! — decretou.

Tinha o direito de matar-te. E era a morte que estava neste vidro. Porém, reflectindo bem, não quiz supprimir-te, de repente, estupidamente. Preferi agir com conta-gottas. Dosando-o, este veneno é um remedio excellente. O arsenico faz engordar... Destrui, assim, a tua linha, pouco a pouco... Fiz desapparecer a Magdalena de outros tempos, a bella rapariga que me enganava. Permitti á outra, a gorda senhora que aqui está, que sobrevivesse!

O Éco Maravilhoso

DE FARIDÓN

LOGAR encantador, situado ás margens do Fangoso, no centro de uma paizagem encantadora. Magnificos edificios do seculo XIV e do seculo XX. Pesca, caça, excursões, casino, fontes de aguas mineraes, quentes no inverno, frescas no verão, etc., etc."

Assim rezavam, havia innumeraveis annos, todos os guias de turismo no capitulo Ploum-la-ville. Mas a ultima edição dessas obras tão uteis traz esta nota:

"Não abandoneis Ploum-la-ville sem terdes visitado as "Pedras do Diabo", cuja disposição estranha dá logar a um dos écos mais notaveis do mundo inteiro."

Como a luta pela vida é cada vez mais dura e a concorrencia cada vez maior, se tornava necessario responder com alguma cousa aos habitantes de Panouil-lisle-Grand, que acabavam de descobrir, com grande alvoroço e rindo, umas ruinas assyrias no subsolo.

Essa idéa de annunciar ao mundo uma maravilha natural inédita foi excellente, e o Syndicato de Iniciativas de Ploum-la-ville se orgulhava della. A popularidade do "Eco do Diabo" cresceu rapidamente. Docil as ordens dos guias populares, nenhum turista passou pela região sem ir dizer-lhe algumas palavras.

Mal os viajantes desembarcavam na estação, eram levados para as *Pedras*, afim de que pudessem ouvir o *Eco*. Uns guias se apoderavam delles e os conduziam ás "Pedras do Diabo"; e, depois de tel-os collocado a bôa distancia, lhes diziam:

— Vamos, senhores!

E os viajantes gritavam:

— Eh! .. Eh!... Eh!... Dupont! .. Eh!... Durand!...

Alguns preferiam confiar ás pedras palavras intencionaes. Outros lhe gritavam injurias, que o éco devolvia copiosamente, quinze, vinte vezes, e, em certas occasiões, tantas, que os turistas tinham que sentar-se no chão para esperar o fim, porque era um éco desigual e essencialmente phantastico, mas sempre tão gracioso pelo tom de suas réplicas, que fazia rir ao neurasthenico mais incuravel. Todas as pessoas que o tinham ouvido se manifestavam encantadas e enviavam mais gente ao logar excepcional, para ouvir seu éco maravilhoso.

E tanto se extendeu a fama do "Eco do Diabo", que acabou chegando ao estrangeiro. Um dia, Ploum-la-ville recebeu entre suas muralhas toda uma colonia ingleza.

Foi um bello dia para o Syndicato de Iniciativas. Os visitantes inglezes foram conduzidos, com toda a especie de attenções, á presença do éco.

A principio, tudo correu bem. Umas jovens britannicas, com o vocabulario na mão, o interpellaram com cortezia.

— *Oh! Bom dia, senhor! Como está o senhor? Quer falar commigo?...*

Todas as phrases o Eco repetiu perfeitamente. Mas chegou a vez de um inglez gordo e corado, o qual enfrentou o Eco da seguinte maneira:

— *Hullow, old chap, how are you?*

Com surpresa de todos, o Eco permaneceu silencioso. Decorreram alguns segundos de angustias, e o inglez acrescentou:

— *Hullow! What is the matter?*

E o Eco, sempre silencioso. Como da primeira vez, continuou inteiramente mudo. Um suor frio, mortal, banhava a fronte dos directores do Syndicato de Iniciativas. Afinal, em tom ironico, disse o inglez:

— *Well! Are you dead?...*

Era demais. Então, uma voz furiosa se ergueu da "Pedra do Diabo", exclamando, no idioma local:

— Mas, homem de Deus, fale francez, si quer que lhe respondam!...

Os directores do Syndicato de Iniciativas desmaiaram...

NTONIA e eu nos conhecemos desde a infancia. Ella era filha de Basilio, administrador, havia muito, dos numerosos sitios urbanos de minha mãe.

Era uma rapariguinha simples e affectuosa. Queria-me de tal sorte, que até se deixaria matar por mim. Eu, com crueldades nascentes, gostava de atormental-a.

Em certa occasião, esta a que eu chamo crueldade infantil, por não encontrar em meu reduzido lexico outro nome que lhe assente, me levou á barbarie. A mãe de Antonia passava a ferro uma camisa de don Basilio, na sala de jantar, á hora da sésta. Acabava a criada de trazer-lhe um ferro retirado das brazas, quando vieram dizer-lhe que alguem a chamava com urgencia. Deixou o ferro verticalmente sobre a mesa, e foi vêr que queriam della. Eu, que brincava a um canto, inspirado por uma idéa diabolica, disse, de repente, a Antonia, que vestia uma boneca ahi perto:

— Si gostas de mim, queima um dedo nesse ferro.

A pobre menina olhou-me com seus grandes, com seus enormes olhos desolados.

— Queres vêr como eu ponho deveras? — respondeu-me, por fim, entre resoluta e medrosa.

— Vamos vêr...

E ella approximou, com effeito, o dedo, resolutamente, da ardente superficie daquelle ferro, e ali o conservou por dois segundos.

— Mas, filha, que fizeste? — exclamou a senhora, vendo que a menina sacudia, chorando, a mão atormentada.

Eu tremi, presentindo uma reprehensão da pobre mãe. Estava envergonhado de minha conducta. Mas Antonia limitou-se a dizer, com vozinha dolorida:

— Queimei-me por um descuido, mamãe.

— Vem — disse esta; — vem para que eu te ponha um panno untado de azeite.

E quando a menina voltou com seu dedo envolvido e de mim se approximou, entre satisfeita e chorosa, eu, com a voluptuosidade compassiva de que já fiz merito, a cobri de beijos.

Naquelle momento a adorava...

MINHA mãe mandou-me estudar em um collegio dos Estados Unidos, e só regressei ao Mexico sete annos depois.

Uma tarde, don Basilio veiu dizer a minha mãe que em sua casa me haviam preparado um jantar á mexicana, todo composto daquelles pratos que eram, outr'ora, minha delicia.

Encontrei-me — e esta foi a impressão capital de minha visita — com uma Antonia muito bella. Dizem que não ha dezoito annos feios. Os dezesete seus fizeram-me esquecer por completo o futuro menú nacional, com todas as suas promessas.

Após uma ... conversação em familia, Antonia e eu nos retiramos para um dos balcões, e começamos a desfiar o prestigioso rosario azul do "lembras-te?..."

A lua, em seu primeiro quarto, se precipitava no abysmo. A respiração suave dos ramos nos envolvia. Nossos espiritos experimentavam um bem-estar ineffavel, impregnando-se mysteriosamente daquella resurreição do passado. Antonia havia cortado um cravo e o punha entre seus labios; e mordia com seus finos dentes a... lados o talho da flôr.

— Lembras-te — disse-me Antonia, entre dentes — quanto gostavas de meus cravos? Muitas vezes despojaste este pobre raminho, que nem por isso deixo...

(Illustração de Marcello Roberto)

— ... e timidamente aproximei-me para aspirar a essencia do cravo e sentir o perfume dos dezesete annos de Antonia...

de dal-os, cada vez mais bellos.

— Que bom perfume tem esse que te flóre nos labios! — respondi-lhe.

E lentamente, timidamente, approximei-me para aspirar a essencia do cravo e sentir o perfume dos dezesete annos de Antonia, que se exhalava virgem, poderoso, pela entreaberta bocca em flôr... E como meus labios estavam tão perto das petalas, e como as petalas estavam tão perto de seus labios, não soube como, não notei com que machinal impulso beijei o cravo e os labios...

....

Depois, falando com minha mãe, lhe disse:

— Mamãe, eu não quero ir mais para a Europa, eu não quero mais ser medico, nem engenheiro, nem nada... O que quero é casar-me com Antonia.

Minha mãe se pôz a rir com um riso nervoso que me desconcertou em absoluto; e passado esse momento de hilaridade, a dade de educação", orvalhado com um "Mas, tu estás louco, meu pobre filho!?" — ao qual seguiu o velho raciocinio de rigor, o velhissimo estribilho da "desigualdade de educação", orvalhando com lagrimas, com reprovações, e, por fim, com insinuantes confidencias acerca de uma joven muito bôa, muito distincta, muito linda, filha de uma velha amiga de infancia (naturalmente), que me amava, e com a qual me casaria, quando regressasse.

Inutil me parece dizer que minha mãe me convenceu bem depressa, e que, um mez depois, sem ter deixado a Antonia, como lembrança minha, sinão a metade daquelle beijo repartido entre o cravo e seus labios, parti para a França.

*

No fim de seis annos, voltei, e soube que don Basilio e sua esposa haviam morrido, e que Antonia se casára e tinha tres filhos. Minha mãe fôra sua madrinha, na cerimonia. Apenas, segundo suas palavras, "não tivéra bôa mão".

— Imagina — acrescentou minha mãe — que seu marido bebe, bebe muito ha dois annos, e elle está doente, muito doente: tem um tumor, dizem que canceroso... Si não fôsse eu, ella já teria morrido de fome. A fome já a teria morto antes da enfermidade.

Confesso que, ao ouvir minha mãe, senti um pouco de remorso.

Alguns dias depois de tal conversação, uma manhã, um garôto de quatro annos de idade, pobremente vestido, subiu como um relampago a escada.

Conto de Amado Nervo

Eu fiz um movimento de surpresa, a que elle respondeu, pallido e cansado, dizendo-me:

— Venho chamar a senhora.

Minha mãe havia sahido.

— Ella não está, e voltará tarde — respondi. — Que queres com ella?

— Mamãe continúa mal e deseja vêl-a.

— E quem é "mamãe"?

— Mamãe Tonha, mamãe Tonha...

Comprehendi, e si não o houvesse comprehendido, m'o teriam dito aquelles olhos avelludados, cheios agora de uma profunda magoa: os proprios olhos de Antonia!

— A senhora virá tarde — disse ao menino.

E, movido por subita piedade, ajuntei:

— Mas dize a tua mamãe que eu, Francisco, irei vêl-a logo que me vista, daqui a uma hora. Onde moram?

— Onde sempre morámos — respondeu o menino, com simplicidade.

*

A mesma vivenda clara e ampla. Ao entrar, me chocou o aspecto da casa: certa desordem, certo abandono, certa desolação. Na sala de jantar, primeiro compartimento que atravessei, o marido de Antonia, alcoolizado, roncava estrepitosamente. Na saleta, quasi vazia, uma rapariga indigena embalava em seus braços grosseiros uma criança, que já não chorava porque berrava.

Jazia Antonia em um pequeno catre. Sorriu-me com um pallido e, diria eu, *outomnal* sorriso e indicou-me uma cadeira.

— Como estás? — falou ella para mim. — Como voltaste grande! Eu tinha muita vontade de vêr-te, mas não tinha coragem de escrever-te... Estou muito doente... Já deves saber que me casei. Meu marido era, a principio, muito trabalhador e muito bom. Mas os amigos o perderam. Agora, é incorrigivel, e bebe sem cessar. Tua mãe, que foi minha providencia na terra, me prometteu que o porá em um asylo, para vêr si o curam. Elle tem já um principio de *delirium tremens*. Desde o nascimento de meu ultimo filho que adoeci assim, e não posso levantar-me sinão com dôr e fadiga, com muita fadiga. Tenho médo já de não ficar bôa. E' uma enfermidade *da cintura*, a que contrahi. Talvez um tumor. Não tenho forças para nada...

E tudo isso ella monologava mais do que contava, com a mesma voz longinqua, igual, velada apenas por uma sombra de dôr. Não pretendia mais resuscitar nem evocar siquer o passado. Havia abdicado de tudo, de sua formosura, de sua mocidade... Até, talvez, de suas recordações. E seus olhos diziam que ella não esperava nada, que já não queria nada, que não tinha censura alguma a fazer-me, nem á vida, e que só pedia um pouco de pão e um pouco de piedade para seus filhos.

Minha velha misericordia derramou-se sobre meu espirito como agua clara e humedeceu meus olhos com duas lagrimas..., que procurei occultar. Tomei docemente a mão da enferma, — aquella pobre e pállida mão, em um de cujos dedos ainda se notava a cicatriz da queimadura de outr'ora — e, acariciando-a, lhe disse:

— Tranquilliza-te, Antonia, que nada mais te faltará. Nem a ti, nem a teus filhos. Hoje mesmo te mandarei um medico. Minha mãe te trará todo o necessario.

— Deus t'o pague, Francisco, Deus t'o pague!... — exclamou a enferma.

E, de repente, como que movida por uma subita e delicada inspiração:

— Olha, Carlinhos — disse ao menino — abre o balcão e corta um cravo do ramo, para o senhor. Ainda hontem os reguei — acrescentou, dirigindo-se a mim — em um momento em que pude levantar-me... São dos mesmos...

Voltou o menino com a flôr e ella a tomou, pediu-me que me aproximasse e, fazendo um grande esforço, a prendeu á minha lapella.

Depois, como si quizesse defender-se da emoção, attrahiu a seu peito a cabecinha de seu filho, e murmurou

— Até loguinho. Que Deus t'o pague.

E escondeu seu rosto entre os cachos pállidos do menino, emquanto eu me afastava lentamente...

M. C.

UM PRESTIDIGITADOR

De NADEZ DA TEFFI

A porta de um velho casarão — logar onde, aos domingos, se realizavam festas de beneficencia e funcções theatraes, por iniciativa dos amadores da localidade — ostentava um enorme cartaz vermelho, que dizia:

"De passagem, e por especial pedido do publico, o grandioso fakir da magia negra e branca dará, esta noite, um espectaculo, no qual effectuará os "trucs" mais surprehendentes, a saber: queimará um lenço, tirará uma moeda de prata dos narizes do distincto publico, e outros phenomenos contrarios á natureza."

De momento a momento, á janella da bilheteria apparecia a cara triste do homem que vendia as entradas. Desde a madrugada chovia a cantaros. As arvores do jardim que rodeavam o casarão, açoitadas pela chuva, se balançavam com ar resignado. Junto á entrada, se formou um grande charco dagua. Chegou o crepusculo. A venda de localidades alcançou a somma de tres rublos...

A cabeça triste desappareceu, exhalando um suspiro. Acto continuo, no humbral da porta surgiu um homem de pequena estatura e idade indefinida, que levantou a cabeça para inspeccionar o céo.

— Tudo é cinzento! — exclamou, com desespero. — Não se vê uma unica estrella no firmamento!... Em Timashev tive um fracasso, em Schiguy, outro. Igualmente fracassei em Obeiam... Onde, afinal, vou ter êxito?... Logo que aqui cheguei, mandei convites especiaes ao juiz, ao senhor commissario de policia e a todos os demais personagens... Mas de bem pouco me valeu isso... Vou accender as lampadas.

Antes, porém, de entrar, ficou um momento contemplando o suggestivo cartaz, como que fascinado por elle.

— Que mais querem? — exclamou, por fim, encolhendo os hombros e dirigindo-se depois ao interior do theatro provisorio.

Por volta das oito, começaram a chegar os espectadores.

As altas personagens que receberam convites especiaes não se dignaram apresentar-se mandando em seus logares os criados. Entre o escasso publico havia alguns ébrios que, mal chegaram, se puzeram a armar barulho, ameaçando que iam reclamar a devolução do dinheiro que pagaram.

A's nove e meia era evidente que não chegaria mais ninguem. Entretanto, os que occupavam os assentos protestavam de um modo tão energico, que era um pouco perigoso adiar por mais tempo o inicio do espectaculo.

O *fakir* vestiu uma casaca, que cada vez lhe ficava mais folgada, exhalou um profundo suspiro, persignou-se, tomou uma caixa com os objectos maravilhosos e collocou-se deante da chaminé que lhe servia de scenario.

Durante alguns minutos guardou silencio, emquanto por seu espirito passou este pensamento:

"A venda das localidades attingiu a quatro rublos. Gastei em kerosene 60 kopekas. Isso não importa. Mas, o que importa muito é que tenho que pagar oito rublos pelo local... O filho do intendente municipal que occupa o assento da primeira fila, o que muito me honra... Mas, que vou comer e com que pagarei a passagem para partir daqui?... E por que não chega o publico? Eu, em seu logar, acorreria em massa para ver semelhante programma"...

— Bravos! — clamou um dos ebrios.

O prestidigitador voltou a si. Accendeu uma vela collocada sobre a mesa, e disse:

— Respeitavel publico: permittome pronunciar breves palavras á guisa de prefacio. O que ides ver não é algo maravilhoso, ou uma bruxaria, que é contraria á nossa religião christã e até prohibida pela policia... O que ides presenciar aqui não passa de uma habilidade das mãos. Dou-vos minha palavra de honra como não haverá nenhuma bruxaria maravilhosa. Ides ver agora a surprehendente apparição de um ovo cozido em um lenço, completamente vazio.

Com as mãos tremulas, o homem abriu a caixa, da qual tirou um lenço multicor.

— Podeis vos convencer de que o lenço está completamente vazio. Para proval-o, vou sacudil-o.

Acto continuo estirou o lenço e o moveu no ar, emquanto dizia para si:

"Durante todo o santissimo dia não comi sinão um pãozinho e só tomei chá e assucar... E que comerei amanhã?"

— Podeis verificar que aqui não ha nenhum ovo.

Um leve rumor correu na assistencia. De repente, um dos ébrios gritou:

— Mentira! Ahi está o ovo.

— Onde? Que? — balbuciou o prestidigitador, perplexo.

— Está seguro no lenço com uma linha.

— Do outro lado — resoaram as vozes.

— Vê-se pela transparencia á luz da vela.

O prestidigitador, envergonhado, deu volta ao lenço, descobrindo uma linha, da qual estava suspenso o ovo.

— Amigo! — pronunciou uma voz, em tom de troça. — Si tivesses ficado atrás da vela, tudo teria passado inadvertido. Mas te collocaste deante da luz! Não é assim que se faz, homem!

Um sorriso forçado desenhou-se nos labios do illusionista, destacando-se em seu pallido rosto.

— Tem razão — ponderou elle. — Antes, os preveni de que não se tratava de nenhuma bruxaria, mas exclusivamente da habilidade das mãos. Desculpae, senhores... — ajuntou, com voz tremula.

— Bem, bem.

— Não importa.

— Continue, homem.

— Agora — voltou a falar o prestidigitador — passaremos a outro phenomeno surprehendente, que vos parecerá ainda mais assombroso. Rogo a alguem do distincto publico que me empreste um lenço.

Alguns dos espectadores tiraram seus lenços, mas, depois de os observar com attenção, de novo os guardaram em seus bolsos. Então o illusionista se approximou do filho do intendente municipal e lhe disse, estendendo sua mão enfraquecida:

— Quer ter a bondade de emprestar-me seu lenço? Poderia, naturalmente, empregar o meu, pois não corre absolutamente nenhum perigo, mas podereis suspeitar que faço algum "truc" inescrupuloso.

O joven entregou seu lenço ao prestidigitador, que o sacudiu e estirou, dizendo:

— Rogo-vos, que reparem bem que o lenço é perfeitamente são.

O filho do intendente olhou o publico com ar de triumpho.

— Olhai agora — proseguiu, entretanto, o homemzinho. — Em minhas mãos este lenço se tornará maravilhoso. Dobro-o, approximo-o da vela e o accendo. Queima-se, não é verdade?

Os presentes observavam com summa attenção as manipulações do illusionista.

— E' verdade — clamou o ébrio. — Até se sente cheiro de panno queimado.

— Agora — disse o prestidigitador — vou contar até tres, e o lenço reapparecerá são. Um, dois, tres... Tende a bondade de olhar.

Ao pronunciar as ultimas palavras, estirou o lenço com um movimento ágil, emquanto que seu semblante e toda a sua figura expressavam o orgulho...

No meio do lenço, se via um enorme buraco, feito por fogo.

O filho do intendente ruborizou-se de ira, respirando com difficuldade.

O prestidigitador apertou convulsivamente o lenço contra o peito e, de repente, estalou em soluços.

— Senhores! — exclamou, com voz lastimosa. — Distincto publico... Quasi não vendi entradas... Chove desde pela manhã... Não comi... não comi, hoje, sinão um pequeno pedaço de pão...

— Não importa, homem — exclamaram as vozes dos espectadores.

Mas o illusionista continuava soluçando.

— Apurei nas entradas quatro rublos... Aluguei o local por oito-oi-to... Uma mulher, commovida, se poz a chorar tambem.

— Basta! — gritaram de todos os lados.

No humbral da porta appareceu o agente de policia, exclamando:

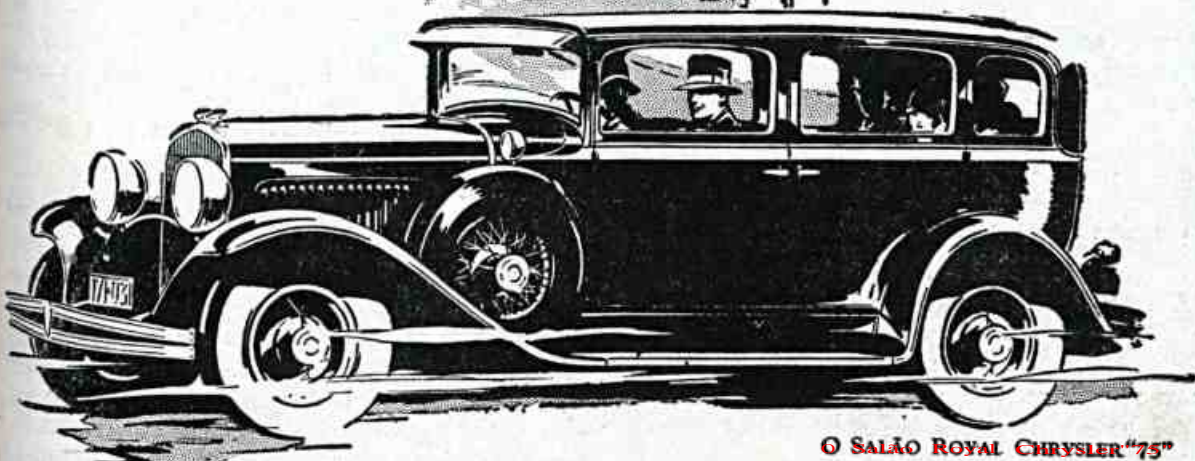
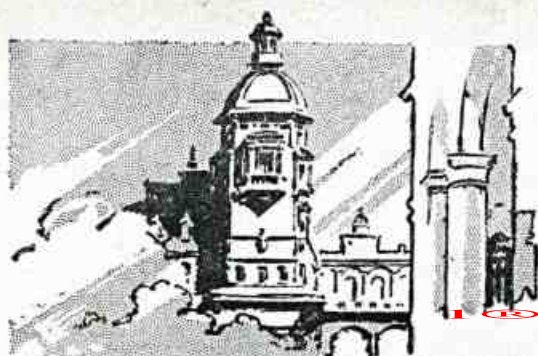
— Que significa esta desordem? Vão todos para suas respectivas casas!

Todos os presentes, que já estavam de pé, sahiram.

— Escutem, companheiros — resoou a voz rouca de um dos ébrios. Todos se detiveram, espantados.

— Escutem-me! — proseguiu a mesma voz. — Que gente sem vergonha vive hoje em dia! Cobra dinheiro e ainda faz soffrer!...

— Merece uma boa lição! — sentenciou alguém, na escuridão.

— Tem razão — foi a resposta. — Vamos! Quem me acompanha? Não estou disposto a gastar meu dinheiro em vão... Vou ensinar esse tratante a fazer magica...

O SALÃO ROYAL CHRYSLER "75"

Funccionamento incomparavel

CHRYSLER

Os engenheiros de Chrysler adoptaram desde o começo os principios mechanicos mais modernos e applicaram esses principios de uma maneira distincta.

Foi devido á execução desse plano de Chrysler que se conseguiu apresentar ao publico automoveis de funccionamento inteiramente novo.

A extraordinaria acceleração, velocidade, facilidade de conducção e de commando, compacidade, commodidade e durabilidade—acham-se combinadas em um carro cujas qualidades só encontram comparação em automoveis que custam muito mais.

AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S. A.

AVENIDA RIO BRANCO, 247 — Tel. Central 1744 - 2407

A FATALIDADE

DE CONRADO NALÉ ROXLO

O baile languidescia com os candieiros. Só um par se movia como que sonâmbulo sobre o chão de terra mal nivelado. Da musica só restavam o banjista cego e um guitarrista a quem o alcool fizéra as pernas pesadas. O dono da casa, com a cabeça cahida sobre o peito, em que se derramava sua branca barba, cochilava junto ás garrafas vazias, cujo conteúdo distribuiu com mão generosa aos convidados.

A voz do guitarrista soava como um gemido opaco de somno e de aguardente, emquanto sua mão se arrastava pesada e dura sobre as cordas.

Tenho dois corações
Para querer-te:
Um coração de vida
E outro de morte...

O samba desenvolvia-se monótono e lento.

A arvore do amor
Tem dois ramos:
Um dá fructas doces,
E o outro amargas...

.. ..

A noite era tão escura, que a dois passos nada se enxergava na estrada.

O velho, antes de perder-se na sombra dos aposentos, traçou sobre a fronte da joven o signal da cruz, com um gesto grave que revivia no mysterio da noite a pureza dos cultos antigos. Ella recebeu a benção com os olhos baixos e as mãos em attitude de orar.

Uma vez só, apagou a ultima lamparina e sentou-se deante da noite. A via-lactea punha um tremor de prata na neve das montanhas longinquas e na copa das oliveiras. Longe, no caminho real, ouviu-se o clarim do guia de uma tropa de carros. Quando seu estridente chamado se apagou, o silencio se fez mais profundo.

A moça sonhava desperta com o noivo ausente. Recordava a tarde da despedida, dulcificada com beijos e lagrimas.

Fóra para outro logar trabalhar, por ella, como o passaro que percorre grandes distancias em busca de palha para fazer seu ninho. Fazia já um anno. Suas cartas, que o vigario lhe lia, annunciavam-lhe seu regresso para aquelles dias. Uma recordação que era um sonho fez tremer seu corpo de virgem morena, e ella sentiu calor nas faces e frio nas mãos... De um salto se poz de pé. Ouviam-se passos, ali perto. Seria elle? E ella ficou olhando para o bosque de oliveiras cujos troncos já se desenhavam vagamente na inde-

(Conclue na pag. 88)

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Minh'alma escuta enlevada
Tua voz de rouxinol,
Que se envolve bem amada
Da doçura perfumada
Do sabonete **EUCALOL.**

Hermengildo Chaves

Rev. Cidade Verde — Bello Horizonte — Av. Brasil 101

O MEDICAMENTO MAIS EFFICAZ PARA COMBATER E EVITAR TODAS AS MOLESTIAS DE UTERO E OVARIOS, COLICAS UTERINAS, MENSTRUAÇÕES EXAGERADAS, FALTA DE REGRAS, HEMORRHAGIAS DURANTE A MENSTRUAÇÃO, CORRIMENTOS, CATHARROS UTERINOS ETC.

O ELIXIR DAS DAMAS É UM AGENTE THERAPEUTICO DE UMA ACÇÃO ENERGICA E SEGURA, ACTUANDO TAMBEM SOBRE OS INTESTINOS REGULARISANDO SUAS FUNCÇÕES.

Á VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

UNICOS DESTRIBUIDORES:
MARTINS LIBERATO & C.
RUA SENHOR DOS PASSOS-8. RIO DE JANEIRO.

O que distingue a casa A. DORET das outras casas de cabelleireiros — a clientela escolhida que frequenta ha vinte annos seus salões.

Os penteados A. DORET são sempre originaes e elegantes.

Os cabellos tintos ou descoloridos nunca são resequidos; são sempre lustrosos e macios, nunca perdem a ondulação natural.

A pessôa que trata sua cutis na casa A. DORET nunca tem espinhas, poros dilatados, cravos, etc.

Usem sempre os productos A. DORET, quer para os cabellos, quer para o rosto.

Seguindo os conselhos de A. DORET nunca vos arrependereis.

A Casa Doret é e será sempre a primeira e a melhor casa de cabelleireiro do Brasil.—5, rua Alcino Guanabara,—5, Tel. C. 2431

RIO DE JANEIRO

VARINHA DE CONDÃO

FUMANTES — Que os homens o approvem ou não, o habito das mulheres fumar está tão universalmente espalhado que mesmo aqui no Rio já se não vê um mostruario de joalheria elegante onde as pequeninas e graciosas carteiras de cigarros femininos não appareçam ao lado das outras maiores e mais singelas, para homens.

As mais modernas trazem geralmente um relogio imbutido. Assim as que vemos na figura 1. Duas são de onix negro, enfeitado com delicados filetes de prata, sendo que a de cima tem o relogio externamente, emquanto que a outra o tem interiormente. Ambas trazem tambem um "briquet", reunindo assim tres objectos indispensaveis num só de volume reduzido.

Fig. 1

A terceira contem um calendario e um relogio. E' de prata e ouro fosco com tampa de ouro, enfeitada de incrustrações de esmalte.

Os dois relogios pulseiras que vemos proximos a esta ultima carteira de fumante são muito modernos. Um é de ouro branco e ouro amarello, preso por duas correas de couro trançado. O outro, muito gracioso, é de crystal, supportado por um cordão de couro negro. Cercam-no brilhantes embutidos em dois anneis.

Em baixo vê-se um relogio para a bolsa, com tampa automatica e fileira de cabouchons de saphyra dos dois lados.

FIVE ó CLOCK — A hora delicada do entardecer é habito reunirem se os felizes da terra em torno da meza do chá. A refeição é refinada como o momento em que é servida e aquelles a quem é offerecida; os francezes chamam-n'a de five o clock notava uma revista parisiense maliciosamente emquanto que os inglezes a denominam simplesmente: tea-time. Nós deveriamos dizer: merenda... mas preferimos acompanhar nossos mestres os gaulezes.

Em torno da meza do chá conversa-se, thesoura-se a pelle alheia e... se flirta. Sem duvida é por isso que vimos ha dias uma receita americana de uns bolinhos muito proprios para chá baptisado de: bolos "flirt" — A composição desse manjar nada tem de extraordinario, mas é bem possivel que o nome lhe dê um paladar novo e... esquisito.

Ei-la, pois:

Bolos "Flirt":

750 gr. manteiga fresca

500 gr. assucar refinado.

8 ovos.

500 gr. farinha de trigo.

2 colheres de maizena.

Num alguidar bate-se a manteiga até ficar em ponto de neve e vae-se pondo manchinha de assucar, manchinha de farinha e um ovo até ficar tudo bem batido e formar uma massa bem apurada. Depois põe-se em formas pequeninas que vão ao forno, e quando a massa estiver

coalhada, dá-se nella com uma faca dois cortes em cruz e voltam as formas ao forno para os bolos cozerem por completo.

Visto os habitos bra zileiros penso que entre nós esses bolinhos devem ser comidos só por moças e rapazes solteiros. Pois parece que têm uma virtude terrivel.

BLUZAS E CINTURAS

— Já não é novidade a tendencia actual da moda em Paris para a ascensão da linha do talhe. Esse movimento cada vez mais se accentua, e parece que virá a se impor definitivamente como regra geral. E' de suppor entretanto que o gosto moderno exagero contrario ao que até assim esperava, das silhuetas artificiaes e pueris de 1830, a vista, porem estava tão habituada á linha não menos postiça do talhe marcado muito em baixo, que já nos custa e nos parece menos gracioso vê-los voltar a lugar adequado.

D'Ahetze.

no procure antes de tudo se curvar ante a verdade da natureza, mostrando a cintura onde esta a poz e fugindo de cahir

Por isso mesmo ha ainda uma certa hesitação, vendo-se a miudo modelos de cintura francamente descida ao lado de outros onde ella apparece mais alta. Porem não ha que negar serem estes em maior numero. Muito frequentes tambem são os drapés largos, as bandas ajustadas que marcam por assim dizer duas cinturas, a que estavam habituadas a ver, e a que pretende se impor.

Os ultimos figurinos francezes vêm concedendo lugar importante ás bluzas, não já como traje sportivo mas como veste de casa e companheira do tailleur. Aliás essa resurreição da bluza é correlata á subida do talhe. Com a cintura baixa só eram acceitaveis os blusons.

O jabot que desta vez não chegou a desapparecer inteiramente, recrudesce de importancia.

Damos nesta pagina tres modelos interessantes de bluzas.

O primeiro mostra uma bluza combinação, muito pratica para sports porque não sahirá de lugar aos movimentos executados. Sobre ella, naturalmente, se vestirá a saia do vestido, terminada por um cinto do mesmo tecido ou de pellica. A gravata tem a originalidade de trazer o nome da dona com todas as lettras e não apenas o monogramma. Para o campo sportivo, tambem se poderá inscrever nella, da mesma forma o nome de um club.

O segundo modelo, singelo e gracioso é para casa. Executa-se com voile fantazia, azul e branco por exemplo, para completar uma saia de kas-

Martial et Armand.

ha azul. E' a unica das tres que obedece ao typo bluson, sendo posta sobre a saia; mas é visivelmente mais curta.

Martial et Armand.

A da figura 3 é de tricoline de seda listada originalmente enfeitada com tiras postas em sentido differente. Pertence a um tailleur de dahlia marron.

CINDERELLA.

A FATALIDADE

(Conclusão)

cisa claridade da madrugada. Subito, um homem ap-pareceu a seu lado. Espantado, com o cabello revolto, uma expressão de horror e soffrimento nos olhos muito abertos, e uma mancha de sangue no peito. Com um dedo nos labios, supplicava silencio.

— Ah!...

E a moça deu um passo para traz.

— Não se assuste — disse o homem, sem avançar. — Que póde temer de mim?... Estou desfeito... Toda a noite fugindo... Ferido...

— Ah!...

— A policia baleou-se. Matei, porem, em bôa lei. Juro-lhe que foi em bôa lei.

Calou-se, e, apoiando-se na parede, levou a mão ao peito, jurando sobre a ferida.

Não era daquelle logar. Nem parecia ser do Estado. Pela pronuncia, parecia do sul. Porem, não apparentava mais de vinte e dois annos. Suas feicções affinadas pelo soffrimento, inspiravam sympathica compaixão.

Sem dizer palavra, a moça remexeu as garrafas até que encontrou um trago de cachaça, que o perseguido bebeu avidamente.

Depois, sempre em silencio, lutando em sua alma o medo e a piedade, se poz, com habilidade campone-za, a curar-lhe a ferida, applicando sobre ella hervas de saúde. Quando lavava a marca sangrenta que a bala policial deixára no peito do fugitivo, sua compaixão a fez exclamar:

— Coitadinho!

A' pronuncia dessa palavra maternal, se encheram de lagrimas os olhos do assassino. E elle contou-lhe, então, uma historia de deserção e vagabundagem, em que a má sorte, que não o abandonava um momento, o obrigou a matar um homem...

— Era meu destino — concluiu elle.

Ella inclinou a cabeça, concordando com o acata-mento ancestral com que a gente do norte acceita os designios da fatalidade. E essa crença no irreme-diavel, que ambos sentiam com igual força, acabou com as reservas da moça. Ella lhe deu um chapéo e agazalho do avô, que dormia. E deu-lhe, tambem, um cavallo, em que elle podia fiar como um coração sincero, e as indicações necessarias para ganhar ra-pidamente a fronteira.

Quando se despediu della, elle, de joelhos, lhe beijou as mãos, dizendo-lhe, com lagrimas de agra-decimento:

— Deus lhe ha de pagar esta bôa acção fazendo-a muito feliz!

A moça ruborizou-se ante aquelle voto de felicidade pensando no noivo proximo a chegar.

Foi o commissario, que andava percorrendo os morros á procura do assassino, quem lhe deu a no-ticia de que seu noivo havia sido assassinado por um forasteiro. E ajuntou, a modo de consolo:

— A fatalidade...

KOHOUT.
Escrava voluntaria
Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.
Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel: — o uso d' "A SAUDE DA MULHER."
Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio.
A SAUDE DA MULHER
A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 33

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 17 de Agosto de 1929

EM NOME DA LEI...

Os tribunaes italianos examinaram, ha pouco tempo, uma questão originalissima.

Tratava-se de saber si, por ter um marido firmado um documento á sua esposa, desistindo de todos os direitos conjugaes sobre ella, perdêra o direito a um subsequente processo por adulterio.

Era, como se vê, uma these extravagante, defendida e negada, com calôr, pelos mais notaveis advogados do reino.

Mas, a razão com quem estava?!

O facto, em si, era simplesmente escandaloso, mas, por isso mesmo, humano...

E, como tal, sujeito, igualmente, ao arbitrio dos tribunaes onde a deusa Themis, com um olho só, tem a veleidade de distribuir justiça...

Resumindo, um tal Flaminio enfada-se da esposa, e ella delle, coisa que não é absolutamente novidade, entre os casados.

Porém, Flaminio entendeu de fornecer á esposa este documento que tem, pelo menos, o merito de ser original: "Dou á minha senhora absoluta liberdade para ir aonde lhe approuver e com quem quizer, renunciando, dessa fórma, a todos os direitos que a lei me possa conferir sobre ella."

Parece que elle exercia um direito, qual o de abrir mão de uma coisa que lhe pertencia.

O nosso *jeca* parece tambem pensar de igual modo, quando diz: "O que não presta, bóta-se fóra"...

O marido enfadado deitou fóra de casa a mulher, garantindo-lhe que podia tomar ares onde muito bem entendesse e na companhia que mais lhe agradasse.

Ella não perdeu tempo nem a opportunidade para dar substituto ao marido.

Foi viver com outro homem.

O marido veiu a saber do caso, não teve a serenidade sufficiente para sopitar o seu despeito e apresentou uma acção por adulterio, que na Italia está prevista pelo codigo penal, pedindo a prisão das partes *culpadas*.

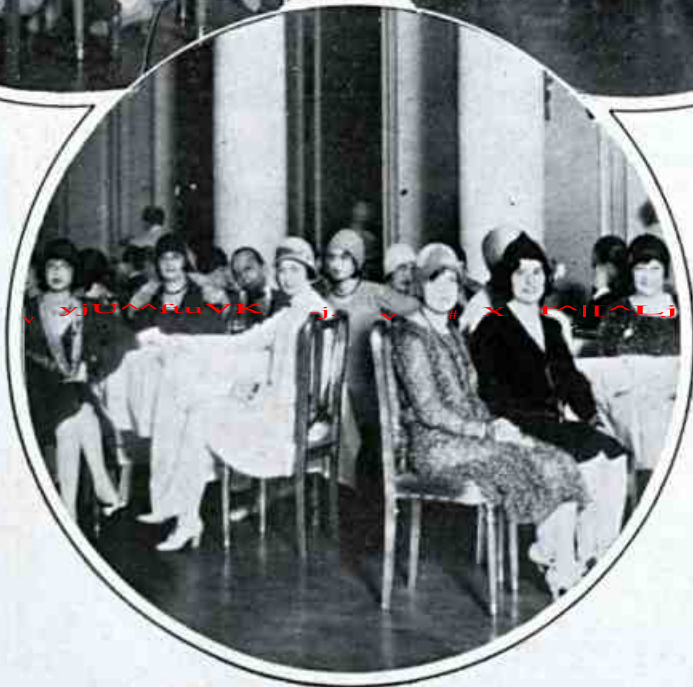
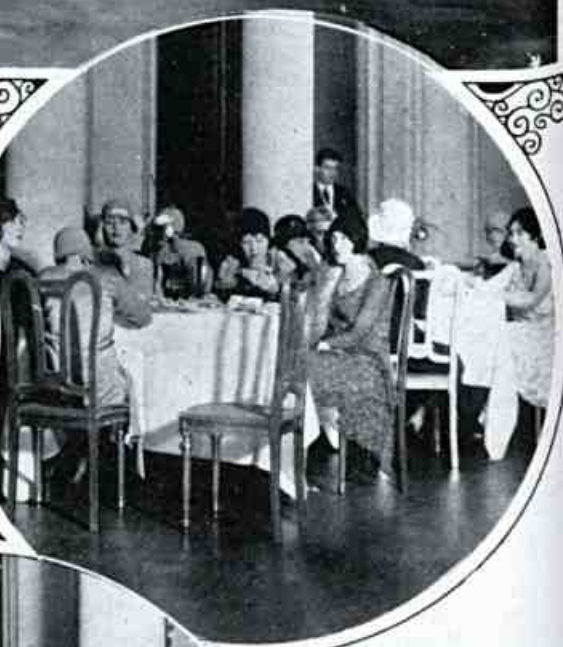
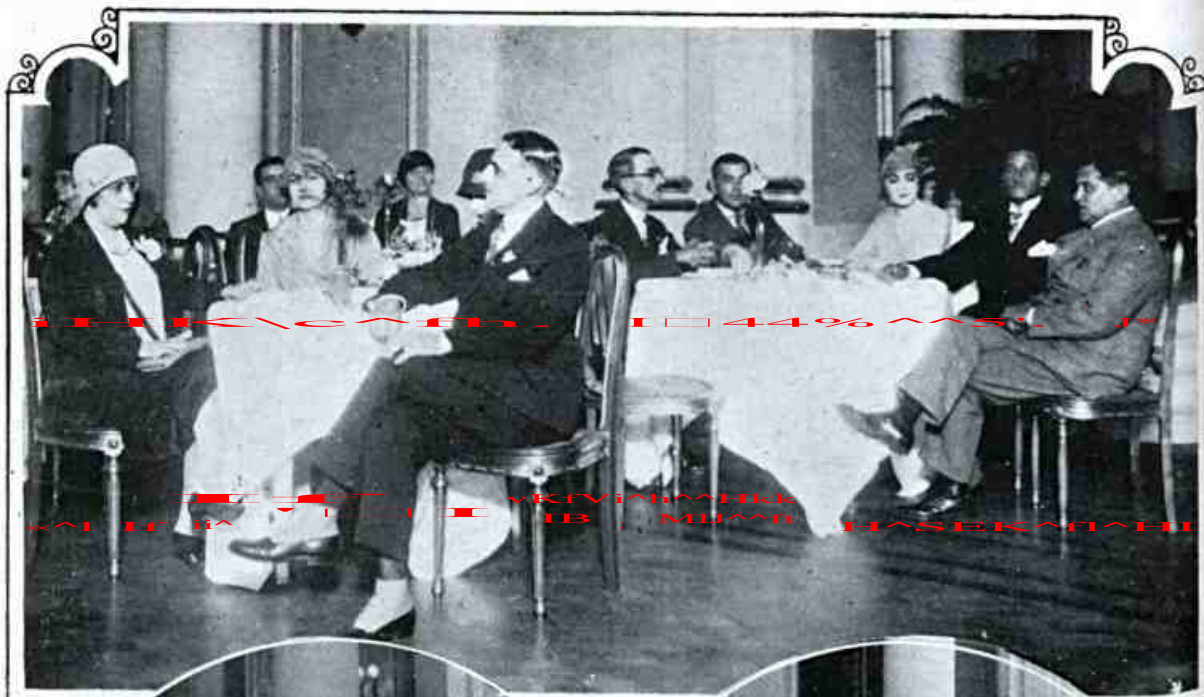
Mas, havia um documento escripto, e o juiz, chamado a dirimir a questão, não achou base para a applicação da pena solicitada.

Entretanto, a Côrte de Appellação reformou a sentença, decidindo que a desistencia do marido, de seus direitos maritaes, estava nulla e era vã, condemnando a esposa adultera e o seu apaixonado a tres mezes de prisão!

Ora, vá a gente se fiar na intelligencia dos juizes...

Decididamente, mr. Jean Cruet perdeu um tempo precioso, esgotando-se em escrever o seu volume sobre a *inutilidade das leis!*

Quem faz as leis é o homem, e quem as applica raramente sabe lêr além daquillo que está escripto...

MARIO POPPE

O Automovel Club do Brasil proporcionou, na penultima quinta-feira, mais um chá-dançante á nossa «haute-gomme». Foi uma festa de grande brilho mundano. Os elegantes salões do palacio da rua do Passeio rutilaram com os mais lindos sorrisos desta temporada. E a distincta directoria do Automovel Club soube captivar esses sorrisos, que de certo voltarão a illuminar as futuras reuniões da aristocrática sociedade.

GLYCINIAS

Ouvindo, agora, a saudade magoada daquella musica que embalava os nossos idyllios ao pé do velho portão onde nos sentavamos nas noites placidas de abril, eu senti, meu amor, uma grande, uma profunda, uma infinita melancolia. Melancolia por não te ter perto de mim, nesta hora nuente de agosto, para que, juntos, ouvindo a nossa musica de outr'ora, pudessemos evocar todo o nosso lindo romance daquella colina... Melancolia por não possuir mais a minha doce illusão da côr dos teus olhos azues... Melancolia por viver, hoje, na incerteza de um amor que tanto illuminou a minha vida. Melancolia pela dolorosa angustia, em que se debate meu coração, á tua espera...

Aquella musica triste faz tanto bem á minha saudade... Faz tanto bem á minha vida solitaria... Sua harmonia, ao menos me dá a nova illusão de que ainda poderás voltar, com todo o teu deslumbramento loiro, e toda a tua mocidade radiosa, para os meus braços desolados... Para os meus braços que ha muito tempo não te recebem...

O sr. ministro do Equador e sra. Guarderas offereceram, sabbado ultimo, no palacete da respectiva legação, em Copacabana, uma recepção para commemorar a data da independencia do paiz amigo. As altas autoridades brasileiras, o corpo diplomatico e a nossa sociedade compareceram a essa festa diplomatica.

ARABESCOS

Disseste-me um dia: "Si pudesse, si nada o impedisse, partiria para bem longe e iria viver só". Perguntei-te: "Quando dizes isso, não te lembras de mim?"

Nunca foste tão prompta em replica. E eu ouvi um "não" secco e decidido.

Calei-me. Para quê dizer mais? E poderia eu, porventura, falar, com a alma assim torturada?

A tristeza immensa que leste nos meus olhos deu-te remorsos. Teu egoismo envergonhou-te.

Sorriste. Senti a tua mão de sêda nos meus cabellos. E disseste-me: "Não vês que eu não poderia esquecer-me de ti?"

Creio que sorri também. Mas foi tão sincero o meu sorriso como as tuas ultimas palavras...

O que se diz dum impeto, na espontaneidade do primeiro impulso, é que é sincero, é que exprime o que a alma sente e o cerebro pensa.

Aquelle "não" secco e decidido marcou toda a minha negra desdita.

Não te mereço senão piedade humilhante.

Aos teus olhos, não sou mais do que um infeliz que não queres tornar mais desgraçado abandonando-o...

MARTOS-ALEAR.

UM grupo de medicos brasileiros offereceu, sabbado ultimo, no Jockey Club, um almoço ao professor Claude, o grande neurologista francez que ora nos visita. Entre outros, tomaram parte nessa homenagem os professores Aloysio de Castro, Julliano Moreira, Austregesilo, Henrique Roxo e Xavier de Oliveira.

GLYCINIAS

Na quietude desta manhã clara de agosto, eu me lembro de ti com tão grande saudade, que meus olhos humidos mal vislumbram o oiro do sol que se derrama, luminosamente, sobre o telhado do edificio que fica em frente á minha mesa. Na rua, ha o ruido dos vehiculos que passam, dos homens que conversam, das mulheres que riem, dos vendedores que gritam... Aqui dentro ha o barulho do trabalho, das machinas rodando para a delicia dos leitores...

Mas, em torno de mim, doce querida, ha um silencio immenso, um grande silencio, que me desola. E' o teu silencio, é o silencio do teu amor, cuja voz de doçura ha tanto tempo eu não escuto...

OS bacharels da turma de 1907 da Faculdade de Direito de São Paulo, e que residem nesta capital, commemoraram, domingo passado, com um almoço intimo, no Palace Hotel, o 22.° anniversario de sua formatura. Pertenceu a essa turma o dr. Victor Konder, ministro da Viação, que tomou parte no agape commemorativo.

EVANIDADE...

Em torno de uma cabeça loura

POR entre os ramos frageis das roseiras, que se espicham até a janella do "bungalow" florido.

Quasi sempre vejo aquella cabeça loura e pensativa. E' a minha vizinha.

E' linda e tem um ar contemplativo.

Nunca me enganei a seu respeito.

Desde que a vi, tive a impressão de que aquella deusa era uma creatura romantica.

Na sua simplicidade elegante, faz pensar nos personagens irreaes, que vivem nas paginas dos romances da "Bibliothèque Rose" e nas grandes amorosas do seculo XVII.

A' força de vel-a, — vel-a e ouvil-a, ora a gorgear um trecho de canção, de melodia — "Je t'aime", de Grieg; "Impatience", de Schubert! — ora a declamar, em surdina, uns versos de Géraldy, de Verlaine, de Emilio Carrere ou de Villaespesa — acabei por lhe dar um nome sonoro, um pouco real e um pouco imaginario. Fui encontral-o em "Les Desenchantées", de Pierre Loti. Esse nome é — Djenane —, aquella formosa turca, da época dos harens, que se apaixonou pelo espirito bizarro e luminoso de André Lhery...

•

Uma noite, (havia um lindo luar, que se abria como um leque immenso, no esmalte extincto do céu pallido e transparente) a cabecita loura — cabeça de uma creatura "mignonne", que daria cobiças ao lobo do "chaperon rouge" — assomou ao balcão do "bungalow" vizinho á minha casa...

De repente, a sua voz cantante sussurrou, na quietude da noite linda, estes versos de "Le Citron d'or", de André David...

Le cœur est comme un cimetière
Et les souvenirs qu'on enterre
Sont des morts privés de repos.
Pâles fantômes de la terre
Ils soulèvent parfois leurs dalles funéraires
Pour venir faire entendre un étrange sanglot...

E quando a sua voz macia — macia como o desfolhar de uma rosa — disse os ultimos rythmos do poemeto, lyrico, não pude reprimir dois movimentos instinctivos: dizer de mim para mim: "Maravilhoso"! — e pensar que as mulheres modernas não têm coração para amar.

Amar! Amar é sacrificio — em troca de pouca coisa... O amor-paixão, segundo Stendhal, é tormentoso e precario.

As mulheres de hoje, empolgadas pelo espirito praticionista do seculo, attingiram a perfeição de não amar senão superficialmente. O amor não é mais, para ellas, um sentimento que se lhes infiltre no coração; é, antes, uma camada de perfume, que o reveste, muito de leve, — não como a tunica de Nessus, que fazia soffrer, mas como um simples "peignoir", que se evapora...

Escrevo tudo isso, conscientemente. E si alguma dama — que, por acaso, leia esta chroniqueta, — me perguntar, intrigada: "Onde a prova de tamanho absurdo?" responderei, simplesmente. "E' que as mulheres já não morrem do coração..."

— E' o obituario! — dirá ella.

— E' ironia dos medicos — direi eu.

MLLE. Maria das Mercês Mourão Calasans, a festejada pianista brasileira que acaba de fazer tão grande successo em São Paulo, por occasião de seu recente concerto naquella capital. Maria das Mercês, que é uma das mais vigorosas representantes do virtuosismo nacional, dará, brevemente, um recital aqui no Rio.

CHARLA — Os intellectuaes se parecem com os entes de saia pela vaidade doentia. A gloria da mulher é ser cortejada pela belleza physica; a do homem (é claro que falo dos homens superiores) é ser exaltado pela belleza do espirito.

Assim, a mulher se sente feliz em saber que é admirada e querida; o homem, em ser popular, em ter nomeada, em saber que é cortejado pelo grande publico.

HA sorrisos que são meramente ornamentaes. Apenas realçam mais a belleza feminina...

Quem conhece a força e a extensão dessa vaidade masculina, não despreza umas certas formulas, consideradas de praxe.

Exemplo. E' de bom gosto literario declarar a um intellectual, de quem nunca se ouviu falar: "Conhecia-o muito de nome. Agora, tenho o prazer de conhecel-o pessoalmente."

Naturalmente, o intellectual percebe que não era conhecido do outro. Mas sorri. Sorri na illusão e na incerteza do que acaba de ouvir.

— Obrigado. Tenho muita satisfação em saber que já mereci a attenção de uma pessoa tão illustre.

Rasgam-se as sêdas:

— O sr. é amabilissimo. E' bem a alma sensivel que transparece na sua arte de "élite".

Esses detalhes definem bem a vaidade de um homem de letras.

Todos elles são excessivamente vaidosos. Mais vaidosos ainda são os que apparentam uma certa modestia. Um escriptor modesto é uma ficção: não existe. Do contrario, elle começaria permanecendo na penumbra: nunca viria á luz da publicidade.

Destarte, é uma decepção dolorosa, para um intellectual, quando este ouve a revelação de que não passa de um "illustre desconhecido".

(Tratando-se do sexo feminino, o caso ainda é mais impressionante.)

Tristan Bernard, o grande humorista francez, conta, a esse respeito, uma anecdota interessante, que occorreu com a sua propria pessôa.

Certa vez, entrou elle na loja de um antiquario, em Paris.

— "Quanto custa essa estatueta?

— Cento e vinte francos.

— Hum! E' muito! Oitenta, não serve? — offereceu o escriptor.

— E' pouco. Teria prejuizo. Mas com o senhor, eu não vou discutir...

Não tinha nenhuma necesidade da estatueta mediocre, que estava nas minhas mãos. Mas a amabilidade do antiquario lisonjeou a minha vaidade de escriptor.

Um escriptor tem sempre uma grande alegria em saber que foi reconhecido. Paguei a estatueta. E depois:

— Faça o favor de envial-a á minha residencia.

— Está direito, senhor. E em nome de quem?"

E' claro que a decepção de Bernard não foi deste mundo. Mas, não foi maior do que a de muita gente, que por ahi se julga uma notabilidade e "estrella" de primeira grandeza...

ZIG-ZAG — Os senhores devem ter notado que, hoje, não escrevi uma bôa piada. Uma bôa piada!

A's vezes, é tão difficil ser alegre... Toda alegria é um reflexo de felicidade. Não creio que possa haver alegria sem felicidade.

Os senhores poderão intervir: "Mas a felicidade não existe..."

Existe, sim, affirmo eu. Ella não é sinão o coefficiente de sonho que as horas bôas da nossa vida nos dão... A felicidade é um bem relativo, — para aquelle que a suppõe ter encontrado.

Para quem ri, a felicidade é o motivo que provocou o seu riso. Mesmo quando esse riso lembra um clarão fugaz, um fogo-fatuo na tréva da sua grande dôr.

E para quem chora! Ha uma felicidade: chorar! Chorar e ser consolado pelos beijos de alguem. Não se diga que todas as dôres não encontram o dôce consolo de um sorriso. De um sorriso e de um beijo.

Porque — é bem sabido — a piedade é uma manifestação de egoismo. Nós nos apiedamos de alguem pelo terror da consciencia que temos de que soffreriamos em circumstancias identicas...

A resposta que eu não disse...

Meu frio coração amargurado,
Ante o clamor do teu, que o busca errante
Na aza de um verso, tremulo, offegante,
Abranda o riso para ouvir teu brado.

De amor, nada conheço que me encante,
E, vejo, de teus versos no passado,
Quanto soffreste o amor, peito cansado!
Quanto vibraste á dôr, homem amante!

Estremeço ao teu grito cheio de ansia,
Mas recuo. E, na calma de meu leito,
Só, do "sim" e do "não" na relutancia,

Hesito, e, nem te afasto, e, nem te acceito,
Amor, que vences leguas de distancia
Para buscar repouso no meu peito!

AMELIA THOMAZ.

("*Jardim Fechado*").

Eis porque estou certo de que ha sempre um lenço para enxugar uma lagrima e um beijo para aplacar uma dôr...

Mas, afinal, a que vem tudo isso?

Comecei falando numa bôa piada, e eis-me aqui a philosophar sobre as coisas graves da vida.

Em todo caso, isso é uma prova de felicidade. Machado de Assis escreveu: "A felicidade é faireira." E dentro da minha theoria da relatividade (com licença de Einstein), sinto-me um pouco feliz, neste instante; porque a verdade é que posso palestrar com os senhores. Estou aqui de penna em punho, á cata de um motivo esthetico, philosophico, mundano, seja qual fôr, — para chegar ao fim desta nota...

E si estivesse doente? Não seria peor?

Talvez os felizardos fossem os senhores. Porque, nesse caso, não teriam que me supportar. Não é verdade?

TEDIO — De Yves — Todos nós que escrevemos, raramente sentimos a necessidade de um amôr real, para realizar uma obra de arte, inspirada no sentimento do amôr. Basta-nos um pensamento de amôr.

O resto é pura elaboração do espirito, na qual pouco entra o nosso coração. Todo o trabalho que a nossa penna realiza, é intrinsecamente cerebral.

Póde-se dizer que o sôpro sentimental de que a nossa obra se anima vem de dentro do nosso cerebro. O seu espirito é o perfume da rosa da nossa imaginação...

E' verdade que o amôr move o sol. Lá está no poema eterno do semideus florentino:

"Amor che muove il sole e l'altre stelle..."

Mas ouso sustentar que basta um pensamento de amôr para que a nossa obra o espelhe, nos seus reflexos mais vivos. Bilac já o disse.

Que é o *Sonho*, de Zola? Uma obra de amôr, construida menos com o palpitar do seu coração do que com as labaredas do seu genio.

Aquella historia tão simples, tão cheia de poesia e de encanto, que é a vida de Feliciano e Angelica, só podia ter sido engendrada por um amoroso incorrigivel, um sentimental, um homem que não fôsse o realista potente de "Germinal" e de "La Bête humaine"...

Ha dias, porém, em que o nosso coração transborda de affecto e, no emtanto, não concebemos um pensamento de amôr...

Por que? Talvez haja uma razão facil de ser explicada.

E' que o amôr, esse amôr-homenagem á mulher, é um culto vão, é um incenso que se queima a um idolo de barro.

As mulheres são sempre as mesmas. "Les femmes — diz um escriptor francez, Daniel Riche — n'ont qu'une seule et même ame, cachée sous des enveloppes différentes."

Todo o nosso esforço, para divinizal-as, através da nossa arte, (não importa a modalidade de arte) é um esforço improficuo. Inutil porque, nem sequer, ellas se interessam por nós...

Mas — quem sabe? — é possivel até que eu esteja sendo injusto. Talvez toda essa má vontade para com as dôces filhas de Eva seja effeito desse tedio assoberbante, que me domina o coração e me indispõe para os pensamentos de amor...

A senhorita Maria de Lourdes B. Cintra completou mais um anniversario. Qual delles? Não importa. O que importa saber é que esse acontecimento foi de grande jubilo para os seus illustres paes — o dr. Guilherme Cintra e d. Anadia B. Cintra — e todos os que têm a felicidade de privar na sua intimidade. Tanto é assim que a anniversariante offereceu uma linda recepção ás suas amiguinhas, todas ellas figuras da nossa «élite». Flores de luxo que homenageiam outra flor...

LANTERNAS DE PAPEL

O MANTO DA ESCOLHA

Nos tempos do rei Arthur, quando os grandes barões da Bretanha e Cormalhes se reuniam em deredor da famosa Tavola Redonda, appareceu entre elles um homem mysterioso. Vinha do Oriente lendário e, atravessando a escura floresta de Broceliancla, onde dormia o feiticeiro Merlin enredado na trama de amor de Melusina, encontrara algumas fadas que o tinham encarregado de trazer ao grande soberano um presente magico. E o homem mysterioso fez entrega ao rei dum manto tecido ao luar pelos elfos nas clareiras da selva encantada.

— Para que serve? indagou Arthur, amaciando com as mãos, admirado a sua levesa e finura, aquelle fino caudal.

E o mensageiro lhe respondeu:

— Disse-me Titania, senhor, a rainha das fadas de Broceliancla, que elle deve ser offerecido á dona mais bella e mais pura de vossa côrte.

Resôaram pelo vasto palacio as trombetas, os atavaques e os anafis. Reuniu-se a côrte toda no grande atrio dos embaixadores. E o dystein, o mordomo do paço, annunciou a vontade do rei:

— Donas, meu senhor Arthur ordena que, uma após outra, experimenteis este manto e aquella que elle envolver toda será proclamada a mais bella e a mais pura mulher destes reinos!

A rainha foi a primeira a tomar o véo das mãos do dystein. Mas elle, posto aos seus hombros, logo se encurtou e ficou escasso, do tamanho dum lenço. Após ella, as grandes damas, esposas, filhas, irmãs dos cavalleiros mais nobres, esforçados e heroicos, procuraram envolver as suas formas esplendidas nas dobras do manto encantado. Em umas, elle se encolhia e ficava como uma faixa, como uma fita, como um fiapo. Em outras, elle se alvejava até o chão como um sudario, ou arrastava pelo lagedo como um tapete. E todas as donas murmurantes, afastaram-se do cendal em gestos de despeito, de odio e de terror. E' que elle encerrava em si a verdade e desmascarava as feiuras.

De subito, o rei descobre, modestamente occulta entre as brutas pilastras do palacio, apreciando aquella scena, a joven Ginela. Chama-a e manda que lhe atirem o manto das fadas. O fino cendal cáe-lhe sobre os hombros, desce em pregas harmoniosas ao longo do seu corpo e veste-a lindamente como si para ella houvesse sido talhado sob medida.

E a voz potente do dystein reboa sob as escadas de pedra:

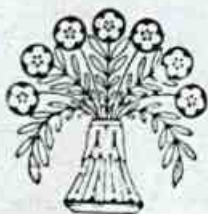
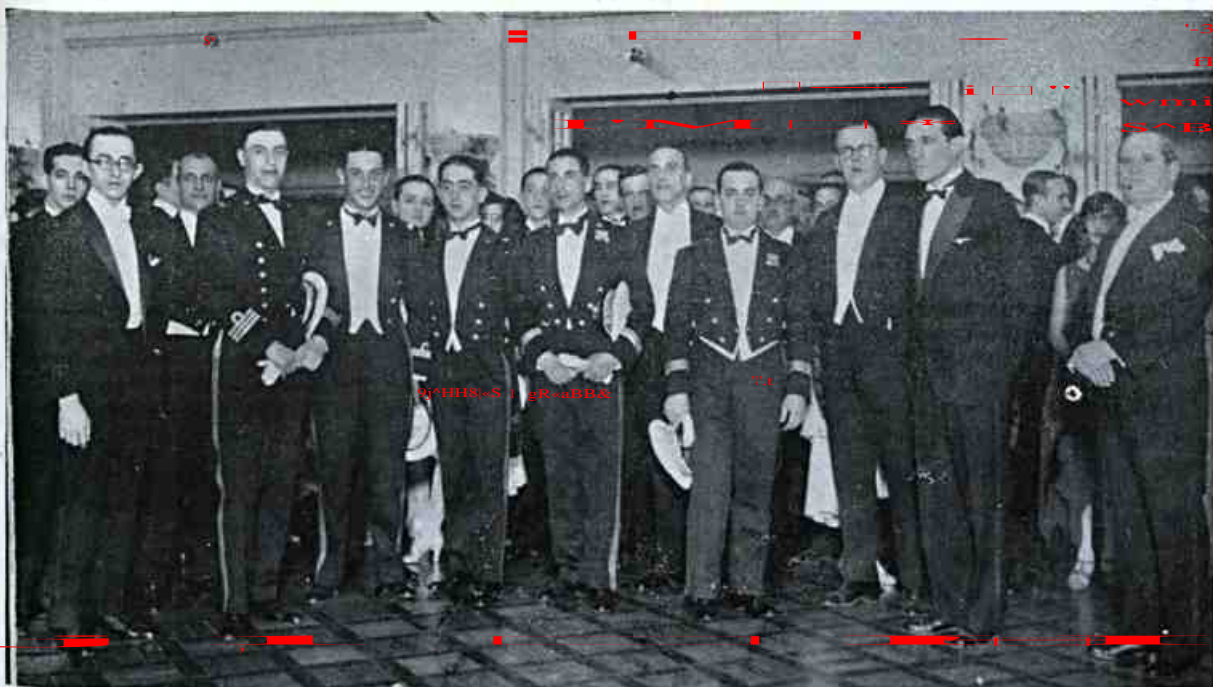
— Meu senhor Arthur proclama a joven Ginela a mais bella e a mais pura mulher dos seus dominios!

Esta historia está numa velha ballada medieval e toda ballada tem o seu "offertorio". Eil-o:

— Entre todas nobres e formosas, o magico manto do meu amor te vestio, o Meu Sonho, e te consagrou a Escolhida!

Claudio França

AUTORES

NOS circulos da actividade intellectual do paiz, o nome de Oswaldo Orico tem um relevo inconfundivel. Escriptor, poeta, professor, o distincto homem de letras patricio affirma, dia a dia mais, os altos meritos do seu espirito scintillante. Suas obras estão ahi a attestar esse merecimento. E, agora, Oswaldo Orico nos offerece um novo trabalho, interessante, sob todos os aspectos, e que é mais uma affirmação da sua capacidade intellectual. «A Vida de José de Alencar» — é a nova obra com que o brilhante escriptor dá inicio a uma série de trabalhos valiosissimos, estudando a vida e a obra de vários dos nossos grandes homens. A este estudo sobre o immortal escriptor do «O Guarany» e de «Iracema», seguir-se-ão — «A pobre vida de José do Patrocinio», «A vida milagrosa de Oswaldo Cruz» e «Diogo Feijó», ou o demonio da regencia». Em a «A vida de José de Alencar», Oswaldo Orico, em traços accentuados e suggestivos, retrata a physionomia intellectual e moral do romancista, do jornalista, do politico, toda a complexa e polymorpha individualidade do grande escriptor cearense. E tudo isso elle o faz no seu estylo fino, elegante, pessoal.

O Botafogo F. C. commemorou, segunda-feira, o anniversario de sua fundação. E, entre outras festas com que solennizou essa grande data, levou a effeito um baile deslumbrante, que foi uma nota de excepcional brilho mundano e de rutilante alegria.

* * *

SERA' "BLAGUE"?...

"A honestidade das mulheres não passa, muita vez, do zelo que têem ellas da sua reputação e, sobretudo, da sua tranquillidade."

Essa "blague" (será "blague"?) não é de quem traça estas linhas com o pensamento em alguem.

E' de Larochefoucauld, o grande moralista e fino psychologo, que sempre foi um tanto impiedoso para as fraquezas do sexo, então, — ainda chamado... fraco...

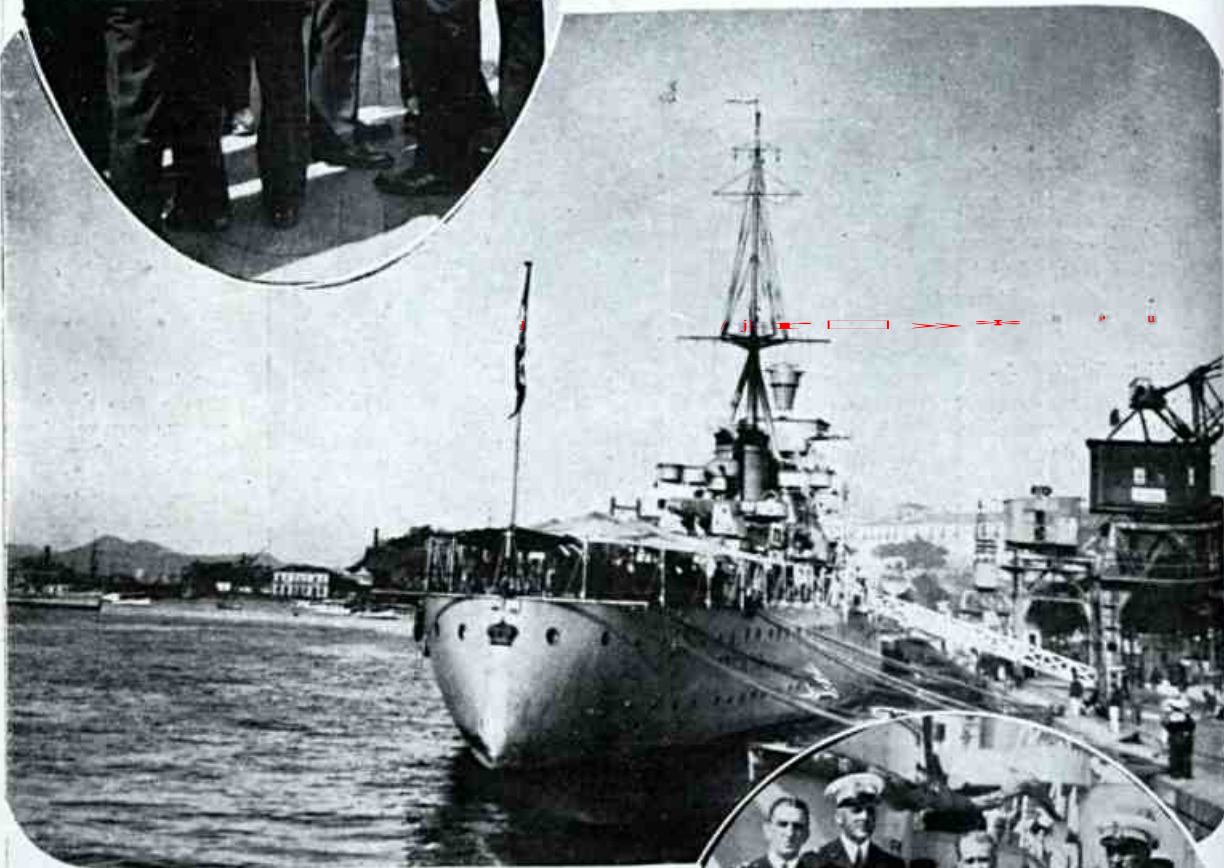
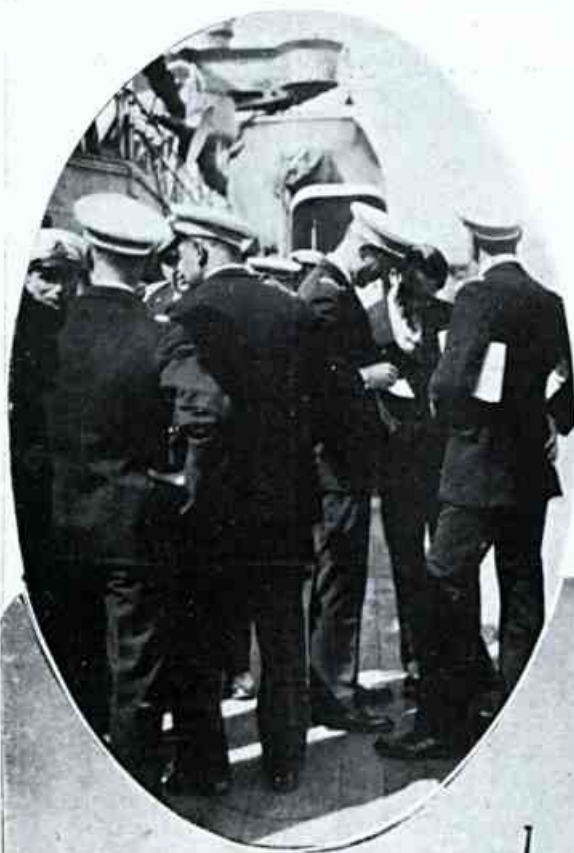
Mas, é bôa, positivamente bôa e feliz. Não... pecca por amor da sua tranquillidade; do seu repouso, é gentilmente feminino.

FILIGRANAS

Quantas vezes os meus olhos param sobre os teus, penetram na agua das tuas pupillas violetas o logo uma lagrima humedece as plapebras.

Ficas embevecida e me perguntas qual a razão dessa gôtta leve de pranto. Nunca lêste Charles Guérin, ó minha doce amiga?! Pois lê e nelle acharás estes versos:

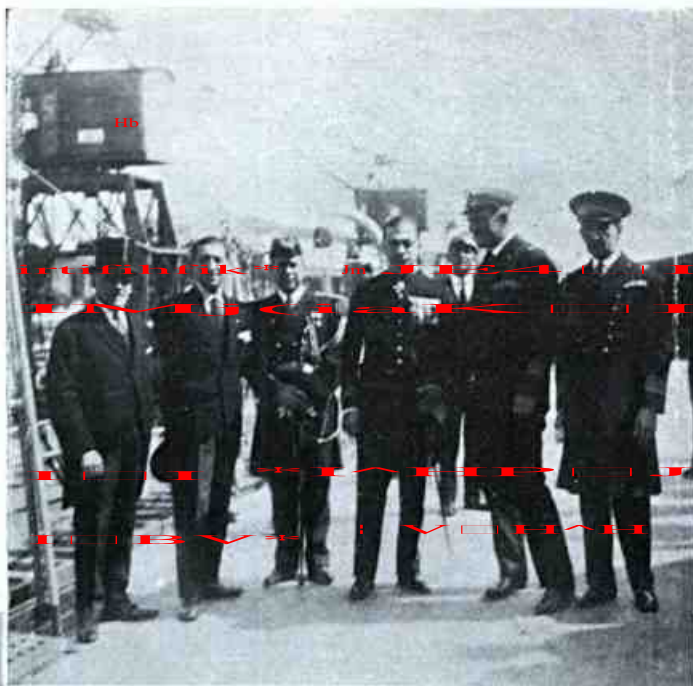
.... ton silence suivre et tes yeux sont si beaux,
si tendres, que mon cœur se répand en sanglots.

Vês como é a tua morbida ternura que me agarra, constringe e domina; que me faz vibrar até o mais profundo do ser; e que me faz chorar como uma criança.... de felicidade...

O cruzador «Trento», da Marinha de Guerra italiana, acha-se ha alguns dias em nosso porto, tendo aqui chegado na manhã de quarta-feira penultima e permanecendo até hoje em aguas cariocas, quando zarpará para o sul, indo a Santos, Montevidéo e Buenos Aires. Varias foram as homenagens prestadas nesta capital á officialidade e á maruja do «Trento», durante a permanencia desse vaso de guerra na Guanabara. Publicamos nesta e na pagina seguinte as primeiras photographias tomadas a bordo do «Trento», no dia de sua chegada ao porto do Rio de Janeiro.

COISAS

Um costureiro de Londres, ha tempos, poz em pratica interessante systema de propaganda, fazendo um grupo de mulheres elegantes exhibir as ultimas creações da casa, nos "expressos" diarios, que chegam e partem da capital ingleza.

Quando os passageiros estão installados nas magnificas poltronas do "expresso", a "onda elegante" entra e passa, deixando a todos uma impressão de encantamento.

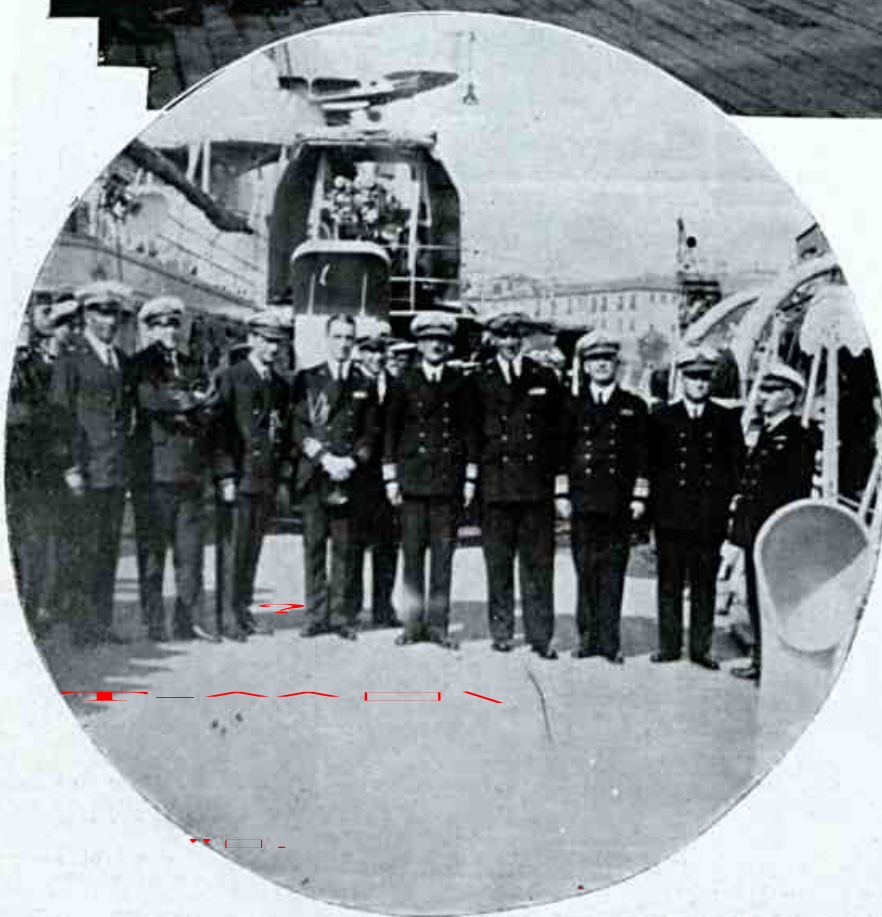
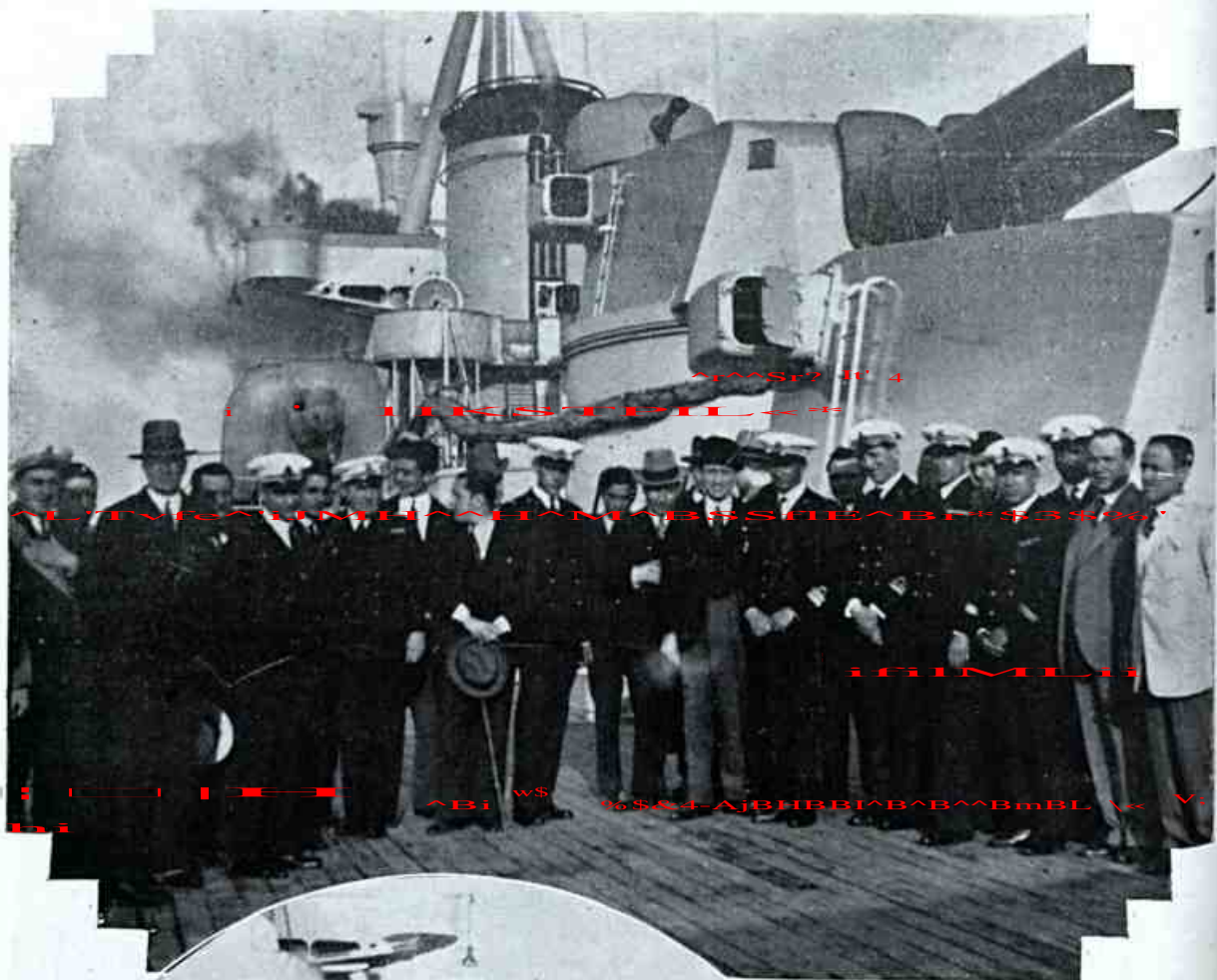
Quem não sabe que aquellas mulheres formosas são apenas manequins ambulantes, profissionaes pagas para a "parada elegante" do costureiro tem uma impressão de assombro e pensa... Ora, póde pensar muita coisa!...

As mulheres fazem um pequeno percurso, saltam em uma estação proxima e aproveitam outro comboio para continuar o trabalho.

Isto não se passa ainda no "trem azul", que actualmente faz o percurso Rio-S. Paulo, mas, fatalmente, será um dia imitado.

Nós gostamos de imitar tudo. Nosso espirito de imitação é simplesmente espantoso...

Imitámos até o "liberalismo" inglez... e vamos, certamente, em dias proximos, imitar o costureiro de Londres.

Os manequins, porém, vão ser "gozados", pois, entrar na "gare" da Central, negra e suja, e saltar em Cascadura, será podre de "chic...", coisa digna de ser cantada em prosa e verso...

O commandante do «Trento», capitão de mar e guerra Walmiro Pini, e a officialidade do cruzador italiano com o addido naval de sou paiz, secretarios da embaixada e consul geral da Italia, e officiaes da nossa Marinha, a bordo daquella belli-nave.

UM grupo de jornalistas brasileiros a bordo do «Trento», com o commandante e officiaes daquelle vaso de guerra e o embaixador Attolico, que fez o convite para a visita da imprensa ao cruzador italiano. Em baixo, o sr. ministro da Marinha, após o almoço que o commandante Pini offereceu a s. ex. a bordo do «Trento».

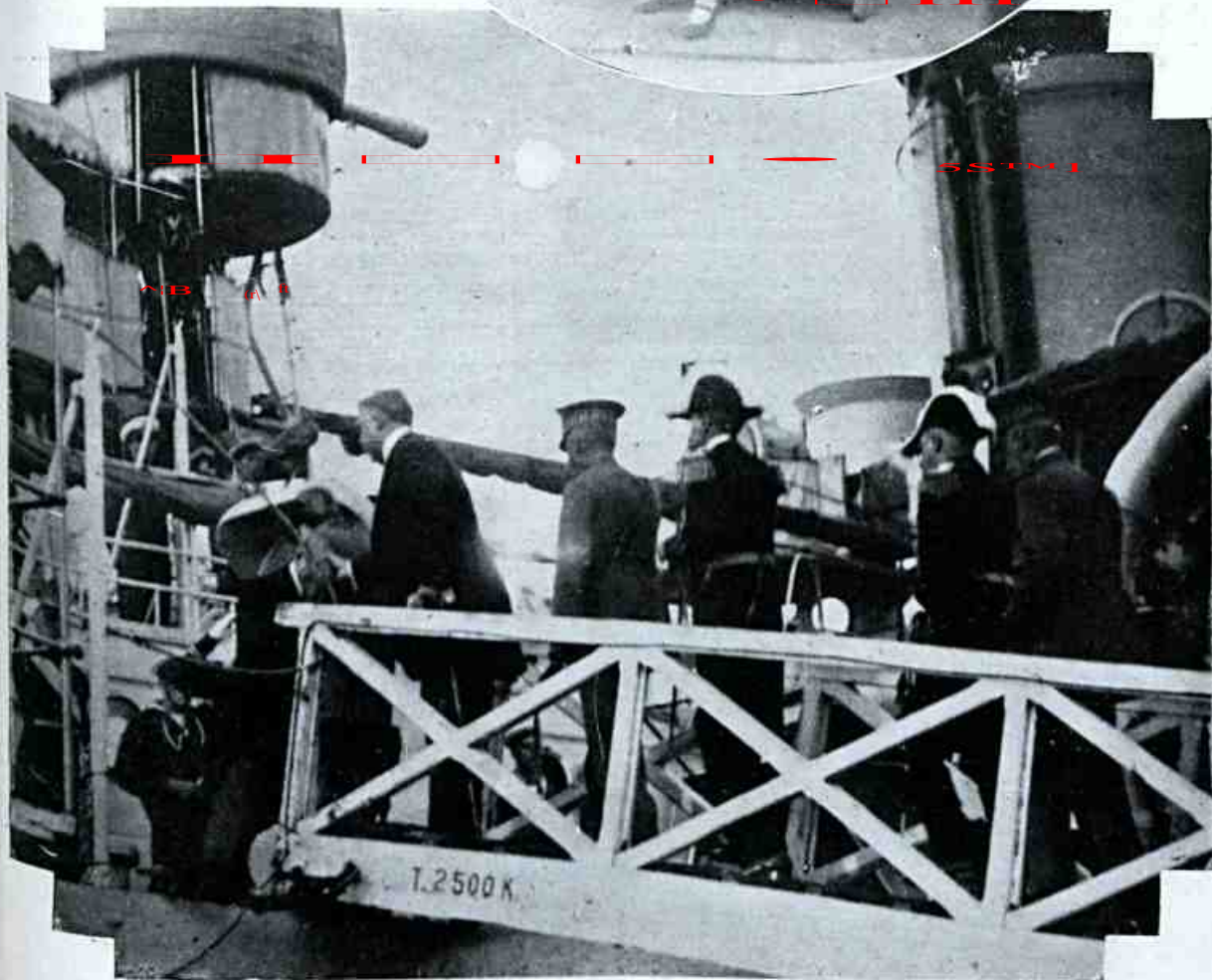
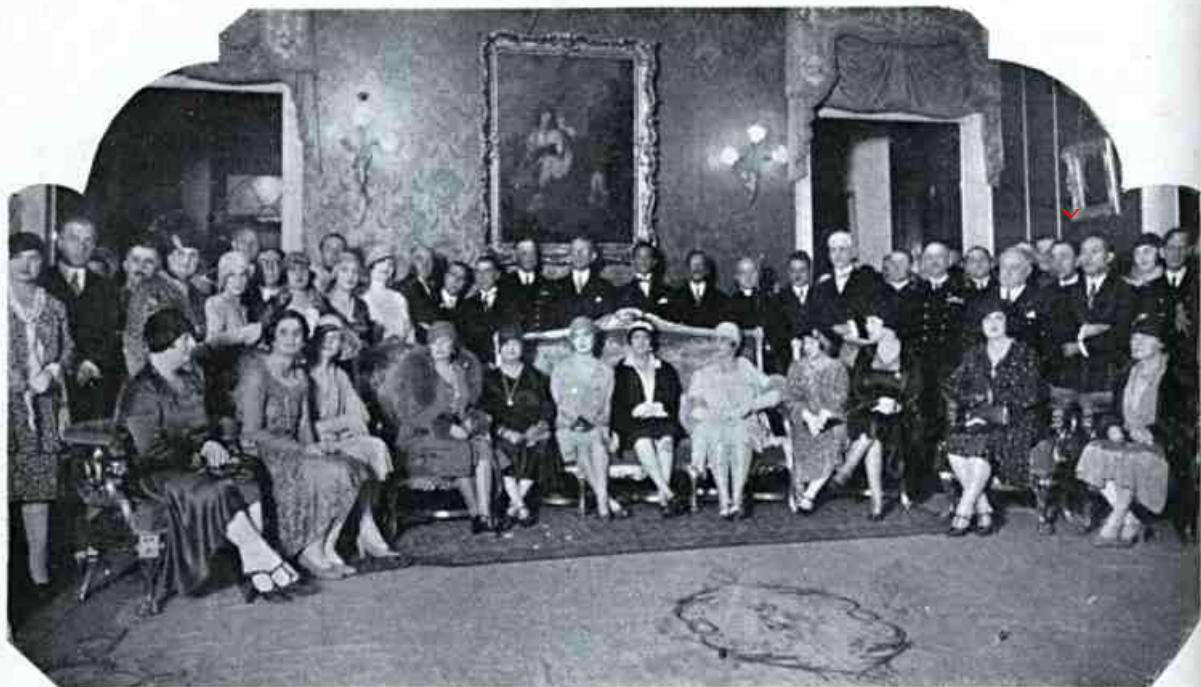
FRISOS

— Ouve! Lá fóra, o relogio da torre da fabrica vae gottejando lentamente as doze pancadas da meia-noite! Por que será tão lugubre esta hora? De onde deriva esta tristeza immensa, este pesar profundo, tão communicativo e sincero, que chegou a fazer desta hora a hora consagrada dos duendes e das coisas fantasticas? Não sentes, porventura, que todas as coisas silenciaram neste minuto verdadeiramente tragico? As vozes do ar soffreram uma pausa, os rumores da vida tiveram um amortecimento subito e até esse grillo medroso, que está a trillar num recan-

da Parede, poz uma pausa na sua expansão monotona...

Que póde ter essa hora de tão tragico? Por que todos a temem e todos estremecem ao ouvil-a?...

— Não percebes então? E' que essa hora, verdadeiramente funebre, marca o termo inexoravel de um dia. E' mais uma parcella de tempo que corre para o Passado. E todas as creaturas, todas as coisas, a natureza inteira sentem, instinctivamente, quando ella sôa, que um novo passo foi dado para a mysteriosa eternidade. Não comprehendes que a meia noite marca a approximação do Fim?...

SABBADO, á tarde, o sr. Presidente da Republica, acompanhado da sra. Washington Luis, visitou o cruzador italiano «Trento», onde o commandante Pini e o embaixador Attolico offereceram brilhante recepção a ss. exs. As photographias desta pagina fixam dois detalhes da visita presidencial ao vaso de guerra da Italia: o sr. dr. Washington Luis chegando e quando deixava o «Trento».

O sr. embaixador da Italia e sra. Bernardo Attolico deram, no palacio da embaixada de seu paiz, uma recepção em honra do commandante Pini e dos officiaes do cruzador «Trento».

FILIGRANAS

Encantador poeta o que burilou no oiro da lingua de Racine estas duas quadras maravilhosas:

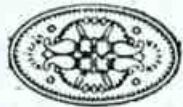
L'abeille qui plongeait dans cette campanule,
mes doigts agilement sur elle ont clos la fleur;
entends, si ton oreille approche sa cellule,
l'insecte bourdonner sur un ton querelleur.

Ce n'est là qu'une image encor, ma bien-aimée:
dans ton cœur où j'entrais un jour, le croyant sûr,
mon amour, ivre d'un miel divin, chante enfermé
pareille à la captive ailée, ivre d'azur!

A todas as horas do dia ou da noite, escuta teu coração, querida. Não sentes palpitar nelle o desejo nem nelle sussurrar o meu amor? Eu sou a abelha ansiosa da liberdade que prendeste e que, ébria pelo mel da tua caricia nunca mais póde voar.

Segunda-feira á tarde, realizou-se no Club Naval a recepção que o sr. ministro da Marinha, almirante Pinto da Luz, offereceu ao commandante e officialidade da bellonave italiana que ora nos visita.

HOMENAGEM A JORGE DE LIMA

OS amigos mais intimos de Jorge de Lima, reunidos no Club dos Bandeirantes, quarta-feira penultima, homenagearam, com um almoço de despedida, o illustre poeta de Alagôas, que tambem é nosso, porque é um poeta brasileiro. Jorge de Lima achava-se no Rio ha algumas semanas, tendo vindo até aqui representar seu Estado nos recentes congressos medicos realizados nesta capital. Porque o poeta que tanto admiramos, e que acaba de nos offerecer seus «Novos Poemas», é, tambem, um scientista de grande merito e um clinico notavel. Mas, terminados os congressos em que tomou parte, Jorge de Lima deixou de lado a medicina para se reunir aos seus amigos literatos e com elles passar os ultimos dias de sua permanencia na terra carioca. O almoço dos Bandeirantes foi, mais do que um simples agape, uma reunião de cordialidade literaria, uma vez que delle participaram apenas homens de letras — poetas, escriptores, jornalistas, etc. — e as sras. Tarsila do Amaral e Eugenia Alvaro Moreyra, cuja presença foi uma nota muito expressiva na homenagem a Jorge de Lima. Ninguem se levantou para fazer discurso, embora todos tenham falado, pois o almoço foi uma palestra «saborosa e bôa», como a poesia de Jorge de Lima, na expressão pittoresca da sra. Tarsila do Amaral.

FILIGRANAS

Aquelle caminho, que sobe para a montanha no fim daquella rua tranquilla que termina o arrabalde, perde-se entre arvoredos e para elle dão casas rusticas, onde ao entardecer gemem violinos. Nos crepusculos de oiro e madreperola, eu tenho uma vontade de ir vêr aquelle caminho, de sentir a voluptuosidade do anoitecer á sombra densa de suas arvores amigas, uma vontade tão grande que muito me custa refrear. Porque aquelle caminho é uma pagina da minha vida, pagina suave e triste, deliciosa, porém, na sua suavidade e na sua tristeza, pagina de ternura e de amor!

A arca

Gabriel d'Annunzio

MAL ouviu o ruido das muletas, Lucas abriu, completamente, os olhos turvos e ardentes, que dirigiu para a porta, em cujo humbral ia apparecer seu irmão. Todo o seu rosto, desalentado pelo soffrimento, devorado pelo calor da febre, cheio de pontos vermelhos, adquiriu, immediatamente, uma expressão de dureza quasi furibunda. Segurou convulsivamente as mãos de sua mãe, e gritou, com voz entrecortada e bronca:

— Expulsa-o, expulsa-o! Não quero vêl-o! Estás ouvindo? Não quero vêl-o nunca, nunca! Estás ouvindo?

Afogavam-se-lhe as palavras na garganta. Suffocado pelo accesso de tosse, elle apertava nervosamente as mãos de sua mãe e a camisa se lhe abria a cada esforço do peito palpitante.

Sua mãe procurava aquietal-o:

— Não, meu filho, não; nunca mais o verás. Farei o que quizeres. Expulsal-o-ei, expulsal-o-ei. A casa é tua, filho; toda tua. Comprehendes-me?

Elle tossia-lhe na cara.

— Mas, agora, já! — repetia, com feroz insistencia, o enfermo, endireitando-se no leito e empurrando sua mãe para a porta.

— Sim, meu filho. Immediatamente.

Daniel surgiu na porta, sustentado pelas muletas. Era um desgraçado, com a cabeça muito grande e muito pesada. Tinha o cabello tão loiro, que parecia branco. Os olhos eram de olhar doce como o de um cordeiro. Doces e azues, e com pestanas claras.

Entrou sem dizer nada, porque a paralysia lhe havia tirado até a fala. Mas viu os olhos de seu irmão fixos nelle com odio cruel, e deteve-se no meio do quarto, apoiado nas muletas, perplexo, sem se atrever a dar um passo. Tremia-lhe visivelmente a perna direita, curta e torcida.

Lucas disse a sua mãe:

— Que vem fazer aqui esse aleijado? Expulsa-o! Quero que o expulses! Estás ouvindo? Immediatamente!

Daniel comprehendeu e olhou para sua mãe, que já se levantava. Dirigiu-lhe tão supplicante olhar, que não se atreveu ella a fazer-lhe nada. E então, segurando uma das muletas com o sovaco, fez com a mão livre um gesto de desesperação e dirigiu faminta olhadella á arca do pão, que estava a um recanto. Aquelle olhar dizia: "Tenho fome."

— Não, não! Não lhe dês nada! — gritou Lucas, agitando-se na cama, imponto áquella mulher o capricho de seu odio. — Nada! Põe-no fóra! Expulsa-o!

Daniel deixava cahir a cabeça sobre o peito. Tremia e tinha os olhos cheios de lagrimas. Quando sua madrasta lhe poz a mão no hombro e o empurrou para a porta, elle rompeu em soluços, mas se deixou levar.

Ouviu, em seguida, fechar-se a porta e ficou nos degráos, gemendo com violencia, e continuando a soluçar.

Lucas disse a sua mãe, raivosamente:

— Ouves? Está fazendo de proposito, para que eu peore.

O soluço do irmão continuava, entrecortado, de quando em quando, por estranho grunhido, triste como o estertor de um animal de carga moribundo.

— Não o ouves? Anda, e deita-o escada abaixo!

A mulher levantou-se de um salto, correu á porta e avançou para o mudo, levantando as asperas mãos, acostumadas ás pancadas e ao castigo.

Lucas, apoiado nos cotovellos, dizia:

— Mais, mais!

Açoitado, Daniel calou-se. Desceu á rua afogado em pranto. Tinha fome, porque havia dois dias que não comia. Custava-lhe muito arrastar aquellas muletas.

Passou um grupo de garotos correndo atrás de um cometa que se elevava, cabeceando.

Uns tropeçaram nelle, dizendo-lhe:

— Sáe, aleijado!

Outros troçavam delle, gritando:

— Corre, cavallo!

Ainda outros, alludindo á cabeçorra, lhe perguntavam, zombeteiros:

— A quanto o kilo de miolos?

Outro, mais cruel, derrubou-o com uma muleta e sahiu correndo. O mudo cambaleou, apanhou depois, com grande esforço, a muleta e se poz a andar. Gritos e risos de garotos se perderam até o rio. O cometa, como ave de paiz fabuloso, se elevava no céo limpido. Na doca, cantava em côro um grupo de soldados. A Paschoa tinha passado e fazia bom tempo.

Daniel, que sentia nas entranhas as garras da fome, disse para si:

— Vou pedir esmola.

O forno da padaria impregnava a aura primaveril do grato cheiro de pão recente. Passou um homem vestido de branco com um taboleiro á cabeça. Um taboleiro onde havia varias fileiras de dourados pães, fumegantes ainda. Dois cachorros iam atrás do homem, levantando o focinho e agitando a cauda.

Daniel temeu desfallecer de inanição, e pensava, mais convencido ainda:

— Terei que pedir esmola, porque, do contrario, morrerei de fome.

Cahia lentamente o crepusculo. Cruzavam pelo céo diaphano innumeros cometas, que se balanceavam, descendo já até o solo. Os sinos espargiam pela atmosphera profundas e continuas sonoridades.

Daniel resolveu ir á porta da egreja.

E para lá se dirigiu, arrastando-se quasi.

A egreja estava aberta. No fundo, o altar-mór, illuminado por tremulas luzinhas, parecia uma constellação. A porta deixava passar debil perfume de benjoim. De quando em quando, vertia o orgão torrentes de notas.

Daniel sentiu que os olhos se lhe humedeciam de novas lagrimas, e elle pronunciou com o coração esta fervente prece:

— Senhor, meu Deus, auxiliae-me!

O orgão lançou um accorde, que fez vibrar como instrumentos os pilares; depois, alegres notas claras. Resoou a voz dos cantores. Devotos e devotas, de dois em dois ou de tres em tres, entravam pela unica porta. Daniel ainda não se atrevia a estender a mão.

Perto delle, começou a gemer um mendigo:

— Uma esmola, pelo amor de Deus!

Então, o mudo se envergonhou.

Viu sua madrasta entrar na egreja, bem agazalhada em um manto negro, e pensou:

— E si eu fosse para casa, agora, que lá não se encontra a madrasta?

Tão imperioso era o tormento da fome, que o infeliz não esperou mais. Ia, que voava, com suas muletas, em demanda do pão. A' sua passagem, disse-lhe uma mulher, rindo:

— Vaes ganhar o primeiro premio de carreira, aleijado?...

Em breve, chegava á casa, offegante, cansado, palpitante. Subiu a escada com cuidado, tomando grandes precauções. Procurou, ás tontas, a chave em um buraco da parede, onde costumava deixal-a sua madrasta, quando sahia. Deu com ella, e, antes de abrir, olhou pela fechadura. Lucas parecia que dormia na cama.

Daniel pensou:

— Si eu pudesse apanhar um pedaço de pão sem despertal-o!

Deu volta á chave, devagarinho, contendo a respiração, receiando despertar seu irmão com as pulsações de seu coração. Aquellas pulsações lhe parecia que enchiam a casa de ensurdecedor barulho.

— E si elle despertar? — pensava Daniel, tremendo até os ossos, quando a porta se abriu.

Mas a fome dava-lhe coragem. Entrou, movendo cuidadosamente as muletas, sem desviar os olhos de seu irmão.

— E si elle despertar?

O irmão, deitado de bocca para cima, respirava, dormindo, penosamente. De quando em quando, brotava-lhe dos labios ligeiro assobio. A unica vela que havia accesa em uma mesa projectava na parede longas sombras movediças.

Chegado junto á arca, parou Daniel, para vencer o medo. Olhou o adormecido, e depois, segurando com os sovacos as muletas, procurou levantar a tampa. A arca soltou um ruido sêcco.

Lucas abriu os olhos, sobresaltado, viu o que fazia seu irmão e começou a lançar gritos, movendo os braços como um energúmeno:

— Ladrão, ladrão! Soccorro!

Mas o furor embargava-lhe a voz. E, emquanto seu irmão, encurvado em cima

M. R.

(Illustração de Marcello Roberto)

FRISOS

Si fôsse possivel refazer a vida!... Naquelle tempo, eu desconhecia tudo. O mundo, para mim era uma visão fantastica de maravilhas. Meus doze annos prendiam-me a oambiente acanhado onde fui creado e só o meu espirito divagava, inconsciente e ingenuo, arrebatado nas azas dos sonhos que meu cerebro alimentava.

Nas horas quietas de estudo, os cotovellos firmados na mesa, meus olhos não viam as letras, presos que estavam á procissão das bellezas ainda não vistas.

Amava a todas as mulheres e, por nunca ter amado uma mulher, julgava o amor essa perpetua e constante ventura com que o homem sonha sempre nessa quadra risonha em que architecta a sua felicidade do futuro. A vida era meu rosal florido e as petalas das rosas, macias e orvalhadas, jamais deixavam passar a ponta aguda de um espinho...

Si fôsse possivel refazer a vida, eu voltaria a essa época distante. Continuaria a sonhar, a vêr todas as coisas através o prisma doirado da minha fantasia e não sentiria pelo mundo a compaixão que sinto hoje.

Dóe tanto ter compaixão de alguma coisa que já foi amada !...

UMA commissão de representantes das classes conservadoras esteve, quinta-feira penultima, no palacio do Cattete, afim de fazer entrega ao sr. presidente Washington Luis da mensagem de solidariedade a s. ex., que fôra approvada em sessão da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

A ARCA — De Gabriel D'Annunzio.

(Conclusão)

da arca, cego de fome, procurava, com mão tremula, um pedaço de pão, saltou da cama e atirou-se sobre o aleijado, para impedir-lhe que o tirasse.

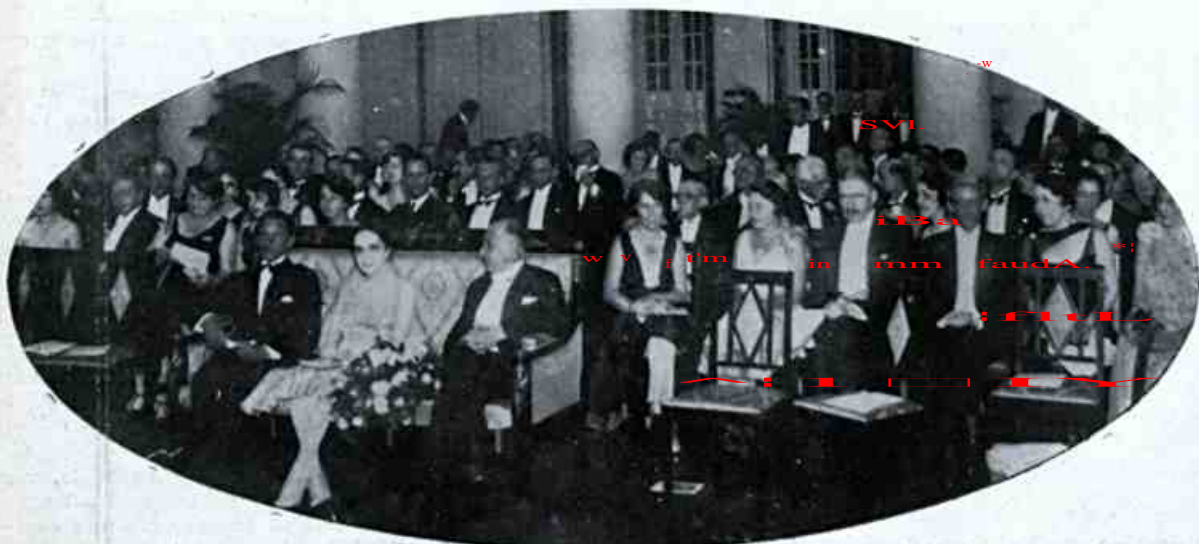
— Ladrão! Ladrão! — gritava, enfurecido.

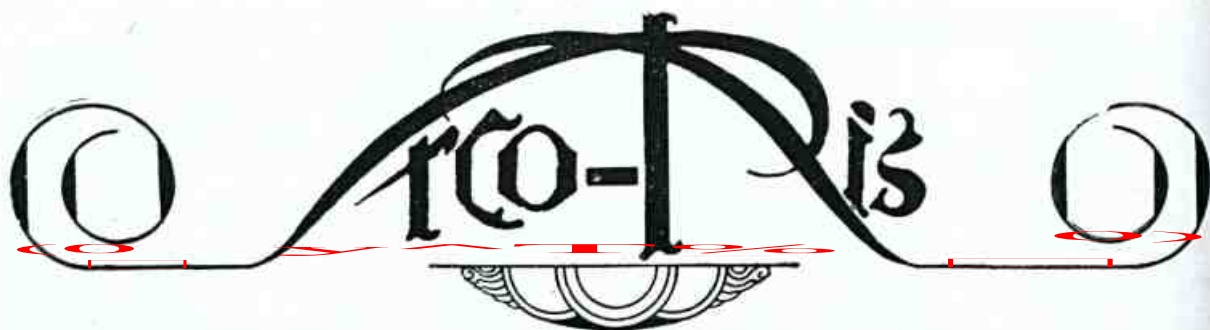
Baixou, violentamente, a tampa, colhendo o pescoço de Daniel, que se agitava desesperadamente, como victima presa no laço. Mas Lucas inutilizava os esforços do captivo. Perdêra a consciencia do que fazia e deitava-se, com todo seu peso, em cima da tampa.

Esta rugia, penetrava na carne viva do cangote de Daniel, esmagava-lhe os vasos do pescoço, triturava-lhe as veias e os nervos... Afinal, um corpo inerte cahiu fóra da arca. Um corpo que não dava o menor signal de vida...

Então, ao ver o aleijado assassinado, louco pavor invadiu a alma do fratricida.

Lucas atravessou duas ou tres vezes, cambaleando, o quarto que a luz da vela enchia de espanto, e depois apanhou os lençóes, que poz em cima de si. Envolveu-se nelles, dos pés á cabeça, tapou até o rosto e se occultou debaixo da cama. Em meio do silencio rechinava sua dentadura, como a lima mordendo aço...

(Traducção de Martins Capistrano).

A inauguração da novel Sociedade Polono Brasileira, recem-fundada nesta capital, foi solennizada com uma «soirée» de arte, que se realizou domingo á noite, no salão nobre do Hotel Gloria, com a presença do nosso alto mundo social, diplomatico e politico.

O dr. Luis de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França, antes de desembarcar nesta capital, quinta-feira penultima, foi homenageado pelos seus amigos a bordo do «Massilia», vapor em que viajou e onde foi tomada a photographia que acima publicamos. No medalhão, o professor Pasteur Vallery-Radet, ao desembarcar nesta capital. Em baixo, os delegados dos Estados Unidos, de Cuba e São Salvador ao 2.º Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem, por occasião de seu desembarque, quinta-feira passada.

PICNIC SÉRIO

No alto do Corcovado,
esgalgado, espigado
como um airoso corpo de mulher,
que, de rosto embuçado
e, em vestido de cauda, houvesse ali parado
entre o mar livre e o livre descampado,
entre a "vie au grand air"
e a penitencia de um apostolado,
de alpercatas e busto emburelado...
— No alto do Corcovado,
todo o Rio, sem excepção siquer,
vae vêr o Redemptor enthronizado,
e o alto do Corcovado
não será, nem Calvario, nem Thabor,
será um throno digno, bem lembrado,
para o celeste Amante-bem-Amado,
o Christo Redemptor.

Você já foi lá em cima vêr as obras?
Não tem tempo, não é?
Si fosse á Ilha das Cobras,
vêr o dique, si fôsse ao Leme ou ao Leblon,
vêr a resaca, sempre havia sobras
de tempo, e tempo bom
para um passeio extraordinario,
mas ir lá em cima... não faz fé:
Olhe, não é subida do Calvario,
não é subida a pé,
toma-se o trem ás dez e meia,
na hora em que derredor
a paizagem seduz, brilha e gorgeia
e a manhan clarineia
o seu hymno melhor,
e, de repente,
o ultimo comoro escalado,
sente-se a gente
no alto do Corcovado
fitando uma visão de ouro e esplendor,
bem alí, ao lado
do Christo-Redemptor.

Você, que acorda ás dez para ir á missa,
vamos, menina, deixe de preguiça,
acorde ás nove. Vamos:
E' o Domingo de Ramos
da quaresma de amor que improvisamos.
Não haverá excessos. Brincadeiras.
Almoçaremos juntos nas Paineiras,
lembraremos um dia já passado
(lembrar sem repetir não é peccado)
e até mesmo, si fôr do seu agrado,
— é melhor si não fôr —
repetiremos... — seja ajuizado!
— Meu Deus, papae do céo, Nosso Senhor...
Pois não lembremos, não. Só o passeio
é que é bem lembrado:
um domingo de amor dissimulado,
romance sem gorgeio,
idyllio "camouflado",
um "pic-nic" sem "flirt" e sem amor,
é possivel que o proprio Corcovado
ria de nós. Pois seja ao seu agrado.
Você rirá esplendida, ao meu lado
e eu voltarei, mais penitenciado,
muito desenxabido e... perdoado...
— No alto do Corcovado,
e sem amor, isto é, só por amor
do Christo-Redemptor...

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

Já ha muitas semanas não visitava minha querida e sempre amavel e encantadora amiga, D. Boneca, quando, sob um desses impulsos que levam, irresistivelmente, uma alma a procurar outra alma, para a intima confidencia e desafogo de suas penas e afflicções, encaminhei-me, um dia destes, para a sua linda e elegante residencia.

Fiz-me annunciar e fui immediatamente introduzido na linda e silenciosa saleta, de que a minha amiga fez o seu gabinete de leitura. Um perfume suave e fino, a que a minha pituitaria exigente já estava habituada, fez-me adivinhar a sua approximação. E, logo depois, suas mãosinhas se estendiam para mim, solicitas e acolhedoras, emquanto seus labios sorridentes davam a certeza ao amigo de que elle era bemvindo. E assim sempre foi, através dessa longa e grata amizade.

— Grande ingrato, que você é, meu caro amigo! Então é assim que prova estimar e querer a sua "irmã mais velha", a leal confidente das suas horas de alegria e de tristeza, de sonho e de desillusões?...

— Não, minha querida amiga; não me accuse antes de me ouvir. Todo esse tempo que passei sem procurar o prazer e a consolação da sua companhia, vindo vêl-a, assiduamente, como sempre faço, eu o vinha empregando para resolver um dos problemas mais serios que já me preoccuparam...

— E resolveu-o?...

— Não. E venho pedir o seu auxilio. o seu conselho, num appello seguro á clarividencia de sua alma de mulher, que adivinha com a luz do coração o que, ás vezes, a do espirito do homem antes obscurece do que illumina.

— Trata-se, então, de uma coisa muito séria, meu amigo?...

— Sim, querida amiga; séria e profunda. Tão profunda que só a sua perspicacia, a finura, a argucia que o poder divinatorio de uma alma de mulher, como a sua, poderá penetral-a e comprehendel-a...

— Mas, o que quer você, então, meu bom amigo?...

— Um sentido para a minha vida.

— Um sentido para a sua vida? Mas o viver, só por si, já não traça e determina esse sentido?...

— Biologicamente, physicamente, sim. Mas espiritual e affectivamente, não. E meu espirito e meu coração não sabem o que desejar, que rumo trilhar, nem o que fazer para darem um "sentido" á minha vida interior. Escute, Boneca, você conhece a minha vida, toda esta pobre e torturada vida, cheia de inquietação e de angustia, de rudes provações e dolorosas decepções. Pois bem, como aquelle torturado personagem de um romance de Edouard Rod, — *Le sens de la vie*, que lemos juntos — lembra-se?, tantos annos faz — eu, até hoje, não encontrei tambem um "sentido" para a minha vida. O amor, a religião, a renuncia — tudo tentei. E minha alma e meu coração continuaram sempre inquietos e soffredores, a desejar, cada vez mais, numa louca ansia, que não contenho, realizar tudo o que sonharam e que ainda sonham...

Mlle. Maria Corrêa, com o seu lindo sorriso carioca. (Photo Annunciato)

Boneca approximou-se de mim e, tomando-me as mãos, carinhosa e bondosamente, foi-me dizendo:

— Meu caro amigo, notei, logo que o vi, que você estava triste. No azul de seus olhos, apparentemente serenos, as crispações do soffrimento traçam esses circulos, esses "arrepios" que agitam a agua tranquilla dos lagos. Uma mulher encheu de amargura e de duvida a taça do vinho generoso da sua vida. Mas, uma mulher não são todas as mulheres... E é no amor que você deve buscar a expressão perdida, o sentido, illudido uma vez, de sua vida...

— No amor? Mas se o amor das mulheres é sempre o mesmo?

— Não. Ahi está o seu erro, o seu engano. As mulheres são, em regra geral, sempre semelhantes, quanto ao conjuncto de qualidades, de predicados que fazem o seu *facies*, a sua physionomia moral e espiritual. No amor, na maneira de amar, porém, reside o seu ponto differencial, porque ahi estão todo o mysterio e todo o infinito de suas almas e de seus corações...

Creia que lhe falo sinceramente: procure amar de novo, mas procure amar uma mulher que illumine a sua vida com a constante alegria de um raio de sol, que tenha sempre para você a festa de um sorriso e o suave estimulo de uma palavra de coragem, de confiança e de exaltação da vida. Nunca uma mulher... morta, sem vibração. Uma mulher que lhe dê alguns cuidados e a quem você tambem offereça outros tantos. Uma mulher que se enfeite para você e sempre se lhe apresente com a fascinante garridice de

uma flor cheirosa, que você, todas as manhãs levasse, alegre, na lapella do coração. Uma mulher, emfim, que dê, não uma, mas muitas expressões á vida de seu coração, ás necessidades da sua intensa affectividade, tão rudemente experimentada, na sua grande decepção.

— Sim, Boneca, você, minha querida amiga, está a responder ao que sente e deseja meu coração, neste momento. Eu encontrei, de facto, uma mulher que entrou a minha vida como um raio de sol, que tem sempre para mim o mais lindo sorriso e a mais generosa e quente palavra de estimulo e de coragem. E' o meu raio de luz e a minha consolação, a minha festa e a minha alegria, Boneca.

Mas...

— Mas?...

— Tenho medo...

— Não; não o tenha, meu amigo. Diz-me o coração que ella dará um "sentido" á sua vida... muitas expressões para o seu coração.

Sahi confortado. E' o amor ainda a unica força, o unico poder que dá o "sentido" real da vida como expressão de sentimento, de fé e de felicidade...

SOCIEDADE

Elegancias — E' hoje, ás 9 horas da noite, que se realiza, nos salões do America Football Club, a festa de arte organizada pelo dr. Henrique Alves e Bastos Portella, nosso companheiro de redacção.

LINDA e elegante, sob todos os aspectos, foi a festa de arte, que se realizou nos salões do Fluminense Football Club, organizada pela jovem escriptora Magdala da Gama Oliveira. O programma para essa tarde de espiritualidade e encanto correspondeu, brilhantemente, á espectativa da fina e culta platéa que emprestou tão grande fulgor ao recital.

E' de prever que a linda soirée assignale um acontecimento de grande brilho mundano, não só pelo seu fino cunho de elegancia, como pelos attractivos que o programma offerece.

PRIMEIRA PARTE

Canto — Mlle. Lucia Muller: a) Schubert, *Impatience*; b) Villa Lobos, *Desejo* (Seresta n. 1); c) Tupynambá, *Trovas*.

Piano — Mlle. Eunice Paes Barreto: a) Chopin, *Duas valsas*; b) Liszt, 11.ª *Rhapsodia*.

Versos — Adelmar Tavares (da Academia Brasileira de Letras).

SEGUNDA PARTE

Palestra — Dilke Barbosa Rodrigues, *O elogio do telephone*.

Declamação — Dr. Bento Martins.

Bailado — Mlle. Ruth Cruz: a) Chopin, *Fantasia*; b) Mlles. Ruth Cruz e Yara Coustol: Marthurim, *Gavota*.

TERCEIRA PARTE

Declamação — Mlle. Lucia Lobo.

Violão — Mlle. Neusa Moura Ferreira.

Motivos regionaes — Surpresas — Tenente Sofiati.

SORRINDO...

Os maridos genero Othelo, ou os que não sabem resignar-se com as *étourderies* e leviandades de suas caras metades, são uma classe de gente que, em vez de diminuir, por força mesma do "espirito" do tempo, tende sempre a augmentar. A série infinita dos dramas, das tragedias conjugaes de toda ordem, autoriza essa conclusão.

Uma mulherzinha má, feia ou bonita que ella seja, é bem um "peso", uma cruz bem difficil de se arrastar pelo calvario da vida. Por isso, porém, despachal-a para o outro mundo, com um tiro certeiro ou algumas punhaladas, fazendo o autor, quasi sempre, o mesmo a si proprio, é commetter a maior das loucuras.

Por uma questão de infidelidade, nos dias de hoje, matar-se uma mulher, para livrar-se de um fardo?...

Grande, rematada tolice! — dirão os que não sabem e talvez nunca cheguem a comprehender a revolta e a dôr que arrastam um pobre diabo a esses extremos de desespero lavado em sangue.

Nem todos os maridos enganados se conformam com a cynica consolação contida nas celebres pala-

vras de Santeuil, a um amigo que se lhe queixava da infidelidade da esposa:

— *Ce ne vaut rien. Peu en meurent, beaucoup en vivent...*

O melhor, para todos os maridos infelizes, por este ou aquelle motivo, e que não têm a seu favor os recursos do divorcio, é vingar-se do mal que lhes fizeram as esposas — quando ellas os antecedem na morte, naturalmente — mandando insculpir nas suas tumbas um epitaphio como este:

Ci-gît ma femme morte le...
1896. Enfin!

Ou como este outro, que é ainda mais expressivo:

Ci-gît ma femme: oh qu'elle est bien
Pour son repos et pour le mien...

ESTRELLAS CADENTES

L'adieu au bonheur est le commencement de la sagesse et le moyen le plus sur de trouver le bonheur.

Essa phrase de Renan encerra uma das maiores verdades da vida — aquella que só se adquire através das grandes e dolorosas provações e decepções que cada um vae colhendo, mais ou menos intensamente, pela trilha de calhaus asperos e cortantes, ou coberto de relva, e matizado de flores, por que o vão conduzindo os designios, ineluctaveis e cegos do destino.

Eu diria mesmo que o adeus á felicidade é a unica e exclusiva maneira de se ser feliz. Porque nessa renuncia, no saber renunciar o homem, corajosa e heroicamente, á illusão de fazer a sua felicidade de accordo com os anseios e desejos do seu coração ou do seu espirito, ou mesmo da sua carne, é que residem todo o segredo e toda a aureolada grandeza da conquista dessa "harmonia interior" — que é a expressão real e firme da verdadeira felicidade.

Porque, sem renuncia — renuncia que dóe, muita vez, como punhalada em carne viva, como diriam os Goncourts — renuncia á muita illusão, a muitos desejos, a muitas aspirações e, mesmo, a muitas das pequenas verdades que a vida nos revelou hoje, mas que, amanhã, já não têm razão de ser, não se conseguirá, jamais, prender na mão o fio de cabello da felicidade, tão liso, tão escorregadio, e tão leve e tão subtil que não é raro o termos na mão sem sentirmos o suave contacto da sua caricia.

DOS numeros constantes do festival realizado no gymnasio do Fluminense, se destacaram os que estão fixados nesta pagina. Nelles, como nos demais, tomaram parte as figuras de maior relevo e expressão em nossos meios artisticos e mundanos.

Mas a renuncia só é grande e só é nobre quando é feita sem revolta, quando reflecte e traduz um gesto de heroismo e nunca uma attitude de fraqueza, que é sempre uma prova de incapacidade ou de inadaptabilidade ao ambiente variavel da vida.

Renunciar, em certas occasiões, em determinadas conjuncturas, é ter lido e comprehendido uma pagina a mais no livro profundo e mysterioso da vida. E é o ter dado um passo a mais no caminho, cheio de revelações imprevistas, da sabedoria, da sciencia e arte de ser feliz.

Il n'y a rien de doux comme le retour de joie qui suit le renoncement à la joie, rien de vif, de profond, de charmant comme l'enchantement du desenchanté...

SEARA ALHEIA

E' UMA DÔR...

Carlos Prénez Baldios.

(Traducção de Henriqueta Galeno).

Estou tão triste que pensar me dóe...
Um immenso pezar desconhecido
Vem da montanha e chega até minh'alma...
Recordar é soffrer, e eu não te olvido...

E' uma dôr cruel e tão aguda
Que me mata a virtude dos sentidos...
Dôr cruenta que a palavra não traduz...
Recordar é soffrer, e eu não te olvido...

Estou tão triste, que pensar seria
Ferir mais fundo o coração ferido!...
Tenho uma noite eterna na minh'alma...
Recordar é soffrer, e eu não te olvido...

POMBOS-CORREIOS

Maria do Céo, meu abençoado amor do céo... — *As rosas de Santa Therezinha* — as ultimas que você me enviou, Maria — estão aqui, neste momento, bem junto de mim, a espalhar o perfume da sua alma e da sua saudade no ambiente de tristeza e de abandono em que, hoje, me sinto viver.

Porque, Maria do Céo, estou, hoje, nos meus dias de tristeza e de afflicção.

E você, meu amor, você de certo já terá adivinhado o motivo da minha tristeza: falta de noticias suas, e das minhas *Rosas de Santa Therezinha*, que, até agora, não foram renovadas. As ultimas — tantos dias já passaram! — as ultimas pendem, tristonhas, do vaso sagrado em que as guardo — meu coração, Maria, — e despetalam-se inquietas, a esperar, em vão, que as outras, que novas companheiras venham reanimal-as, alimentando, assim, a exaltação floreal e mystica do meu amor do... céo.

Mas, você, ingrata, você esquece-me, e não me escreve, e não me envia nova remessa das suas *Rosas de Santa Therezinha*, que são as rosas mesmas em que se abre e desabrocha, para minha consolação e alegria, a alma pura e cheirosa da minha adorada Maria do Céo...

Por que?...

Fico a esperar que me responda, Maria. Adeus.

Trepações

TÃO bella e tão digna — de melhor sorte...

Parece que *madame* havia realizado o seu ideal, no casamento, precedido de um episodio romantico bastante curioso.

Entretanto, a felicidade conjugal durou dois annos apenas, esquecendo o esposo as juras de amôr, para enveredar por caminho de aventuras perigosas.

O pretexto classico, para fugir de casa são as viagens... Negocios, aqui e acolá, uma actividade febril, exhaustiva...

Mas, *negocios* que não proporcionam a entrada de dinheiro, antes diminuem os depositos dos bancos, reduzindo tambem o dóte de *madame*, o que tem sido objecto de exame em conselhos de familias.

E, quando tiverem desapparecido de vez os ultimos haveres do casal, certamente mais um divorcio ruidoso se registrará com escandalo da sociedade.

O caso foi interessante.

Mademoiselle, que sempre teve a mania de vender-se caro, encontrou-se, ha pouco tempo, em uma reunião, onde se achava, com um certo cavalheiro, que a olha com muita sympathia. Vaidosa, a linda morena começou a fingir que o não via, na illusão de que elle viesse render-lhe homenagens.

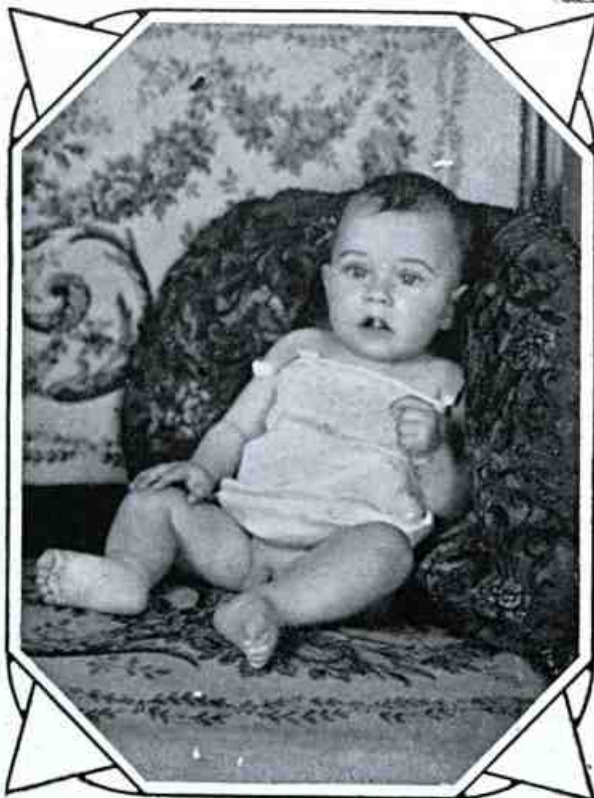
Orgulhoso tambem, e percebendo a attitude da joven, o rapaz, que é um conhecido homem de letras, pagou a vaidade da senhorita com a mesma moeda.

Mas de que modo? Bem simplesmente...

Achava-se elle num grupo, quando alguem, ignorando o que se passava entre ambos, lhe perguntou si conhecia a morena, que se aproximava. Respondeu negativamente. Então, o circumstante, fez as devidas apresentações:

— Mademoiselle tal, e dr. Fulano.

E elle, indifferente:

— Muito prazer em conhecêl-a.

CARLOS Affonso, o galante filhinho do dr. João Jacyntho Fraga, illustre medico da Assistencia Publica Municipal e clinico de renome nesta capital, onde goza, pelo seu espirito de bondade e abnegação, de largo e merecido conceito.

A mocinha ficou da côr do arco-iris...

Vamos vêr si ella ainda se vende caro...

VIERAM juntos de S. Paulo e hospedaram-se no mesmo hotel, dando a impressão de um casal muito amigo, que batia muito certo.

Bôas roupas, bôas joias, bom humor, bom tudo...

Depois de curta permanencia no hotel, a criadagem começou a farejar umas attitudes esquisitas do casal.

O interessante Rubens, filhinho do sr. Virgilio Ferreira Jorge, residente em Orlandia, Estado de São Paulo.

Elle temperamento folgazão, atropelava mulheres no elevador e pelos corredores.

Ella *flirtava* discretamente e entendia a linguagem dos mudos, interpretada pelos dedos de um vizinho de mesa, á hora das refeições...

E, quando menos se esperava, elle voltou para S. Paulo na companhia de outra, e ella foi para hotel discreto, tambem muito bem acompanhada...

O vizinho de mesa, do casal, que engoliu uma bola, ficou tonto e diz aos amigos que nunca viu coisa igual no mundo!

Este Rio, é, na verdade, mais interessante do que parece...

MADAME inspirou profunda sympathia ao escriptor e jornalista, desde a primeira vez em que se viram.

Do olhar ao cerrar de mãos, foi um instante.

Na praia de areias fulgidas, firmaram um pacto, ficando como fiel o coração...

Depois, entraram num periodo de vida adoravel; uma interessantissima *lua de mél*.

Viveram ambos, assim, procurando todos os momentos para encontro, longe das vistas curiosas, *amarrando* a felicidade, no desejo de perpetual-a, através do tempo...

Entretanto, *madame*, que mostrou sempre grande enthusiasmo pelo escriptor, dando a este ensejo para traçar paginas de intenso lyrismo, repentinamente, se mostrou esquiva.

Porque?! Nem poderia explicar o nosso collega, perfeito fidalgo de maneiras e de idéas.

Entretanto, ambos mantêm perfeita cordealidade, assim nos raros e occasionaes encontros na rua, como nas palestras pelo telephone — palestras que acabam sempre com a promessa de renovação da felicidade vivida em dias que não podem ser olvidados.

Madame dá-nos a impressão da mariposa que procura fugir do lume, mas que, fatalmente, terá de ser pelo mesmo devorado...

COM a presença do doutor Washington Luis, presidente da Republica, e do ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, foi inaugurada, segunda-feira á tarde, a XXXVI Exposição Geral de Bellas Artes. Além das altas autoridades, compareceram ao acto inaugural do «Salão» deste anno vários elementos representativos do nosso mundo artistico e social.

VIDA FUTIL

Estamos sob o imperio das maiores extravagancias.

A vida futil é no presente a melhor das vidas...

Sorrir deante de um palmo de pernas, ir além dos joelhos sem arregalar os olhos, de espanto...

Admirar a arte dos costureiros inventando os deliciosos vestidos que despem..., sentir, nos labios que unimos aos nossos, o gosto de cacau dos "batons", eis a vida.

Por isso não admira que Paris se preoccupe em discutir as pernas "espirituaes" de Mistinguett, nem que esta famosa "divette" de revistas, ao chegar aos Estados Unidos, tenha feito um seguro de muitos mil dollares das mesmas "gambias", para embasbacar o americano, certamente.

Porém, Mistinguett encontrou rival nos Estados Unidos, onde Peggy Fortune, "estrella" cinematographica, exhibe as pernas que deslumbraram sempre Los Angeles. "Minhas pernas são a minha fortuna." — disse Peggy. E para garantil-as, tambem fez um seguro de muitos milhões de dollares, o que despertou sensação.

Entretanto, na época em que as pernas valem uma fortuna, o cerebro cada vez mais se desvaloriza.

Viva a pandega...

NA vespera da inauguração official do «Salão» de 1929, realizou-se o tradicional «vernissage», de que a photographia acima offerece um detalhe.

SALADA DE FRUCTAS

O dr. Azevedo Pio, cujo anniversario passou no dia 16, é, pela intelligencia e pela cultura, uma das figuras centraes da turma de medicos que vae dar este anno a nossa Faculdade de Medicina. Vocação decidida para a cirurgia, em cujo exercicio, mesmo como estudante, revelou já aptidões invulgares, o dr. Azevedo Pio está elaborando uma thése notavel sobre assumpto da cadeira de clinica cirurgica. Os collegas e amigos do dr. Azevedo Pio, que é o «leader» da sua turma, offereceram-lhe, no dia 16, um grande almoço, no qual tomaram parte medicos, estudantes, jornalistas, etc.

(Photo Annunciato)

A CRIANÇA

Forte por ser fraco, aurora de carne, canto de passaro, innocencia da primeira idade do mundo, espirito inquieto que, aos poucos, vae descobrindo o rasto mysterio das coisas, a criança — como disse Milton — mostra o homem como a manhã mostra o dia. E um grande philosopho escreveu: "A criança representa para os homens suas primeiras experiencias da vida e supprc, desta sorte, uma falta de nossa educação, tornando-nos capazes de reviver a historia do periodo inconsciente com tão viva sympathia que transforma isso numa experiencia quasi pessoal."

DEFINIÇÕES DE EMERSON

Toda conversa é uma experiencia magnetica.

Um certo gráu de progresso desde o estado mais grosseiro em que se encontra o homem — habitando as cavernas ou as arvores como os simios, cannibal, comedor de mariscos, de vermes e detrictos — um certo gráu de progresso acima desse ponto extremo eis o que se chama Civilização.

A arte é, universalmente, o espirito creador.

O maior de todos os acontecimentos é um grande homem.

A terra é uma machina que a cada applicação da intelligencia presta serviços quasi gratuitos.

A mão é o instrumento dos instrumentos e o espirito é a forma das formas.

A melhor historia ainda é a poesia.

Platão é o poeta convertido em philosopho.

O pensamento é a atmosphera natural do espirito.

O sacrificio de si mesmo é o milagre real do qual sahiram todos os outros milagres de que nos dão noticia.

O saber é o antidoto do medo. Desde que se conhece o perigo vence-se o pavor.

A coragem verdadeira é a que ignora a ostentação.

O primeiro segredo do exito é a confiança em si proprio.

O amor é a affirmação das affirmações.

MANHÃ DE SOL

Uma brisa subtil agita a ramaria das acacias e cicia lentamente na folhagem miuda dos jacarandás. Sol ardente. Diluvio de oiro finalmente pulverizado sobre tudo — as montanhas, o bosque, a cidade e o mar. E a praia faiscu como si fôsse toda de oiro.

Tudo é luminoso e alegre, alegre e luminoso. Somente eu vou solitario, triste, florido de roxo como os altos jacarandás, florido de rôxo pela tua ausencia!...

PINTURA FEMININA

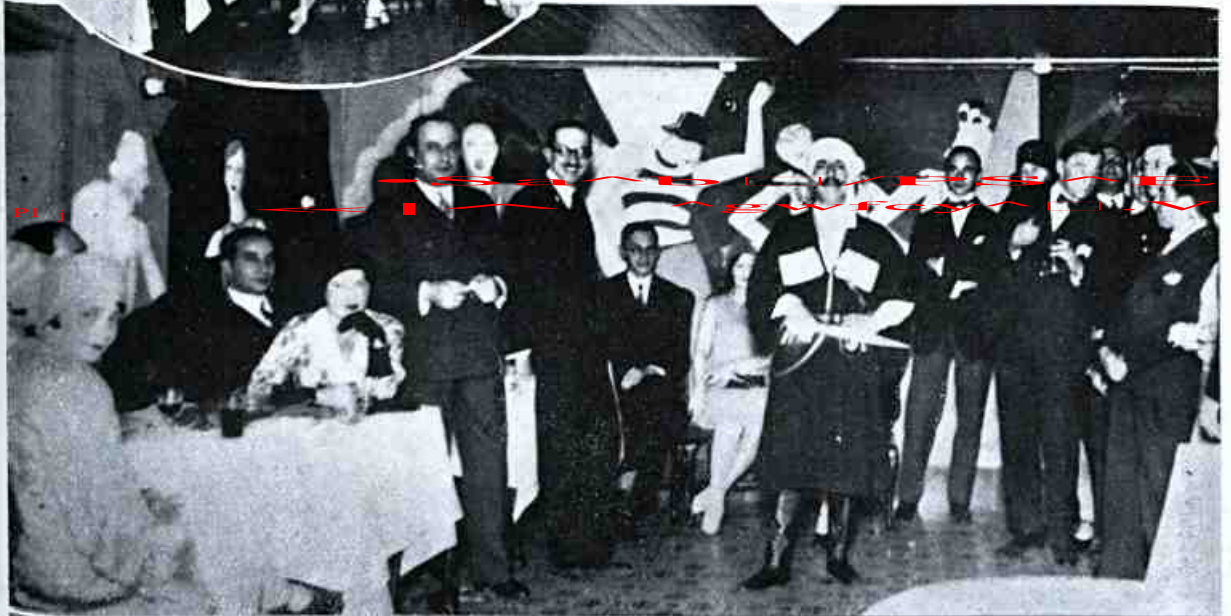
Um dos cânones dos primeiros seculos da Egreja — lê-se no interessante livro Curiosités theologiques — castigava as mulheres que pintassem os rostos e os labios com três annos de severa penitencia. Hoje quem se lembraria de resuscitar similhante lei? Entretanto, veja-se quanto tempo — uns quinze seculos — foi necessario para acabar com esse preconceito!...

D. JAYME

O coronel José Rodrigues Coelho é uma figura de destaque na alta sociedade de Nictheroy. Secretario da presidencia do Estado do Rio, o illustre e digno auxiliar do presidente Manoel Duarte é um perfeito «gentleman», um cavalheiro que sabe impôr-se á estima e á consideração de quantos o procuram, pela lhaneza e fidalguia do seu trato attencioso e captivante. Estampando sua mais recente photographia nesta pagina, FON-FON rende justa e merecida homenagem ao distincto patricio.

tas cáem lentamente com um cicicar leve de quem diz segredos ou conta coisas mysteriosas. A noite vem pé ante pé, devagarinho, sem ruido, estendendo véos baços, accendendo os cirios distantes das estrellas. E, lá em baixo, ao pé do morro, o mar não é mais azul nem verde, o mar é violeta, humido e triste, o mar é como os teus olhos, meu Amor!...

* * *

DOIS flagrantes da festa que o sr. encarregado de negocios da Inglaterra e sra. John Henry Stopford Birch offereceram, sabbado ultimo, na séde da embaixada britannica, ás pessoas de suas relações.

A Sociedade Nacional de Agricultura empossou, em sessão solemne, realizada sexta-feira penultima, sua nova directoria, recentemente eleita.

* * *

FILIGRANAS

Põe-se o sol. Um sino ao longe toca trindades. A estrada branca morre debaixo da sombra escura das mangueiras. As collinas azuladas muram o horizonte. A fumaça dum telhado espirala docemente no espaço acinzentado. O céo é de oiro, de sangue, de opala, de nácar e de lapis-lazzuli. As folhas mor-

O QUE SE NÃO CONCILIA

DE uma revista franceza, requintadíssima em usos e... abusos parisienses, extrahimos a seguinte lição para os novéis elegantes que julgam de supremo bom tom andarem a beijar a mão ás damas a torto e direito.

"O primeiro dever para ser perfeitamente elegante, diz o autor do artigo, é não se disfarçar em pessoa exageradamente polida. Quem exagera logo se torna ridiculo.

"Que faz o elegante da vespera, desde que enverga sua primeira casaca? Desanda a beijar a mão de todas as senhoras sem excepção, porque acceitar os dedos de uma dama, sem os levar aos lábios, lhe parece muito vulgar."

"Entretanto, imaginem vêl-o entrar em um salão onde se achem dez ou doze senhoras!... Por pouco que soffra de dôres nos rins, como não ficará o pobre!

"E si na rua um grupo de tres ou quatro damas se adeanta a seu encontro eil-o que as faz parar tanto tempo quanto fôr preciso para seu pedante cerimonial!"

Ora, como a polidez consiste, evidentemente, em fazermos o que não nos agrada, em nos occuparmos de quem mais abandonado vemos, em pensarmos na alegria dos outros e nunca em nosso proprio gozo, não podem ser muito prazenteiras para os jovens estreantes nas rodas sociaes as regras do beija-mão elegante descriminadas pela maliciosa experiencia dos parisienses.

E não o são mesmo.

"Deve-se em geral, — prosegue o autor do artigo, — beijar a mão das senhoras idosas e a da dona da casa; nunca a de uma mocinha, raramente a das senhoras muito bellas (ter-se-ia ar de aproveitar a occasião, e isso é de collegial) e quasi nunca também a das senhoras ás quaes se acaba de ser apresentado."

"E — acrescenta causticamente e explicitamente o redactor da lição de etiqueta, — nunca a da mulher que se ama."

Sem commentarios.

Eu só queria vêr a physionomia dos nossos almofadinhas que têm pretenção á elegância ao lêr sentença tão cruel.

Que lastima, não é mesmo? Como conciliar esse gesto agradabilissimo com uma linha impeccavel, agora que em ultima instancia houve quem os declarasse incompatíveis?

Porém os homens, aquelles que não são almofadinhas nem querem se perfilar nas hostes dos bonecos de sala, jamais pensaram que a expressão do amor e os requintes sociaes pudessem estar de accordo. Nem isso lhes importa, pois sabem que nessa mesma incompatibilidade está toda a gloria de um gesto irreverente, sua eloquencia e sua força persuasiva junto de um coração de mulher.

O QUE TALVEZ SE CONCILIE

LI, ha dias, numa revista americana, a singular noticia de um campeonato de varredouras, realizado em Los Angeles da Califórnia. Será mesmo de crêr que da adeantada nação amiga, onde a mulher culta e ousada se vem mostrando a triumphar em artes, sciencias e "sports", pudesse advir tão descabida homenagem ao sceptro miserável da antiga "Rainha do lar"?...

Quinze raparigas moças e bonitas teriam mesmo disputado o titulo de primeira varredoura de uma cidade?... Haveria ainda na Norte America, onde tão bem proliferam aperfeiçoados machinismos de toda a especie, alguma mulher que soubesse ainda siquer manejar esse triste objecto, symbolo e guardião do velho captiveiro, instrumento de trabalho... e, ás vezes, de supplicio de nossas antepassadas?

E por cumulo de ironia dizia a revista com a maior naturalidade que um multimillionario que assistiu ás provas pediu em casamento "Miss" Edna Selin, a vencedora, promettendo dar-lhe, no dia das bodas, uma vassoura de cabo de oiro... Que máu gosto!... Tudo isso se me afigurou á primeira vista estapafúrdio e inverosimil.

Depois reflecti, e lembrei-me de certos sentimentos profundamente humanos que vieram esclarecer ante meus olhos o caso em questão.

Assim, nada mais natural que seja exactamente onde a mulher goza de maior liberdade que ella cogite de rehabilitar o mais humilde dos mistéres caseiros...

Os actos e factos da vida não são em si mesmos bons nem maus; apenas sua repetição os faz intoleraveis, sua ausência ou difficuldade os torna desejaveis.

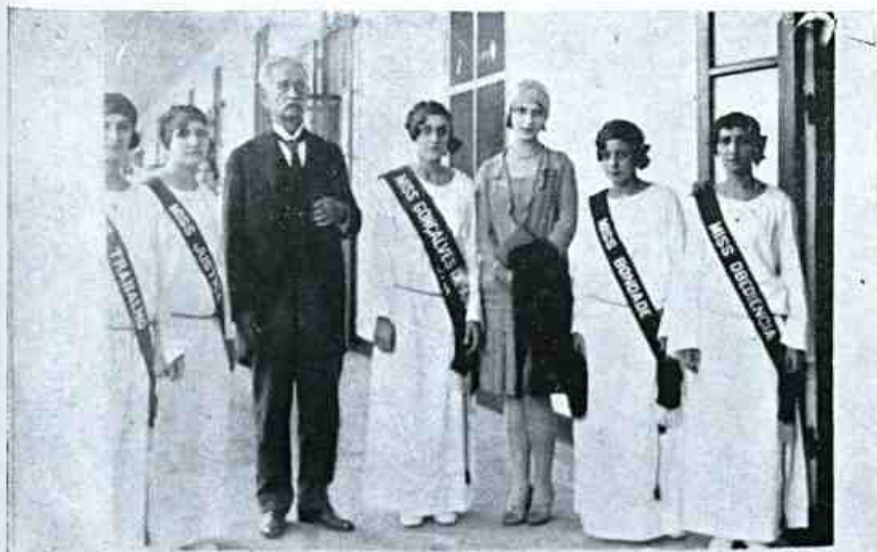
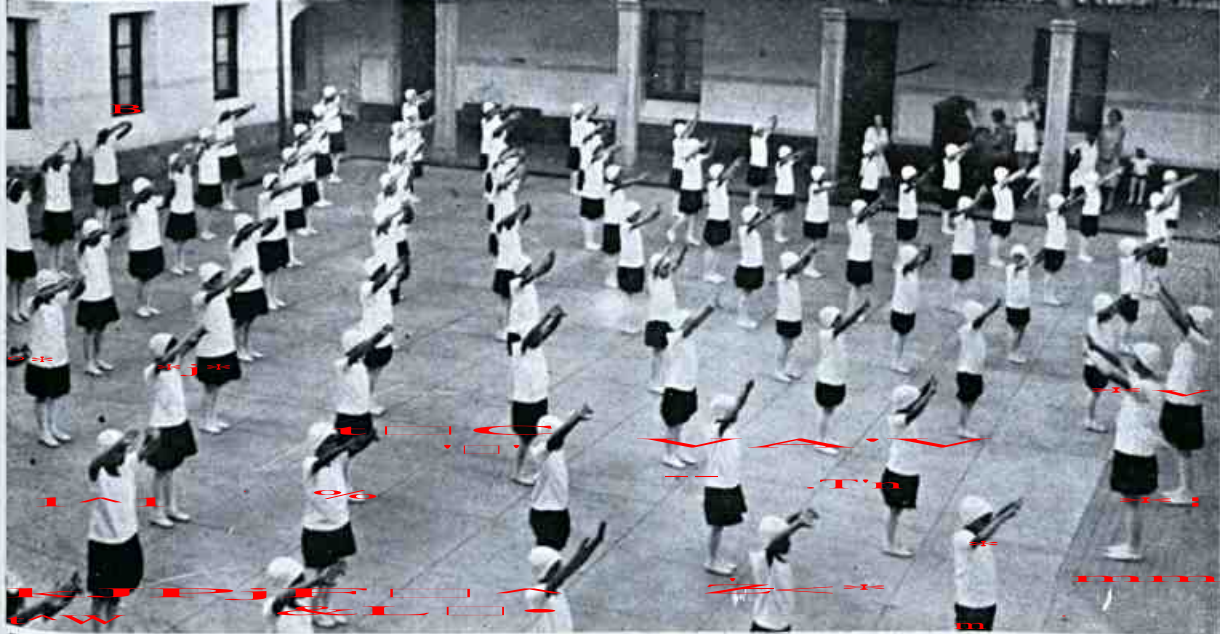
E' bem natural que o pobre odeie sua miséria e que ao rico aborreça a própria fortuna... Não haverá porque incriminar a mulher de inconsequente, si, inteiramente livre do captiveiro do homem, ella vier, espontaneamente, amanhã, se offerecer de novo, doce escrava voluntaria, ao velho jugo...

O attractivo maior da vida está na illusão da escolha, no engano de sermos árbitros de nosso destino. Os homens ainda não meditaram sufficientemente no profundo symbolismo da lenda biblica do fructo prohibido...

E' bem possível que nelle esteja occulto o ensinamento do único meio capaz de pôr termo á lucta mundial da emancipação feminina.

Por que não experimentam os conservadores dar ás mulheres, com fartura, pennas, pincéis, escopros, capacetes de aviadores ou togas de juizes e até mesmo gorros marciaes?... Talvez bem depressa reclamassem ellas pela rica vassoura que hoje em dia tanto desprezam.

E assim talvez sob esse ponto de vista, actualmente causa de discórdia, para sempre se conciliassem homens e mulheres.

PETITE SOURCE

A festa annual do Asylo Gonçalves de Araújo, realizada domingo passado, teve, entre outros attractivos, a presença de «Miss Brasil», que foi convidada a abrilhantar a solennidade commemorativa da data natalicia do fundador daquella benemerita instituição. Estão ahi dois flagrantes dessa linda festa, em que foi cumprido excellente programma de arte. «Miss Brasil» apparece num delles em companhia do barão de Ramiz Galvão e de outras «misses» que não concorreram ao certamen de Galveston...

TEVE um grande brilho mundano o baile que o capitalista sr. Horacio da Rocha Pimentel offereceu ás pessoas de suas relações, por occasião do seu anniversario natalicio. Nos salões do palacete de sua residencia, á rua Conde de Bomfim, rebrilharam as mais lindas silhuetas da nossa sociedade. Prolongaram-se as danças até alta madrugada.

SOMBRAS CHINEZAS

Photo film da Cidade

UM homem livre e desempedido é, ainda hoje, uma mercadoria da mais facil collocação na praça, sempre arriscada e merecedora de credito bem restricto, do... coração das mulheres. Das mulheres que se dizem... escravas e das chamadas "emancipadas".

Artigo de primeira necessidade para ellas todas, o homem capaz de ser marido, sejam quaes fôrem as condições do mercado e as suas proprias, será sempre um bicho precioso, tão precioso como os felpudos lulús de certas creaturas.

*

ESSA observação eu, ha muito, venho fazendo, e, agora, um caso recente veiu comprovar, numa rigidez de cimento armado, a sua justeza.

Melindrosa... Sempre Melindre, no meio destas coisas encrencadas! Mas, ella é, realmente, uma encrenca viva, a garota!

Como eu dizia, porém, Melindrosa, que é uma creaturinha cheia de encantos e de graça, feita de tinta e de retalhos (qualquer retalho, hoje, a veste) e tambem futil, leviana, sem cabeça para as coisas sérias da vida, como, em geral, todas as filhas de Eva, tem uma cabeça e tanto para essa marcha batida e cerrada da perseguição e conquista do... marido.

Por amôr tudo isso? Por necessidade instinctiva? Tolo será quem assim pensar.

Instincto de... defesa contra os annos que passam; o horror de titiar toda a vida, sem nunca poder dizer, para a amiguinha solteira, ao menos que seu "marido" era um bom idiota; e, mais do que tudo isso, a necessidade de uma especie de testa de ferro, de costas largas para aguentar muito... no pelas costas, etc e tal... eis ahi, em resumo, a formula equacional do casamento para certo genero de mulheres.

*

AS bôas (sem malicia), as que desejam casar para encher de carinho e de paz, de bebés e de conforto o lar com que sonham realizar suas maternaes e pacificas aspirações, essas, hoje, são tão raras, e as poucas que assim ainda pensam acabam por achar pesado e fóra do espirito, e dos costumes da época esse métier de matronas á antiga.

O vibrante jornalista Democrito Rocha, director do «O Povo», de Fortaleza, no sitio «Venezuela», na serra de Baturité, Petropolis do Ceará.

ALFREDO Boucher Filho foi um dos escriptores laureados nos concursos literarios da Academia Brasileira, em 1928. Seu romance «A tortura da carne» teve menção honrosa da illustre companhia, que premiou, assim, o esforço mental de um moço cujo nome tem o laurel de outras victorias no terreno das letras. E victorias que sobremodo o recommendam á admiração de seus leitores.

*

SÃO esses os primeiros resultados da garçonnização da mulher, com licença desse neologismo tambem hybrido.

Mas, nem por isso, e, talvez mesmo por isso, ellas deixam de forçar, em cargas cerradas e repetidas, até os 30, 40 e mais annos, as portas sagradas do hymeneu, as portas, por onde, hoje mais experimentado, menos tolo do que antes, o homem vive a brincar de esconde, esconde, com ellas, sem querer se deixar pilhar.

Faro e cheiro de mulher são, porém, duas coisas perigosissimas. E ninguem, melhor que ella, sabe farejar a caça-marido, que, por sua vez, se sente attrahida para ella pelo seu "cheiro" — o perigoso e venenoso odor di femina que tem reduzido tanto homem de bôa vontade á sua expressão mais simples...

*

E o que está acontecendo com Melindrosa, agora, que quer á fina força, fazer a sua e a minha desgraça, num conjugo vobis que nada conjuga, antes desconjuga, quando não faz peor...

Ora, eu sei, porém, como são essas cousas. O que ella quer é ter em mim uma valvula de escapação para as suas explosões amorosas e vadias, como fazem certos chauffeurs a dar descargas por essas ruas afóra, coisa, aliás, prohibida pela policia de vehiculos.

Quem é, porém, que me garante que a policia prohibirá tambem as "descargas" desses motorzinhos humanos, deliciosamente vadios, que tem ainda a lhe assegurar essas "explosões" a valvula de escapação de um marido?...

Positivamente, não nasci para ser peça de motor de explosão...

ESAÚ & JACOB

MANIFESTAÇÃO AO PRESIDENTE DO ESTADO DO RIO

O presidente Manoel Duarte, como chefe do Partido Republicano Fluminense, recebeu, na noite de 5 do corrente, uma grande manifestação de apreço promovida pelo povo de Nictheroy, que foi, em massa, como documentam as nossas photographias, levar ao eminente estadista, no palacio do Ingá, os seus applausos por ter aquelle partido indicado a candidatura dos drs. Júlio Prestes e Vital Soares, respectivamente, á presidencia e á vice-presidencia da Republica, no proximo quadriennio. O dr. Manoel Duarte teve, assim, occasião de ser mais uma vez homenageado pelos seus coestaduanos, que se serviram dessa opportunidade para demonstrar o quanto se acham satisfeitos com o benemerito governo de s. ex.

Torcedoras do jogo entre o Victoria F. C. e a A. A. Portugueza, em São Paulo, numa hora de descontentamento...

POR iniciativa do Rotary Club de São Paulo e com o apoio da Directoria Geral de Instrucção Publica, foi, recentemente, fundada, junto ao grupo escolar «Rodrigues Alves», naquella capital, a Associação Amigos da Escola, cuja inauguração se realizou festivamente.

GRANDEZA E PROGRESSO DE SÃO PAULO

AS ESTRADAS DE RODAGEM

Durante o anno de 1928, foram feitos, em São Paulo, reconhecimentos de novas estradas, na extensão de 758.830 kilometros.

se, nessa época, nas seguintes estradas: Guapiara-Apiahy-Ribeira, São Miguel-Sete Barras, Itapetininga - Pirajú, Villa Americana-Piracicaba, Biguá-Una e Botucatú-

no Estado do Paraná, para estabelecer a ligação daquellas cidades com Curityba.

A estrada São Miguel-Sete Barras, que se ligará em Gramadinho com a

as obras estar ultimadas no fim do anno de 1929.

Na estrada Pirajú, que collecta toda a alta Sorocabana para entroncar na São Paulo-Paraná, estava quasi prompto o trecho

O exmo. sr. dr. Julio Prestes, presidente de São Paulo, em companhia dos funccionarios da Delegacia Fiscal, por occasião da visita que os mesmos fizeram a s. ex., no palacio dos Campos Elyseos.

e estudados 409.093 kilometros.

Em fins de 1928 haviam sido entregues á conservação 159.700 kilometros de novas estradas, estando em vias de conclusão 318.200 kilometros.

Os trabalhos de construcção concentravam-

Baurú.

A estrada Guapiara-Apiahy-Ribeira, cujas obras deverão estar em vias de conclusão, porá em communicação o Rio e São Paulo com a Ribeira, e depende apenas da construcção de 125 kilometros, já atacados.

estrada São Paulo-Paraná, tem por objectivo ligar a capital paulista com a zona sul do Estado, comprehendida pelos municipios de Cananéa, Iguape, Xiririca e Jacupiranga. Os serviços de construcção proseguiam até o kilometro 50, devendo

entre Bom Successo e Pirajú, apenas faltando a construcção de algumas obras de arte, e estudado e localizado o trecho comprehendido entre Itapetininga-Angatuba-Bom Successo.

Iniciada em fins do anno passado, a estrada Vil-

la Americana - Piracicaba deverá estar em vias de conclusão, permittindo, assim, a ligação dessas duas localidades com a capital, e, uma vez construido o trecho entre Piracicaba e Xarqueada, estabelecerá communicação entre essas duas cidades e Jahú.

Estavam quasi concluidos os 12 primeiros kilometros da estrada Biguá-Una, faltando atacar os 21 kilometros restantes para attingir o rio Una, ponto que facilitará a ligação de Iguape com Santos.

As estradas concluidas em 1928, na extensão de 159.700 kilometros, como já se declarou, foram as seguintes: no tronco São Paulo a Matto Grosso, trecho de 12 kilometros, na Serra de Botucatú, entre Conchas e Botucatú; no tronco São Paulo-Paraná, trecho de 26 kilometros, de Pinheiros a Cotia, e de 34,6 kilometros, de Capão Bonito a Guapiara; no tronco de Pirajú a São Paulo-Paraná, trecho de 6 kilometros, a partir de Bom Successo, numa variante que aproveita a ponte existente sobre o rio Paranapanema; no tronco Rio-São Paulo, ramal de Jambeiro, na extensão de 24 kilometros; a estrada Caconde a Itahyquara, na extensão de 24 kilometros; e a de Itapetininga a Guarehy, na extensão de 33.100 kilometros, faltando nesta as obras de arte.

A grande intensidade de trafego que vem sendo ultimamente observada nas estradas troncos não mais permitte a manutenção dessas rodovias com o simples revestimento de pedregulho. A pavimentação dessas estradas com material mais resistente, é medida que se impõe, em beneficio da conservação da via permanente e dos proprios vehiculos, com vantagens economicas de grande alcance.

Essa medida vem sendo convenientemente estudada com grande interesse pelo governo do Estado e de modo a ser executada, dentro de breve prazo, em todas as estradas que partem da capital, num raio de 100 kilometros.

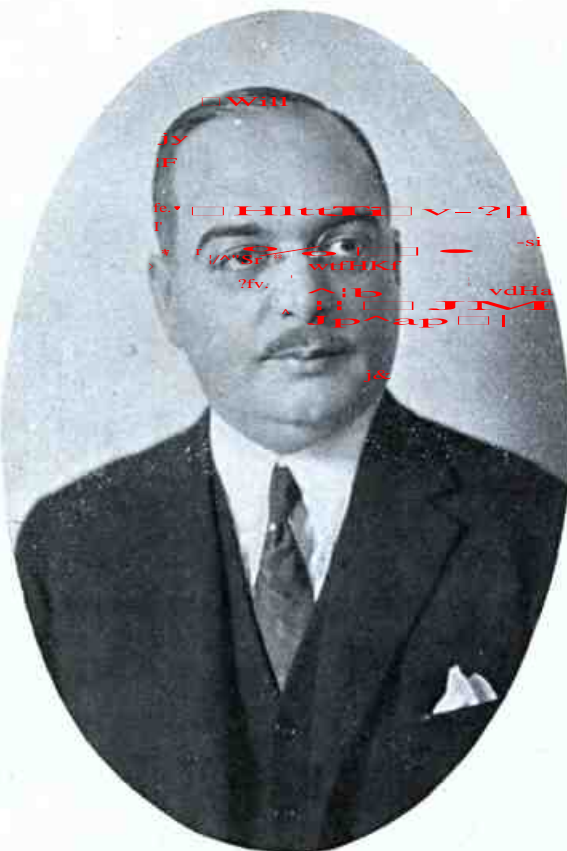
Dr. Oliveira Barros, que soube imprimir á Secretaria da Viação, creada pelo governo do illustre dr. Julio Prestes, uma orientação brilhante, segura e efficiente nos seus resultados.

Um trecho da Estrada de São Paulo a Santos, após os melhoramentos introduzidos pela actual administração do Estado.

Já foi iniciado o revestimento da estrada São Paulo-Santos, estando revestido, a concreto, o trecho da Serra, na extensão de 8 kilometros, e a concreto asphaltico, o trecho entre a base da Serra e Santos, numa extensão de 14 kilometros.

O problema concernente aos serviços de conservação e policia das estradas de rodagem, ainda bastante precario, vem occupando a attenção do governo, que espera resolvel-o de accordo com as necessidades desses serviços.

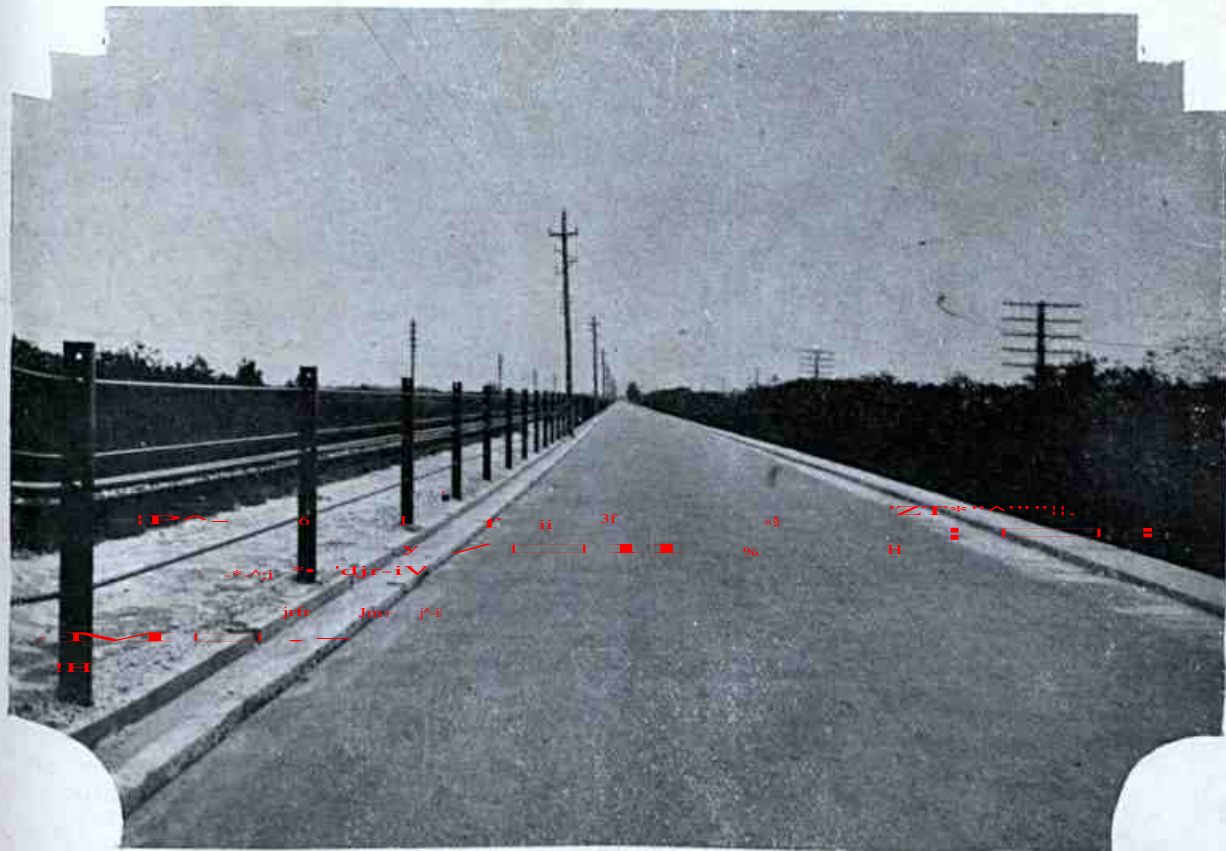
A Directoria de Estradas de Rodagem occupou-se ainda, em 1928, com a construcção de pontes em estradas municipaes de interesse geral, relevando mencionar as obras que estão sendo construidas sobre o Tietê, em Avanhandava, e sobre o rio Pardo, na estrada de Casa Branca a Mocóca.

As estradas de rodagem estaduaes, entregues á conservação, em 31 de dezembro de 1928, attingiam a extensão de 2.711.300 kilometros, de 1.ª classe, existindo, entre.

DR. Salles Junior, secretario da Justiça do governo de São Paulo, personalidade de brilhante passado politico e illustre parlamentar, que muito se destacou quando representante do seu Estado na Camara Federal.

tanto, no Estado, mais de 10.000 kilometros de estradas carroçaveis de 2.ª classe.

ESCOLAS PROFISSIONAES

Funccionaram em São Paulo, em 1928, sete escolas profissionaes estaduaes, sendo tres masculinas, tres mixtas e uma feminina. Dessas escolas, duas estão localizadas na capital — a masculina do Braz e a feminina "Carlos de Campos", e as cinco restantes no interior, em Amparo e Rio Claro, masculinas, e em Franca, Ribeirão Preto e Campinas, mixtas.

A matricula dessas escolas foi de 4.150 alumnos, sendo 2.096 do sexo masculino e 1.054 do feminino. Esta matricula foi superior á do anno anterior em 418 alumnos e deu a média de 42,8 por classe. A frequencia média geral foi de 2.422,7 e a percentagem de frequencia annual de 81,4, comprehendendo nesses numeros os cursos diurnos e nocturnos de ambos os sexos.

Outro trecho da Estrada de São Paulo a Santos, asphaltada no governo fecundo do presidente Julio Prestes.

CONSAGRANDO a capacidade profissional e administrativa do illustre engenheiro Pires do Rio, o presidente Julio Prestes, de conformidade com o que dispõe a nova Constituição do Estado, nomeou-o prefeito da capital de São Paulo, cargo que o antigo ministro da Viação vinha exercendo com geraes applausos. E' um flagrante da cerimonia da posse do dr. Pires do Rio o que fixa a photographia acima.

Quanto ao movimento economico, essas escolas alcançaram, englobadamente, a renda de réis 404:011$960. Desta importancia foram reapplicadas nas escolas, em materiaes e bemfeitorias, réis 223:016$003; pagos aos alumnos de percentagens, 60:672$380, e recolhidos ao thesouro, como saldo da renda escolar, réis 120:323$577. A importancia dos saldos recolhidos corresponde aos 32,4 % do total das verbas de custeio das officinas, no valor de 371:000$000.

A renda geral do anno anterior foi menor de 178:966$210 que a deste anno e os saldos recolhidos de 33:229$907

A CULTURA DE FRUTAS

Na sua mensagem de 14 de julho do anno passado, demonstrou o actual governo paulista o empenho em que se encontrava, para que a producção das chamadas zonas velhas pudesse ser augmentada e barateada, de maneira que fosse sempre possivel continuarmos, pelo volume e pelo valor da producção, a ter o controle do café, nos mercados do mundo. Se a producção diminue, torna-se mais cara e não só não póde concorrer com os nossos competidores, como ainda installar e manter a apparelhagem de braços, e de machinas que precisam ser constantemente renovadas. Para chegar ao augmento da producção nessas zonas cansadas, tratava o governo paulista de fomentar a organização da industria dos fertilizantes hoje em uso em todos os paizes do mundo. Ao par disso, lembrava tambem a substituição das culturas em decrepitude por outras que melhor pudessem remunerar o capital e o trabalho nellas despendidos.

Os cafezaes já imprestaveis vão sendo substituidos pelos laranjaes que offerecem uma esplendida fonte de renda e interessam os lavradores pelas possibilidades que encerram. Na epoca de nossa colheita, não temos a concorrencia de ou-

O dr. Lezany Guedes, que com tanto relevo desempenha as funcções de secretario da presidencia de São Paulo, pela sympathia que irradia, pelo trato amavel e fino, dispõe de um vasto circulo de amizades. Festejando o seu natalicio, que passou a 13 do corrente, o nosso distincto patricio teve occasião de receber as mais significativas provas de apreço e da consideração em que é tido por quantos o conhecem e admiram.

A praça da Sé, na capital paulista, remodelada na actual administração.

VISTA de São Paulo, tomada do Museu do Ypiranga. A' esquerda se ergue, imponente, o perfil do monumento da Independencia.

tros productores de laranja e encontramos os mercados desprovidos e aptos para receberem toda a nossa producção. Estamos certos de que a cultura da laranja em S. Paulo constituirá uma das bases da nossa riqueza e do nosso desenvolvimento.

Todos os paizes da Europa constituem excellentes mercados para as nossas frutas e vão augmentando de anno para anno as suas importações.

Para imprimir á cultura e ao commercio da laranja uma melhor orientação, o governo paulista contractou um agronomo especialista em citricultura, que dirija um grande campo experimental, creado junto ao Instituto Agronomico de Campinas, e mais quatro estações experimentaes, em diversas regiões do Estado. Nessas estações experimentaes estão sendo cuidadosamente estudadas a selecção de sementes, sementeiras, enxertias, os melhores "cavallos", a póda, a irrigação e adubação, tudo, emfim, que vise melhorar a nossa producção.

Com relação ao acondicionamento e á classificação de laranjas destinadas á exportação, está o governo pondo em execução a lei n. 2.356, de 31 de dezembro de 1928, que autorizou a fiscalização dos pomares já existentes e em producção, afim de evitar a propagação das pragas e conseguir maior aproveitamento na cultura, provendo sobre o beneficiamento e classificação dos productos destinados á exportação, de maneira a melhoral-os de accordo com as exigencias do mercado. Na execução dessas medidas, mandou o governo construir em Limeira um "Packing House", para o qual o Governo Federal concorre com os machinismos, e outro em Sorocaba; entrou em accordo com as estradas de ferro para que o transporte das frutas se faça rapidamente em vagões apropriados; com a Companhia das Docas de Santos, no sentido de melhorar o frigorifico de ar secco para o armazenamento das frutas de exportação; com as companhias de vapores, para que reservem camaras frigorificas em seus navios; com os governos dos Estados limitrophes, para que os productos a estes destinados ou á exportação pelo porto de Santos sejam devidamente fiscalizados contra o mau preparo ou as fraudes; e, finalmente, com o governo federal, para que, por intermedio da Secretaria da Agricultura, seja exercida em Santos a mais ampla fiscalização.

Além da cultura de laranjas, trata o governo do desenvolvimento da cultura de outras frutas nacionaes e estrangeiras, principalmente da cultura de peras, que já representa uma grande riqueza do Estado.

A cultura de pereiras em S. Roque, apezar de feita sem orientação scientifica e sem a assistência indispensável dos poderes públicos, orça por cerca de um milhão de pés e já representa um grande valor economico.

Ha muitos annos foram transportadas para alli algumas pereiras que deviam servir de "cavallos" para enxertos e da multiplicação dessas pereiras foi que se fizeram aquellas grandes plantações. Com o correr do tempo, fruticultores mais exigentes e mais adeantados foram importando outras variedades, que foram sendo, por sua vez, multiplicadas. O resultado de tudo isso foi crear-se, em S. Roque, essa grande cultura desordenadamente, sem methodo, sem selecção, de fórma que os seus fruticultores apresentam, por occasião das colheitas, frutas de varias qualidades, que, misturadas, alcançam pequeno valor nos mercados de consumo. Para melhor orientar essa cultura, o preparo e a embalagem das frutas, creou o governo em S. Roque uma estação experimental, que vae produzindo excellentes resultados. Além disso, a distribuição de mudas de castanheiro, tamareiras e videiras se vae fazendo regularmente, de maneira a augmentar as possibilidades paulistas de producção de frutas européas.

Lindo aspecto de um caféeal do municipio de São Manoel, na região da Sorocabana.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

GAROTAS NA FARRA

Da Paramount

Cinema IMPERIO — E' um film que, apesar de singelo nas suas linhas geraes, tem muito espirito. Esse espirito deriva não só das situações, como, principalmente, da interpretação de Clara Bow, uma pequena formosa que tem o condão de nos fazer achar a vida risonha. Além d'isso, o film tem um bocadinho de attracção, de nú. Para as nossas platéas parece ser este um... aperitivo de valor. Não divaguemos. O film é bom, sem constituir nenhum assombro. E' sobretudo um film alegre, vivo, consolador. A direcção é bôa, a technica excellente.

Cotação — BOM

BEIJOS A GAZOLINA

Da Ufa

Cinema RIALTO — Não sabemos por que artes do demonio este film nos apparece annunciado com um esdruxulo "á gazolina". Esta crase é uma bota. Mas deixemos esse pormenor secundario. O film alcança o seu objectivo: é um film alegre. Como todas as pelliculas do genero, a verosimilhança é valor de pouca monta. Não deixa, no emtanto, de ter muita sequencia. A direcção não teve muito que fazer, devendo levar-se em muita sua conta as scenas do "cabaret", em que se desenvolve parte da acção. A technica, é que póde, pôr-se em comparação com o que de melhor nos dão os "studios" de qualquer parte do mundo. A interpretação é excellente, não só pelos detentores das primeiras figuras, mas tambem pelos interpretes de figuras secundarias, algumas das quaes são excellentes caricaturas. Um deslise na direcção: aquella scena em que a professora de bailado, "doublée" de "cocotte", faz com os dados, sobre a cabeça d'um amante fortuito, um "signal" que é uma grosseria. O film é interessante e deixa uma impressão agradabilissima.

Cotação — BOM

PRINCIPE ORLOFF

Da Hegewald Film

Cinema GLORIA — Um pedaço da vida moderna, da vida agitada dos dias que correm, trazida para a téla. Deve acrescentar-se: da vida européa. Nunca estes argumentos em semelhantes ambientes são sufficientemente comprehendidos pelas platéas americanas, de qualquer parte do continente, porque por aqui houve muita tranquillidade, e certos exarcebamentos sociaes não apresentam verosimilhança. N'esse sentido, a sonhadora alma slava attingiu paroxismos tragicos. Este é o caracter do film de que nos occupamos n'este momento. Vale sboretudo pela sua dramatização, pelo espirito de barbara e in-

NOS CINEMAS DA AVENIDA —— (Continuação)

soffrivel aventura. Como obra de "studio" é deficiente, mesmo mediocre. Nem a interpretação, nem a direcção, nem a parte technica, sob qualquer das suas modalidades, consegue deixar-nos uma impressão de superioridade. Não é que em conjuncto nos deixe frios; mas, além do argumento, que é bom, nada mais ha a destacar.

Cotação — SOFFRIVEL

VENENOSA

DA PLUS-ULTRA FILM

Cinema PATHE'-PALACE — Não estamos deante d'um assombro, mas deparamos com um argumento muito original, servido por uma excellente direcção e por uma technica soffrivel. O argumento é, além de original, emocionante. As scenas, d'uma logica bastante acceitavel, desenvolvem-se de modo a prender irresistivelmente o espectador, com a sua intenção de fatalismo, que é a idéa a que se subordina toda a acção. A direcção é, como já tambm affirmamos, excellente. A parte é que é um pouco pobrezinha, tendo a photographia sensiveis deficiencias. Resta-nos a interpretação. Todos os valores se apagam deante d'essa figura insinuante que é Raquel Meller, um valor que infelizmente o cinema não tem sabido aproveitar na plenitude do seu incommensuravel merecimento. O film é ella; pouco mais que ella. Só por ella vale a pena ir ver a producção franceza. "Venenosa" é uma pellicula européa que, sendo tão bôa como muitas outras americanas, supera, sob alguns pontos de vista, algumas que nós tragamos.

Cotação — BOM

Mães!

Para proteger os vossos bebés contra molestias contagiosas

Quasi todas as doenças, como a brotoeja, a variola, o sarampo, a diphteria, a coqueluche, a escarlatina, e outras molestias contagiosas

são males que têm origem nas infecções resultantes da falta de cuidados sanitarios. Uma das melhores medidas preventivas é a de se usar o "Lysol" na limpeza geral. Em se lavando os assoalhos, as paredes e os moveis com uma solução de 2% de "Lysol" (ou uma colher por litro d'agua) reduz-se ao minimo o perigo de contagio. Use-se-o tambem nas latrinas, ralos, quartos de enfermos, etc.

O "Lysol" tambem é muito bom para a desinfecção das mãos varias vezes ao dia, diluido de accordo com as direcções do rótulo. Lysol é empregado pela Saúde Publica, Hospitaes, Santa Casa, etc.

Lysol se vende nas Drogarias e Pharmacias em vidros de tres tamanhos.

Os soberanos do lar

Que alegria vel-os sempre risonhos e sadios! O mais importante é que se evitem as irritações da pelle. Como? Polvilhando o tenro corpo do bebé depois de banhal-o ou ao se mudarem as fraldas. A Maizena Duryea absorve a humidade e deixa a pelle rosada, macia e fresca, evitando assim toda e qualquer irritação.

GRATIS

M. Barbosa Netto & Cia.
C. Postal 2938 — Rio de Janeiro

MAIZENA DURYEA

INSTITUTO HYGIENICO

— DE —

Mme. ELLA

unica representante dos afamados productos da Academie Scientifique de Beauté de Paris e da Marca registrada Glicia que são incomparaveis, para emmagrecer, o creme adstringente Lysial Nº. 15, faz o effeito espantoso, tratamento da cutis, massagens, Electrolise, galvanisação raio violete, raio solar, raio azul, para acné e espinhas. Banho de Luz para emmagrecer o ventre. Manicure de primeira ordem, embellezamento das sobrancelhas

* * *

Becco Manoel de Carvalho n.º 16-1.º

Esquina da Rua 13 de Maio

Telephone 3091 Central

A GUERRA DOS TONGS

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — O bairro chinez de Nova York! Temol-o visto dezenas de vezes, com as suas monsardas, os seus typos, o seu ambiente asqueroso e triste. Não negamos que seja um meio de grande valor para n'elle desenvolver argumentos patheticos. A verdade é que, por isso mesmo, o film da Paramount falha na originalidade. Isso, porém, é circumstancia mediocre quando os personagens estão entregues a artistas do valor de Wallace Berry, Florence Vidor e Warner Oland, este um artista que creou fama pela sua photogenia accentuadamente oriental. D'aqui resulta o valor incontestavel da pellicula, que é d'uma dramatização tal, que a torna excellente trabalho para platéas populares. Se entendessem um pouco mais o enredo, daria um excellente film em série, d'aquelles que noutros tempos faziam as delicias do publico de suburbios. Não queremos diminuir com estas considerações o valor absoluto da pellicula. A sua interpretação, como deixamos dito, é valiosa; á sua direcção, embora sem novidades, é correcta; a sua technica é impeccavel. D'aqui resulta, que, considerados todos estes valores e posta de parte a fraqueza do argumento, temos com justiça, de conceder a

Cotação — BOM

BRAÇOS VAZIOS

DA FOX-FILM

Cinema PATHE' — Film que nos dá um excellente trabalho d'uma grande actriz que se revelou em figuras graves e centraes: Louise Dresser. E' uma artista cujo genero não lhe deu nunca margem para grandes destaques, em todos os "studios" onde trabalhou. Este film da Fox proporcionou-lhe occasião de realizar uma interessante obra de emoção, de effeitos dramaticos bem conduzidos. O film, tirando este trabalho e a impeccavel technica que n'elle se destaca, resulta uma obra fraca, embora não má. O argumento é excessivamente diluido e até mesmo inverosimil em certos detalhes. E' o resto dos films silenciosos que a Fox nos dá, dentre os quaes apparecem alguns, que marcavam na historia da cinematographia. Tambem, para serem como este, não valia a pena.

Cotação — SOFFRIVEL

CRUZADA DE COOPERAÇÃO NA EXTINCÇÃO DA FEBRE AMARELLA

APPELLO AS DONAS DE CASA

AINDA se vêm encontrando fócos de mosquitos em latas inuteis, deixadas ao abandono nos quintaes, ou em terrenos baldios, para onde, muitas vezes, são atiradas.

A Cruzada appella para as donas de casa, pedindo-lhes que façam reunir as latas em um só logar, no quintal, para que os "mata-mosquitos" as encontrem facilmente, para removel-as.

A Cruzada pede, ainda, que não se permitta atirar latas nos capinzaes e moitas, pois, assim escondidas, mais facilmente podem escapar á attenção dos "mata-mosquitos" e em pouco tempo serão novos fócos de estegomias.

Attendendo a este appello, as donas de casa prestarão um grande serviço a favor da saude e do bom nome da nossa Cidade.

Só a escova

Pro-phy-lac-tic

com tufo de cerdas pode attingir as partes mais reconditas de todos os dentes

A CARIE principia nos sitios onde se alojam particulas de alimento — entre os dentes, por detraz dos queixaes, sob as gengivas.

As escovas de dentes vulgares não podem attingir estes pontos ameaçados. A escova Pro-phy-lac-tic, com a ponta em tufo, a superficie das cerdas em forma de serra e o cabo de curva apropriada, é construida scientificamente para limpar completamente todas as partes dos dentes, em todas as occasiões. Tem sido durante quarenta annos o modelo perfeito de escova de dentes em todo o mundo.

Para os arcos dentaes mais pequenos do que a media ha a escova Pro-phy-lac-tic Oval. Para as pessoas de gengivas descoloridas e sensiveis, necessitando massagem, ha a Pro-phy-lac-tic Masso.

Com grande variedade de cabos em lindas côres transparentes — tres feitios — tres tamanhos e tres differentes contexturas de cerdas, as escovas de dentes Pro-phy-lac-tic satisfazem todos os requisitos de uma escova de dentes para qualquer uso.

Insista-se sempre nas genuinas escovas de dentes Pro-phy-lac-tic.

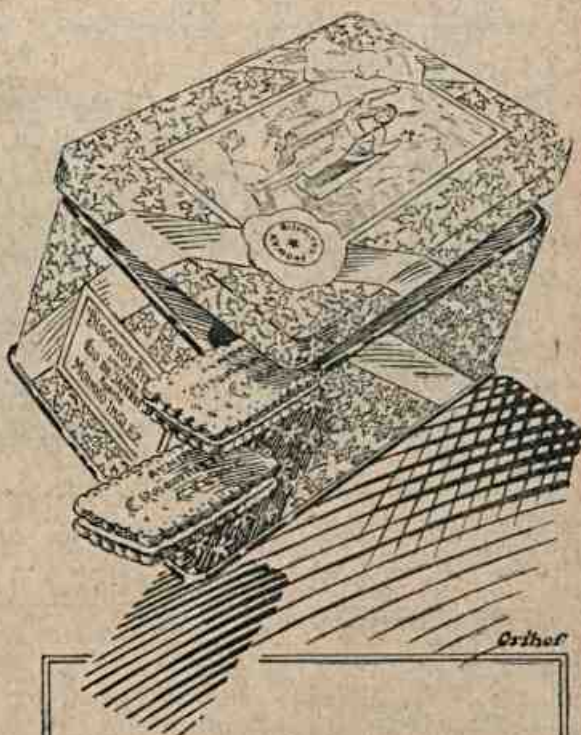
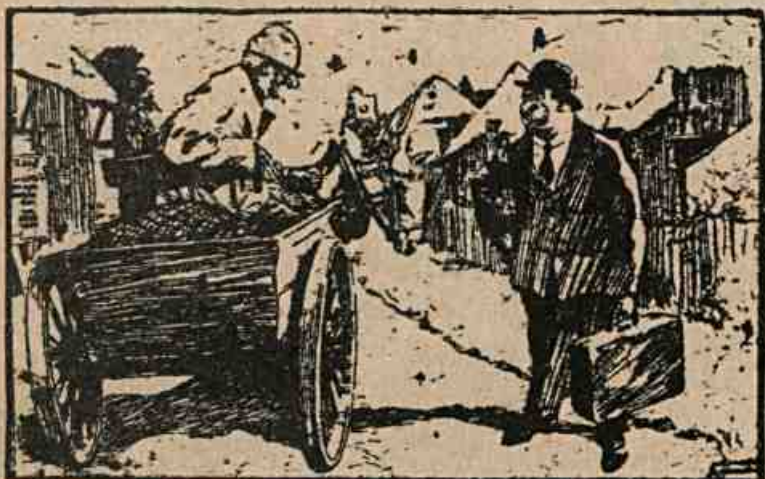
Representantes: KRAMER & CO.
Rua Alfandega 97, Rio de Janeiro.

OVAL

MASSO

Escovas de dentes

Pro-phy-lac-tic

[illegible] original sempre na caixa amarella

ESPIRITO ALHEIO

O caixeiro viajante. — Diz o senhor que a villa fica daqui a dois kilometros e que, no emtanto, gastarei tres horas para chegar lá! Como é isso?

O homem do carro (muito observador). — Sim senhor. Mas é preciso levar em conta que ha quatro tabernas no caminho...

Ella. — Escuta, Cypriano: quando sahires commigo, não quero que tenhas esse aspecto tão infeliz...

— Quer fazer-me o favor de pôr-me esta carta na caixa do correio?

— E não pódes tu mesmo deital-a?

— Sim. Mas é que não quero que meu tio veja que fui eu mesmo quem a poz no correio...

Faz já um mez que estou sem sahir uma só noite...

— Agora não pódes queixar-te de mim, não é assim?

— Esta carta é muito pesada. Tem que pôr-lhe outro sello.

— Mas, com outro sello, ella ficará ainda mais pesada.

— Que tal está hoje a agua?

— Sei lá! Estou fazendo esforços inauditos para não proval-a.

BIOTONICO FONTOURA

O FORTIFICANTE IDEAL

— PARA —

HOMENS, SENHORAS E CREANÇAS

Consagrado pelas maiores notabilidades medicas, em virtude do valor de sua formula, um dos maiores triumphos da industria pharmaceutica brasileira.

— o —

Biotonico Fontoura

corrige as Alterações nervosas, combate a Depressão e a Fraqueza, melhora as Funcções digestivas, auxilia a Assimilação, estimula a Actividade cellular e contribue para normalisar as Funcções do organismo, produzindo Energia, Força e Vigor, que são os attributos da Saude.

TOSSES
CATARRHOS
BRONCHITES CHRONICAS

CAPSULAS
de

GOUTTES LIVONIENNES

de TROUETTE-PERRET

Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu

Encontra-se em todas Drogarias e Pharmacias

Apor. D.G.S.P. sob o Nº 50 em 5-2158;

TALENTO—

—"A enorme capacidade para fazer justos esforços." O talento da perfeita dona de casa revela-se na meza sempre provida do

SAL DE MEZA
Cerebos

DR. ALVARO RAMOS LEAL

"OPERADOR E PARTEIRO"

Ex-interno da clinica do professor FERNANDO de MAGALHÃES, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Attesto, em fé do meu grão de Doutor em medicina, empregar com o melhor exito o

ELIXIR DE NOGUEIRA

do Pharmaceutico-Chimico, João da Silva Silveira, em varias affecções lueticas.

Dr. RAMOS LEAL.

Recife, 15 de Outubro de 1927.
(Firma reconhecida).

Justiçoso

de

Hermino Lyra

NUNCA o magnanimo Serra recebêra a patente de coronel da briosa, até porque em tempo algum acceitára a nomeação de official superior da Guarda Nacional. E' coronel, sim, mas proclamado por acclamação popular. E' o povo quem lh'o acclama espontaneamente; por isso julga desnecessaria a nomeação do governo.

Sente-se mais honrado assim do que com um titulo pedido aos poderes publicos e pago ao Thesouro da União. Si o povo o trata por coronel, é pelo facto de o julgar merecedor da patente. Não carece de authenticidade governamental, de se revestir das formalidades legaes o titulo dado por graça do povo, cuja vontade faz leis á mercê dos direitos consuetudinarios.

* *

Nomeado o coronel Serra para o logar de director da Secretaria da Justiça em certa capital nordestina, começa, auxiliado pelo carcereiro, a fazer trabalho de prophylaxia moral entre os presos da cadeia publica.

Separa numas prisões os reclusos, cujo bom comportamento é notorio; noutras, os de procedei regular; e reune os mais rebeldes noutras mais. Faz a selecção, e passa a observal-os.

Em palestra, a todos aconselha que pratiquem o bem, afim de se julgar o aconselhador com o direito de pedir ás autoridades superiores melhorarem as condições daquelles que demonstrem ter qualidades para ser excellente cidadão.

Mais tarde, no meio dos rebeldes descobre um que se mostra mais regenerado, e joga-o no grupo dos de proceder regular, afim dali passar para o meio dos bons.

Assim vae seleccionando-os, caldeando-os até chegar a reduzir a quantidade minima dos mais propensos ao crime, muito menos abominaveis.

Em certa data de festa nacional consegue serem indultados alguns presos de bom comportamento.

Não se sabe informar quem providenciára para que se désse o facto digno de louvor, mas têm todos a certeza de haver sido o coronel Serra o autor do pedido em beneficio daquelles que fôram postos em liberdade.

Começa a notar-se o prestigio do bemfeitor entre os presos e até no meio da força policial. Em toda a cidade, por fim, passa a ser admirado e respeitado pelos cidadãos mais independentes, pelos proprios inimigos politicos da situação, pelos indifferentes; só por grande numero de correligionarios é espicaçado em virtude da sua figura de notoria distincção, em vista de inveja que lhe causa isso.

Mais de uma vez consegue serem indultados diversos presos bem comportados. E até os que não têm esperança de obter perdão da pena legal se alegram ao receber a noticia de se libertarem os companheiros antes do tempo determinado.

* * *

Um dia, se rebella importuno preso contra certo funccionario da cadeia. Rebella-se, encosta-se ao muro do pateo, após conseguir evadir-se do cubiculo, e já mata dois soldados com o terçado que arrebata das mãos da primeira victima. Além de capoeira e muito agil, maneja magnificamente bem a arma, que enrista á mão esquerda, emquanto á dextra manobra com presteza admiravel roliço páo em fórma de cachamorra. Valente como as proprias armas, audaz como o leão, ninguem se lhe proxima.

Chegam diversas autoridades policiaes, chega o chefe de policia, e nada se resolve, porque ninguem quer chamar a si a responsabilidade de mandar espingardear o criminoso.

E acêrca de cada um que chega, faz elle a indagação:

— Quem é aquelle?

— E' o juiz tal.... E' o delegado fulano.... E' o chefe de policia...

— Si se aproximar, morre!

Neste interim chega o coronel Serra, e dirige-se ao condemnado:

— Que é isso, preso?! Pois vem o senhor quebrar a disciplina existente nesta casa, quando todos agora a elogiam?

— Ah, *seu coronel!* Só vossa senhoria faz eu acalmar a minha raiva, o meu desespero!

Joga o terçado e o páo no chão, a pedir-lhe mil desculpas por haver, num momento de irreflexão, olvidado os conselhos do bemfeitor dos seus companheiros. Elle, prosegue o rebelde, nada merece do coronel Serra; emtanto se submette humildemente a qualquer pena imposta, por este: não por si, que nada espera em seu beneficio, sinão pelos companheiros que nenhuma culpa têm do seu estonteamento, assim como nenhuma responsabilidade naquella scena canibalêsca!

* * *

Vaga um logar de official da Secretaria de Justiça, e deixa-se ao director a liberdade de escolher o funccionario para o preencher.

Resolve o coronel Serra indicar o senhor Gastão, o mais antigo, o mais competente dos concorrentes do quadro immediatamente inferior, e o communica a seu superior hierarchico.

Está tudo muito bem. Todos de accôrdo. O governador tambem de accôrdo. Tem o referido funccionario a certeza do premio a receber pelos seus meritos profissionaes.

Subito, uma novidade: para satisfazer a pedido politico de prestigioso correligionario, faz o governador grande empenho pela promoção de outro empregado, servindo o chefe de policia de intermediario entre o chefe do executivo estadual e o director, afim de ser indicado o nome do ultimo candidato. Não concorda o coronel: em absoluto não indicará outro. Ninguem mais merece, nem ha nenhum mais antigo do que o senhor Gastão.

Insiste o chefe de policia acêrca da necessidade que tem o governador de promover o candidato do prestigioso correligionario. E o director, firme no primeiro nome escolhido.

Aconselha-o a satisfazer ao pedido do governador. E o coronel Serra, impenetravel.

Fará o chefe do Estado comprometter-se a promover o senhor Gastão na primeira opportunidade. E nada o demove do firme proposito de indicar o nome do exemplarissimo funccionario.

Insiste mais uma vez. E declara o director haver duas soluções para o caso: fazer o governador a promoção independentemente de indicação sua, ou demit-

til-o afim de outrem indicar o candidato politico.

Passam-se os dias, as semanas passa-se o mez; nada fica resolvido. Abstem-se o director de falar acêrca do assumpto.

Por fim lhe solicita o secretario da Justiça indicar o nome do funccionario a ser promovido. Fal-o-á no amanhã.

No dia seguinte, depois de bem almoçar, diz o coronel á esposa ir definitivamente liquidar o caso. Indicará o nome do mais merecedor, do mais antigo funccionario, do mais digno. Está disposto a tudo. Que o exonerem! Façam o que bem entender!...

Chega á Secretaria da Justiça.

JUSTIÇOSO

(Conclusão)

Já lá se acha o chefe de policia. A este declara aquelle ir fazer a indicação.

Senta-se, pega negligentemente a canneta, toma tinta com a penna, e na sua mesa de trabalho começa a redigir o officio. Quando escreve — G, a primeira letra do nome do funccionario que vae indicar, bate-lhe no hombro o chefe de policia:

— Ora, Serra! Não faça isso...

Volta-se este para quem lhe interrompe o trabalho. Cáe-lhe a caneta da mão. Tomba a cabeça delle para o lado. Desfallece no seu posto de honra.

Célere, vae a triste nova aos ouvidos do governador, que, pelo telephone, lhe transmitte o proprio secretario da Justiça. Penalizado, exclama, então, o chefe do executivo estadual:

— Que horror! Si eu soubesse...

E na cadeira onde a vida ganhava pelo seu trabalho honrado, logo rodeado de innumeraveis admiradores, de alguns amigos, lá está quasi frio, pulsação arterial parada, quieto e bem quieto, morto, positivamente morto o director justiçoso.

RESURREIÇÃO

POR VALDEZ CORRÊA.

(Paizagens cearenses)

PLENA secca.

A Terra calcinada, fendida aqui e alli, dá a impressão de uma reminiscencia seismica de solo vulcanico.

Naquella aridez tristonha não ha uma folha verde, uma flôr.

As arvores, mortas, com a escorça ennegrecida ou em lethargo, com a seiva paralyzada, offerecem á matta o aspecto funereo de um Campo santo, em que fossem toscas e bizarras cruzes.

E, lá no infinito, entre explosões patheticas de luz, o Sol, anniquilador, comburente...

* * *

Fim de anno.

As madrugadas, agora, são mais bellas. Os dias, no emtanto, são sombrios, indecisos, como si a Natureza andasse padecendo de tédio.

Até o Sol já não tem aquelle fulgor diabolico, offuscante. Apparece mais manso, circumscripto num nimbo opalecente, como a pupila de fogo de um olho descommunal. E, quando tomba no occaso, é sem apotheose, quasi de imprevisto, como quem anda em ostracismo...

* * *

Muda o tempo.

Dentro das noites tenebrosas os relampagos rabiscam hieroglyphos.

O éco dos trovões percute rolante, numa colera tremenda.

Os coriscos fuzilam em blasphemias de fogo.

Os ventos passam em cavalgatas loucas, ululantes, como uma caterva de lobos famintos.

Subito, rasgam-se violentamente os ventres pejados das nuvens. E o aguaceiro desaba em cataratas tragicas, ameaçando a Terra com um episodio biblico...

* * *

Chove.

Transbordam os rios impetuosamente, rolando pelos leitos com um fragor quasi épico.

Sangram as lagôas em depleção ruidosa.

Pelos baixios accumulam-se grandes lençóes d'agua, onde sapos cantam em côro a alegria de viver.

E chove, chove...

* * *

Estia.

Um grande arco-iris se curva em triumpho celebrando a paz dos Elementos.

No céo, ainda plumbeo, o Sol apparece pallido, transfigurado.

Dramatiza-se, agora, a Natureza!

Ante o olhar attonito, numa surpresa risonha, surge um oceano de verduras, uma orgia de brotos.

A matta inteira sorri na alegria pantheistica dos ramos, no esmalte lavado das folhas.

Verde, tudo verde! Até a alma da gente está verde!

E é um delirio! E tudo se alvoroça e grita e berra e canta, com volupia, aquella resurreição deslumbrante, encantadora do verde...

O Môlho de LEA & PERRINS'

PARA TODAS AS MEZAS E PARA TODOS OS PRATOS

São as predilectas

Todos aquelles que se trajam com gosto preferem as abotoaduras Krementz, não só pela sua belleza como tambem pela excellencia da sua qualidade. Qualquer loja de primeira classe vende essas abotoaduras feitas de ouro ou de madreperola.

O nome Krementz, estampado em cada peça, é a sua melhor garantia.

KREMENTZ

A venda em toda a parte.

COMPANHIA MERCANTIL PAN-AMERICANA
Rua Chile 7, 2° andar — Rio de Janeiro

PORQUE RAZÃO ENGORDAR?

Quando hoje é tão facil á mulher conservar a elegancia e a graça do corpo com o uso da

Oxydothyrina Pâris

duas pilulas por dia d'este producto sem rival bastam para manter a harmonia das linhas e obstar á opulencia exagerada das formas.

A'venda em todas as boas pharmacias.

Especificar bem : **Oxydothyrina Pâris.**

Appr. D.N.S.P. sol. o N° 268 em 12-9-1913

Deposito Geral : Laboratorios André Pâris
4, Rue de La Motte-Picquet - PARIS

ANEMIA

DEBILIDADE CONVALESCENCIA

o VINHO
o XAROPE DESCHIENS

PARIS

outra lembrança delle; um vestido para ella, por exemplo.

E as suas mãos, longas e affiladas, abriram, rapido, a caixa bonita. Decepção! Era um bello apanhado de orchidéas e um elegantissimo cartão de Sylvio.

Aquella coincidencia foi um desastre na sua vida. A chegada dos dois presentes quasi ao mesmo tempo, o do marido — conservas — o do futuro amante — flores — encheu-a de odio.

Que marido! E teve vontade de tiral-o de Buenos Aires, (onde estava viajando) e pol-o na sua frente, para dizer-lhe que elle havia deixado em casa uma mulher, e não uma cozinheira; e uma mulher joven, que precisava de agrados e carinhos.

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

Mas não fez nada disso. Tambem, não podia.

A coincidencia e o contraste dos dois presentes vincaram na sua sensibilidade uma decisão forte. Havia de vingar-se.

Foi ao telephone. O Buddha lá estava de guarda, com um sorriso impenetravel nos labios de bronze.

— Allô... E' Sylvio?...

— Sim... O meu amor vem a Ipanema?...

— Amenhã de manhã, ás nove horas... O nosso primeiro encontro... Adeus...

E desligou rapido. Parece que envergonhada comsigo mesma.

Mas estava satisfeita. Tinha certeza de ter castigado o marido pelo seu descaso. E principalmente pela estupidez das conservas... Estava intimamente alegre. Si já poderia dizer, como as suas amigas, que tinha um amante...

E o Buddha continuava sorrindo pelos seus lábios de bronze. Mas agora sorria um sorriso de escarneo, ou melhor, de ironia. Talvez com pena do pobre e abastado Manoel da Cruz... Aliás, este bem que merecia pena. Neste vasto mundo de Deus, elle só tinha de seus os seus "Grandes Armazens da Estrella" e aquella corrente de ouro, grossa e cheia de brilhantes, que elle usava pomposamente no collete...

PRODUCTOS DO "LABORATORIO DO SABÃO RUSSO"

O sr. Manoel Luiz Garcia, proprietario do conhecido "Laboratorio do Sabão Russo", satisfeito com o successo que alcançaram seus productos na Segunda Feira de Amostras do Rio de Janeiro e como lembrança da passagem dos mesmos pela grande exposição das industrias brasileiras no Palacio das Festas, teve a gentileza, que agradecemos, de enviar a FON-FON alguns desses productos, que já estão consagrados pela preferencia nacional.

Faremos aqui especial menção ao "Sabão Russo" e á agua de "toilette" "O segredo da Sultana", que figuraram com destaque na Feira de Amostras, e nos vieram entre as offertas do sr. Manoel Luiz Garcia.

O MEDICO LEGISTA

De ARMANDO BRUSSOLO

ENCOLHIDO ao humbral de uma porta, ao abrigo da chuva que cahia insistentemente em grossos luminosos cordéis, formando uma cortina em movimento, puxando com força a fumaça de um aromatico charuto, — o dr. Adolpho esperava o bonde que o havia de conduzir á Policia Central, onde trabalhava havia varios annos, desde a sua formatura.

Especializara-se na medicina legal. Os exames a que procedia em cadaveres, victimas de crimes ou desastres, as suas autopsias, emfim, todos os seus trabalhos era muito elogiados, dado o carinho com que os fazia, não só pela imprensa como pelos proprios collegas. As opiniões por elle proferidas, após longo e minucioso estudo, eram acatadas e louvadas.

Além desse emprego, nada mais conseguira. Estava sobejamente provado ser um medico de valor. Entretanto, meses depois de se haver formado, abrira um consultorio, montado a capricho e sumptuosamente mobiliado, mas logo foi obrigado a desistir de clinicar, á falta de clientes.

Os poucos que lá appareciam, depois da primeira consulta não mais voltavam.

Soffria com isso. Na verdade, não necessitava de dinheiro, mas o seu amor proprio era humilhado, estraçalhado. Fazia caridades; dava aos pobres o preciso para os remedios; não cobrava consultas; a todos tratava com solicitude e, mesmo assim, nada obtinha.

Em sua casa, sempre encerrado no gabinete de estudos, a resolver pergaminhos da familia de que era o ultimo descendente, ou folheando este ou aquelle livro de medicina, vivia completamente só.

Aquelle palacete rodeado de flores, tratadas constante e carinhosamente por um jardineiro portuguez, que morava nos fundos, nunca fôra animado por uma voz feminina, nunca sentira o perfume inebriante de um corpo de mulher.

Nas longas noites em que não trabalhava na policia, acordado até altas horas, o dr. Adolpho, olhando todo o luxo que o cercava, chegava a pensar no suicidio, como unica formula de suavizar o seu infortunio, e maldizia a sorte:

— Tanta riqueza, tanta fama, tanto saber e tudo isso para que? Com que alegria não trocaria a minha situação com a do pobre operario que, após um estafante dia de serviço, regressando, derreado, ao lar, encontra o carinho e os afagos de uma solicita esposa, os braços dos filhos...

* * *

A chuva recrudescêra. Alguns, raros transeuntes passavam ligeiramente. A luz dos reflectores electricos scintillava na calçada molhada.

Duas figurinhas de mulher deslisavam. O doutor Adolpho, sempre attrahido, obcecado pelo "odore de femina", olhou-as fixa e demoradamente. A mais alta — umas melenas loiras, irrequietas, a fugir do chapéo, olhos azues e vivos, bocca pequena, vermelha, tentadora — puxou fortemente á companheira pelo braço, e murmurou:

— Que homem tão feio, credo!

O dr. Adolpho estremeceu. Já ouvira aquella bem timbrada e suave voz. Acompanhára aquelle vulto donairoso durante mezes e nunca pudera conseguir uma palavra siquer dessa menina que era o seu pesadelo.

Encontrára-a, pela vez primeira, numa confeitaria, onde se achava a bebericar um licôr. Estava em companhia de uma senhora idosa, certo a sua progenitora. Como acabava de fazer, encarou-a, e ella, como ha pouco, proferira aquella phrase dolorosa:

— Que homem tão feio, credo!

Os homens, eternos galanteadores, na mulher mais grotesca, immunda, vislumbram certa belleza. As mulheres, com relação aos que pertencem ao sexo forte, só vão a dois extremos: ou bellos, ou feios! Decididamente, as filhas de Eva serão sempre as mesmas: futeis...

O seu rosto, todo picado, rastro da bexiga que em criança o prostrára na cama durante algumas semanas; a testa larga e baixa; os olhos estrabicos; os malares muito saltados; a bocca mais rasgada para a esquerda; o queixo somindo, preso ao pescoço; um dos hombros mais baixo — eram a causa de tão humilhantes palavras.

Apaixonára-se á primeira vista. Comtudo, embora estivesse certo da hediondez que o caracterizava, durante algum tempo fôra vencido por uma louca, irresistivel esperança e a perseguira, mas acabou por desistir de tal intento. Ainda que o espirito humano viva sempre na obscuridade e se alimente do impossivel, ha momentos em que reconhece a sua mesquinhez, o que realmente vale: nada!

Por muito tempo a lembrança dessa figurinha permaneceu na memoria do dr. Adolpho. Paulatinamente, porém, foi ella desapparecendo, e elle acabou por esquecel-a completamente.

Nessa noite tão fria, tão chuvosa, eil-a que voltava de um momento para outro, vindo perturbar a sua existencia, que tornára a ser placida.

O bonde que esperava desembocava na esquina. Dir-se-ia um monstro impavido, impassivel, a romper o diluvio. O doutor Adolpho, levantando a golla da capa, jogando o charuto, ainda em meio, para a rua, com raiva, preparava-se para embarcar no electrico e ainda pensou que as mulheres só fazem uma cousa nesta vida: estragar a existencia dos filhos de Adão...

* * *

Ao descer do electrico, antes de se dirigir ao gabinete, foi ao restaurante proximo e jantou sozinho, como succedia sempre, afóra casos especiaes, quando convidado por este ou aquelle amigo.

Em seguida, dirigiu-se á Central.

Chamaram-no para vêr feridos: um, soffrera um accidente no trabalho; outro, fôra aggredido pelo marido; mais aquelle, cahira do bonde em movimento.

Depois, manteve dois dedos de palestra com o delegado, um homem já velho, muito bem vestido, maneiroso e que falava demoradamente.

— A proposito, caro doutor, tenho ahi um caso doloroso. Acabo de vir da rua, onde fui a um atropelamento de automovel. Causou-me pena o estado da victima. Veio ainda com vida para a Assistencia, mas, quando chegou, falleceu.

— Homem? — inquiriu socegadamente o medico.

— Não! Antes fosse. Uma mulher, uma pobre mocinha, de seus dezoito ou vinte annos, muito linda!

Inquieto, sem saber o que de estranho sentia, o facultativo accendeu um cigarro e immediatamente o arremessou longe. Tremulo, levantou-se e deu alguns passos.

— O dr. Adolpho sente alguma cousa?

— Nada, nada. Qual o nome da atropelada?

Não sabia. A identidade ainda não havia sido estabelecida e ninguem procurára o cadaver, afim de reconhecel-o. Alguns inspectores, de indagação em indagação, tinham procurado uma amiga que estivera muito tempo com a morta, mesmo no momento do desastre, e fugira horrorizada, mas nada puderam adeantar.

— O seu corpo onde está?

— No necroterio, afim de ser examinado. Tal boneca naquella lage fria, abandonada, sem poder ser pranteada pelos paes e irmãos! Um peccado!

Alheiado, absorto em profundos pensamentos interiores, o medico não parecia pertencer a este mundo. Repentinamente, acordando, perguntou:

— Ella está no necroterio?

E, a um signal affirmativo do outro:

— Vou vel-a.

Sahiu a correr, dando um empurrão num soldado que vinha em sentido contrario.

* * *

Que iria fazer? Não sabia ao certo. Desejava ardentemente ver a mulher, mas tinha medo que fos-

sem certos os seus presentimentos e, por isso, estugava os passos.

Ao chegar á porta da "pensão de cadaveres" ficou indeciso. E si fosse "ella" propria? Como ver o cadaver, o corpo inerte de uma mulher que, ainda havia pouco, vira tão cheia de saúde, tão viva?

Fez um esforço sobre si mesmo e entrou.

Sentiu um tremor de frio perpassar pelo corpo. Parecia despertar de um longo pesadelo.

Esfregou os olhos com os dedos das mãos. Dirigiu-se a uma mesa e olhou aquelle rosto bem de perto. Não sonhára, não. Era a realidade, ainda que cruel. Lá estava o cadaver daquella que fôra a sua unica ambição. Estava entre os de dois homens mortos sob uma locomotiva.

O sangue, ainda quente, rubro, numa grande mancha, banhava todo o seu corpo alvo. Parecia dormir, descansar.

O medico pensou desfallecer, cahir fóra de si, mas reagiu a tempo. Como si uma pilha electrica lhe fizesse crear novas

O MEDICO-LEGISTA

(Continuação)

energias, pegou naquelle corpo, ainda morno, abraçou-o com frenezi e começou a beijal-o furiosamente, ruidosamente.

— Então, hein? Sou um homem feio, não é verdade? Pois bem, agora has de me querer á força.

E enlaçava-a nervosamente, doidamente.

— Nunca mais havemos de nos separar, estás ouvindo? Nunca mais! Havemos de casar, serás minha para sempre. Terás o que quizeres, todas as tuas vontades serão satisfeitas, mas has de amar um homem que te causava nojo, que repudiavas até hoje. Não importa. Soffrerás, mas tambem por muito tempo eu soffri, por todas as tuas irmãs em sexo fui escorraçado.

E beijava-a, com beijos longos e lubricos. Pegava nos cabellos longos, loiros e sedosos daquella linda mulher que já não pertencia a este mundo, e puxava-os com força.

— Meus, meus! Só meus!

De sua bocca escorria uma baba grossa, amarella. Batia os dentes raivosamente. As suas frontes latejavam. Jogava o cadaver para todos os lados, mordia-o...

De repente, foi agarrado, subjugado pelas pesantes mãos de dois guardas, que, attrahidos pelo rumor, haviam acudido.

Debateu-se furiosamente, por longos minutos. Disse palavras obscenas, grosseiras, aos homens, mas, por fim, conseguiram leval-o a um dos xadrezes da Central, pois um medico que o examinára dissera, pungentemente:

— Está louco!

NYMPHA DAS SELVSA

(A UMA LINDA MORENA SERTANEJA)

Nympha das selvas, sylphide morena,
Da côr do trigo na maturidade.
Idalia compleição, belleza hellena
No pujante verdor da mocidade.

Do estheta a alma febril se exalta e pena,
Premida de enthusiasmo e de ansiedade,
Olhando-a. E, ante o romantico da scena,
Um arrepio de fremitos lhe invade.

Da patria nos seus seios vibra e arqueja
A alma terna — ah! morena sertaneja
Que no sol rubro dos tropicos vingou!...

Venus moça — é o anjo mythico do norte
Que, em momentos de artistico transporte,
Deus — o olympico artifice — plasmou.

ALCIDES DE SIQUEIRA.

O Perfume da vida

Passou, a sorrir, na minha vida. Eu a olhei longo tempo, tanto tempo...

Ella desceu o azul dos seus olhos e se quedou a sonhar...

A vida foi como tudo que é delicioso: celere decorreu. Semelhante a um frasco de perfume, esquecido aberto.

Nem escutámos o murmurio das fontes crystalinas, nem sentimos a essencia das flôres, ao reflorir...

Succediam noites illuminadas, aos dias cheios de sol. Nem por isso a Natureza nos desvairou. Nada mais.

O azul dos seus olhos sonhara, dormia...

Uma canção como outra qualquer. Velha, muito antiga, entretanto sempre bonita.

Falava de amôr. Ella havia partido para longe do seu coração. Elle tinha vindo para lembrar-se outra vez...

O frio enregelava as arvores das avenidas. Vultos se perdiam á distancia.

— Faz tanto tempo que você partiu...

— Tanto tempo...

— Voltei para reviver o passado...

— Fale... eu quero recordar!

Nunca mais poderia esquecel-a. Era impossivel. Nunca mais.

Lembro-me daquella noite em que nosso olhar se cruzou. Foi no [illegible] theatro. Parece que representavam "Bohéme".

Ella foi a "Mimi" dos meus sonhos. Um dia, perguntou-me si teria muita pena, acaso partisse.

Não pude responder de prompto. Os meus olhos, trahiram-me. Tomei seus dedos esguios, beijei-os suavemente.

Cumpriu sua promessa. Partiu, nunca mais voltou...

A tarde vinha surgindo no horizonte...

De Luis Erbon

Disse-lhe uma poesia.

— Você começou pelo fim!...

— Esqueci-me do principio...

Nossos labios silenciaram.

— Adoro o numero treze!

E ante meu silencio:

— Por que traz comsigo a felicidade... Porque fala de amôr... Porque...

— Então supponha que hoje é dia treze...

— Adeus!

— Adeus!

— Vou levar commigo um pouco do seu coração...

— Vae ficar no meu coração o perfume da vida...

LUIS ERBON.

Picadas de Insectos
são causadoras de grandes dôres e muitas vezes dão logar a infecção seguida de molestia grave. A dôr causada pela mordida e ferroada dos insectos, mosquitos, abelhas e aranhas, é immediatamente alliviada com uma applicação d'
A MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS.
Este admiravel medicamento devia estar sempre no armario de remedios em todos os lares, pois que não somente é bom para picadas de insectos, mas constitue tambem um excellente remedio para:
Talhos e feridas laceradas
Contusões, torceduras e luxações
Queimaduras e escaldaduras
Dôres rheumaticas
Lumbago
Nevralgia
Inflammação da garganta
Excoriações
Queimaduras do sol
E PARA USO GERAL DO TOUCADOR
Vende-se em todas as Pharmacias
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
Corner Prince and Lafayette Sts. New York City, U. S. A.
MARAVILHA CURATIVA
HUMPHREYS' MEDICINE COMPANY
MARAVILHA CURATIVA DE HUMPHREYS
14-C